

UNIVERSIDADE FEEVALE
Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais
Mestrado em Processos e Manifestações Culturais

JANICE ROBERTA SCHRÖDER

**A CIDADE E O RIO: REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIOS SOBRE
SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ - RS**

Novo Hamburgo
2014

JANICE ROBERTA SCHRÖDER

**A CIDADE E O RIO: REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIOS SOBRE
SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ - RS**

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Processos e Manifestações
Culturais pela Universidade Feevale.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Gloger Maroneze

Novo Hamburgo

2014

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Schröder, Janice Roberta.

A cidade e o rio : representações e imaginários sobre São Sebastião do Caí - RS / Janice Roberta Schröder. – 2014.

119 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2014.

Inclui bibliografia e apêndice.

“Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Gloger Maroneze.”

1. História cultural - São Sebastião do Caí (RS). 2. Caí, Rio dos, Vale do (RS e PR) - História. 3. Memória. 4. Imaginário. 5. Representações sociais. 6. História oral. I. Título.

CDU 981.65

UNIVERSIDADE FEEVALE
Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais
Mestrado em Processos e Manifestações Culturais

JANICE ROBERTA SCHRÖDER

**A CIDADE E O RIO: REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIOS SOBRE
SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ - RS**

Dissertação de Mestrado aprovada pela banca examinadora em 27 de fevereiro de 2014, conferindo à autora o título de Mestre em Processos e Manifestações Culturais.

Componentes da Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Antônio Gloger Maroneze
Universidade Feevale (Orientador)

Prof. Dr. Humberto Ivan Keske
Universidade Feevale

Prof^a. Dr^a. Maria Angélica Zubaran
Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

Dedico este trabalho a
Roque e Goreti, sem dúvidas,
os melhores pais do mundo!

AGRADECIMENTOS

Ao findar desta etapa, tenho muito a agradecer. Inicialmente a Deus pela vida, pela saúde e pela força para concluir este estudo. À minha família pelo apoio incondicional e paciência. Em especial ao meu querido esposo Eduardo, que embarcou comigo nesta viagem e foi também meu porto seguro.

À Capes e à Universidade Feevale pela bolsa de estudos recebida na segunda etapa do mestrado, que possibilitou maior dedicação à pesquisa.

À coordenação e aos professores com os quais aprendi muito. Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Antônio Gloger Maroneze que foi um grande incentivador.

À Prof^a Dra. Maria Angélica Zubarán e ao Prof. Dr. Humberto Ivan Keske que fizeram parte da banca de qualificação e contribuíram consideravelmente para este estudo.

Aos colegas do mestrado pela partilha de experiências e pelas preciosas discussões. Construimos amizades e espero que estas possam continuar sendo cultivadas. Agradeço em especial à Cláudia Gisele Masiero que se tornou uma grande amiga e uma companheira durante todo este processo.

Aos entrevistados: Sra. Marisa Selbach, Sr. Carlos Antônio Campani, Sra. Elisabeth Augusta Müller Oderich, Sr. José Alceu de Paula, Sr. Jacob Christiano Selbach, Sr. Cristiano Eraldo Oderich, Sr. Mario Glaeser e Sr. Renato Klein por terem partilhado algumas de suas memórias comigo. Estendo também o agradecimento ao Sr. Maurício Fortes pela disponibilidade de materiais biográficos e fotos de Helena Cornelius Fortes e ao Sr. Gilberto Kayser pelo incentivo e por ter compartilhado suas fotografias, bem como a todos que cederam materiais e seu tempo para o enriquecimento deste trabalho.

Agradeço a todos que porventura minha memória não tenha recordado, mas que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

RESUMO

Este estudo tem como tema a relação entre a cidade de São Sebastião do Caí e o rio Caí. O objetivo é identificar e analisar, por meio de diferentes fontes de pesquisa, as representações e os imaginários em torno da cidade na sua relação com o rio, ou seja, investigar a história e os engendramentos resultantes desse convívio. Para tanto, serão analisadas diferentes representações, algumas originárias do período do início da construção da cidade, às margens do rio e em função deste até o declínio da navegação no rio Caí, em meados do século XX. A pesquisa é qualitativa e a fundamentação metodológica para o trabalho tem a História oral como referência central baseada em Alberti (2008), Prins (1992) e Thompson (1992). Além dos relatos orais, foram utilizados jornais, imagens e poemas do livro *Reminiscências* como fontes de pesquisa. Assim, foram traçados os seguintes eixos: história, lazer e sociabilidades e economia da cidade, todos relacionados ao curso d'água em questão. Para tanto, utilizamos os estudos, relacionados à cidades, dos autores Rolnik (1995), Mumford (1998) e Anderson (2000). Os conceitos de memória e identidade foram abordados especialmente a partir de Catroga (2001), Pollak (1989; 1992), Halbwachs (2006) Candau (2012) e Hall (2002; 2003). As questões relativas à representações foram pautadas em Chartier (2002) e Pesavento (2008) e imaginários a partir de Durand (1996), Maffesoli (2001) Silva (2006) e Baczkó (1985). Este estudo se insere no campo da História Cultural do urbano e é baseado em Pesavento (2002; 2008; 2012). A análise realizada recai sobre as representações sociais e os imaginários em torno da cidade em sua relação com o rio. Constatou-se que o rio Caí é o eixo estruturador do espaço urbano em questão tendo sido imprescindível para os primeiros colonizadores, bem como essencial para a comunicação e comércio com outras cidades sendo responsável pela concentração populacional em suas imediações. As representações expressam a ideia de pertencimento à cidade a partir da concepção de um passado comum construído às margens do rio Caí bem como um imaginário glorioso em torno do porto que foi responsável pela criação da vila.

Palavras-chave: História Cultural. Memória. Cidade. Rio Caí. Representações. Imaginários.

ABSTRACT

This study has as theme the relation between the city of São Sebastião do Caí and the Caí River. The objective is to identify and analyze, through different research sources, representations and imaginaries around the town and its relation to the river, so, to investigate the history and the conception resulting from this interaction. For this, we analyzed different representations, some originated from the period of commencement of construction of the city, on the riverbanks and due to this the decline of shipping in Caí River in the mid-twentieth century. The research is qualitative and methodological foundation for the study has oral history as the central reference based in Alberti (2008), Prins (1992) and Thompson (1992). In addition to the oral histories, newspapers, pictures and poems in the book *Reminiscences* as research sources were used. So, the following lines were drawn: History, leisure and sociability and economy of the city, all related to the watercourse in question. Therefore, we use the studies related to the cities of the authors Rolnik (1995), Mumford (1998) and Anderson (2000). The concepts of memory and identity were addressed especially from Catroga (2001), Pollak (1989, 1992), Halbwachs (2006) Candau (2012) and Hall (2002, 2003). Issues concerning the representations were guided by Chartier (2002) and Pesavento (2008) and imaginary from Durand (1996), Meffesoli (2001) Silva (2006) and Baczko (1985). This study belongs to the field of urban and cultural history based on Pesavento (2002 , 2008 , 2012) . The analysis rests on the social representations and the imaginary around town in its relation with the river. It was found that the Caí River is the structural axis of urban space in question being essential to the early settlers, as well as essential for communication and trade with other cities being responsible for population concentration in their vicinity. The representations express the idea of belonging to the city from the design of a common past built on the banks of Caí River and a glorious around the harbor which was responsible for creating the village.

Keywords: Cultural History. Memory. City. Caí River. Representations. Imaginary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cais do Porto.....	50
Figura 2 – Cartão Postal de São Sebastião do Caí (data aproximada: 1905).	54
Figura 3 – Imagem de Helena Cornelius Fortes.	55
Figura 4 – Capa do livro <i>Reminiscências</i>	59
Figura 5 – Imagem de Helena Cornelius Fortes, autografando seu livro.....	60
Figura 6 – Imagem do vapor <i>Salvador</i> com o bloco "Os Marinheiros".	69
Figura 7 – Banda musical de Miguelino Silveira no Cais do Porto, por ocasião de uma festividade.	74
Figura 8 – Competidores: Reinaldo Kaiser - timoneiro, Atílio Rübenich, Mauro Selbach, Reno Jacobsen e Remo Rübenich.....	75
Figura 9 – Imagem da bacia hidrográfica do rio Caí.....	77
Figura 10 – Cais do Porto.....	81
Figura 11 – Vapor <i>Garibaldi</i> ancorado no rio Caí.	81
Figura 12 – Cais do Porto do Guimarães em um movimentado dia de carga e descarga – década de 1920.....	82
Figura 13 – Cais do Porto do Guimarães.	83
Figura 14 – Fotografia de um barco entrando na eclusa.	85
Figura 15 – Prédios inundados pela cheia de 1928.....	89
Figura 16 – Enchente atingindo prédios nas imediações do Porto do Guimarães. ..	90
Figura 17 – Enchente de 1928. Companhia de Navegação Michaelsen.	91
Figura 18 – Enchente de 1928. Vapor <i>Salvador</i>	92
Figura 19 – Enchente de 1932. Esquina da Agência Ford.	93
Figura 20 – Enchente de 1941. Porcos em frente à prefeitura.	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A CIDADE COMO TEMA DE ESTUDO	16
2.1	MEMÓRIA E IDENTIDADE NO ESPAÇO URBANO	23
2.2	REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIOS COLETIVOS	30
3	NAVEGANDO NAS MEMÓRIAS DO RIO CAÍ	38
3.1	REFLETINDO SOBRE MEMÓRIAS E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO	41
3.1.1	Considerações sobre os primeiros moradores da cidade	45
3.1.2	Helena Cornelius Fortes	55
3.1.3	Poema "Família Guimarães"	61
3.2	LAZER E SOCIABILIDADES RELACIONADAS AO RIO CAÍ	65
3.2.1	Bloco de carnaval dos Marinheiros	69
3.2.2	Banhos no rio Caí, natação e pescarias	71
3.2.3	Bandas	72
3.2.4	Clubes de Regatas na cidade	74
4	NA FLUIDEZ DAS ÁGUAS SE CONSTITUI A CIDADE	77
4.1	A BARRAGEM RIO BRANCO	84
4.2	AS ENCHENTES	88
4.3	POEMA "VAPORES"	95
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS	107
	ANEXO A - Autorizações para uso de entrevistas	112
	ANEXO B - Autorização de publicação de biografia e imagens de Helena Cornelius Fortes	120

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a cidade vem sendo tema recorrente em pesquisas. Esse espaço, que se constitui sobre uma natureza primeira, modificando-a, torna-se tema fecundo para as mais diversas áreas do conhecimento. Tendo em vista que a cidade pode ser analisada sob diversos prismas devido à pluralidade que abarca, centramos o estudo na relação da cidade com o rio e suas imbricações. A motivação para o presente trabalho surgiu a partir de questionamentos da autora sobre São Sebastião do Caí e sua história, bem como da constatação da carência de pesquisas e publicações sobre essa cidade sob um viés histórico-cultural.

Este estudo tem como tema a relação dos caienses com o rio Caí, desde 1875 até meados do século XX. A delimitação temporal se deu desta forma devido à importância do rio como escoadouro de mercadorias e via de acesso a bens não fabricados na região, o que possibilitou a elevação do povoado à categoria de vila, em 1875, devido ao Porto do Guimarães. A pesquisa, que se debruça sobre aspectos relativos à navegação no rio Caí, estende-se até meados do século XX, quando essa atividade, que passava por um processo de declínio já há algumas décadas, praticamente desapareceu, especialmente devido ao investimento em rodovias em detrimento do investimento em hidrovias.

A importância do rio ficou registrada no nome da cidade. São Sebastião do Caí traz a herança indígena em seu nome. “Caí” significa rio da mata, enquanto São Sebastião refere-se ao nome do padroeiro da cidade. O rio pertence à bacia hidrográfica do rio Caí e, de acordo com o Comitê de gerenciamento da bacia que leva o mesmo nome, abrange uma extensão de 264 km. Ele nasce em São Francisco de Paula, e suas águas deságuam na margem esquerda do Jacuí, onde se inicia o Guaíba.

Atualmente, esse curso d'água ainda abastece a cidade, mas está poluído, recebendo resíduos sólidos e esgoto em seu percurso. O corte da vegetação ciliar também prejudicou o rio. Portanto, a qualidade da água do Caí está sendo afetada pela ação do homem, que sofre as consequências quando ocorrem as enchentes, e a água invade muitas residências, deixando para trás prejuízos e contaminação. A frequência das inundações, suas consequências e a relação dos caienses com as enchentes fazem com que esses eventos passem a fazer parte da memória coletiva

dos caienses. Contudo, em função do tempo necessário para empreender uma pesquisa tão abrangente e de sua delimitação, não trataremos especificamente das enchentes neste trabalho e, possivelmente, este poderá ser tema de estudos futuros.

Portanto, o rio e a cidade são o foco da presente pesquisa que foi desenvolvida para a conclusão do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da FEEVALE dentro da linha de pesquisa Memória e Identidade. A relevância deste estudo justifica-se em razão de que tal tema não havia ainda recebido tratamento acadêmico e de que poderá contribuir no sentido de constituir-se em representações sobre a história e a cultura da cidade em questão, que carece de estudos sobre este tema. É importante salientar que, por meio desta pesquisa, muitos dados foram coletados: memórias, poemas e imagens. Conseqüentemente, esses registros poderão servir como consulta para a elaboração de outros trabalhos. Contudo, para além dos objetivos acadêmicos, reside a função social do estudo, que irá contribuir para que as atuais e futuras gerações tenham acesso a aspectos relacionados à história e à cultura da cidade, registrados a partir desta pesquisa.

Nesse sentido, a questão norteadora do estudo visa identificar quais as representações e os imaginários dos caienses sobre o rio Caí em sua relação com a cidade. Assim, foram traçados alguns eixos como a história, o lazer e as sociabilidades e a economia da cidade, todos relacionados ao curso d'água em questão.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é identificar e analisar, mediante diferentes fontes, as representações e os imaginários em torno da cidade e do rio, ou seja, investigar a história e os engendramentos resultantes desse convívio. Para isso, foram elencados alguns objetivos específicos que orientam este estudo. Um deles busca identificar representações da história da cidade a partir do rio Caí, sendo materializado a partir de memórias, imagens e poemas.

Outro objetivo consiste no registro de aspectos relacionados ao lazer e às sociabilidades dos caienses em relação ao rio. Nesse sentido, memórias, imagens e poemas constituíram-se como fontes para atingir tal objetivo. Por fim, pretende-se verificar a relação do rio e, mais especificamente, do Porto do Guimarães com o desenvolvimento da economia da cidade. Para isso, além das fontes já citadas, foi utilizado o estudo de Reinheimer (2010), relativo à navegação no Rio Grande do Sul.

Pensando em desenvolver o trabalho por meio de um viés histórico e cultural baseado em representações, adentrou-se um caminho incerto, porém, instigante, que é o estudo de memórias, poemas, imagens e jornais que versassem sobre a cidade na sua relação com o rio Caí. De acordo com Pesavento (2002, p. 8), "a representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas". Almeja-se, neste trabalho, a partir de representações de moradores de São Sebastião do Caí, descrever e interpretar o imaginário caiense na relação cidade/rio. Mediante este estudo, acredita-se ser possível atingir imaginários pelo uso de diversas fontes de pesquisa, aliadas a uma metodologia de análise flexível, pautada na História Cultural, que permite atingir tais imaginários.

Além de esclarecer os objetivos do estudo e suas justificativas, elencaram-se os preceitos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica sobre a história da cidade e com uma revisão das publicações relacionadas ao tema em questão, para se fazer a contextualização do estudo, que é explicativo em relação aos objetivos e qualitativo¹ em relação à abordagem do problema. Portanto, acredita-se que é preciso considerar a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito que não pode ser traduzido em números, ou seja, que é preciso considerar esta relação como objeto de estudo, passível de interpretação (PRODANOV; FREITAS, 2009). No caso da presente pesquisa, é a constituição de uma relação dos moradores da cidade com o rio a partir da história, do lazer, das sociabilidades e da economia da cidade. Os pressupostos metodológicos basilares a cada tipo de fonte de pesquisa serão explicados no trabalho na medida em que vão sendo abordados.

O trabalho com memórias, poemas e imagens exige que tais fontes sejam contextualizadas, o que será feito a partir da monografia de Masson (1940), primeira obra de que se tem conhecimento que se debruça sobre a história da cidade e que continua sendo referência até hoje devido à escassez de publicações. A leitura da

¹ Parte-se do pressuposto de que "há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação de fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. [...] Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais da abordagem" (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 81).

monografia proporciona um panorama geral da história da cidade. Há o estudo de Reinheimer (2010) sobre navegação fluvial, que também contribui nesse sentido.

Em função do uso das fontes, já destacadas, utilizaram-se algumas reportagens do jornal *Correio do Povo* do período do centenário da cidade, 1975, para auxiliar na contextualização do estudo, haja vista que, no período que está sendo estudado, a cidade não possuía jornal. Convém destacar que as reportagens selecionadas remetem ao período inicial de constituição da vila, ainda no século XIX, e que estas foram baseadas em pesquisas em museus e arquivos públicos e, portanto, contribuem dando suporte para a análise das demais fontes. Portanto, a contextualização das imagens, dos poemas e dos relatos orais será feita a partir de Masson (1940), do jornal *Correio do Povo* e do estudo de Reinheimer (2010).

Foram realizadas entrevistas com o intuito de verificar quais as representações dos caienses acerca do rio Caí, e suas imbricações com os imaginários da cidade. Para a realização das entrevistas, seguiram-se as orientações de Thompson (1992), Prins (1992) e Alberti (2008). Neste trabalho, foi feito o uso de entrevistas exploratórias e semiestruturadas, já que são poucos os registros escritos sobre a relação da cidade com o rio.

Os entrevistados são caienses acima de 68 anos de idade. Os critérios para a seleção dos entrevistados foram o conhecimento e/ou interesse sobre a história da cidade, a idade e a memória, que esteja apta a conceder entrevistas coerentes. Entre janeiro e novembro de 2013, foram entrevistadas oito pessoas, dentre as quais havia duas mulheres e seis homens. São eles: Sra. Marisa Selbach, Sr. Carlos Antônio Campani, Sra. Elisabeth Augusta Müller Oderich, Sr. José Alceu de Paula, Sr. Jacob Christiano Selbach, Sr. Cristiano Eraldo Oderich, Sr. Mario Glaeser e Sr. Renato Klein.

Também foram coletadas imagens relacionadas à cidade, ao rio ou oriundas da relação estabelecida entre ambos, com alguns entrevistados e outros colaboradores como o Sr. Gilberto Kayser.

Ademais, fizemos uso de poemas escritos por Helena Cornelius Fortes (1975), em livro intitulado *Reminiscências*. Salientamos que os poemas empregados neste estudo referem-se ao período ao qual o estudo se propôs, isto é, do início da constituição da vila de São Sebastião do Caí, até meados do século XX. A obra foi escrita em homenagem ao centenário do município. Convém ressaltar que, para a

escrita dos poemas, a autora entrevistou idosos, que contribuíram com suas representações sobre os mais variados aspectos relacionados à cidade, o que faz seus poemas serem considerados como registros sobre aspectos históricos e culturais de São Sebastião do Caí sendo utilizados, na presente pesquisa, para a contextualização dos relatos orais.

A análise das fontes está pautada na História Cultural. Parte-se do princípio de que este estudo se insere no que Pesavento (2002, p. 8) chama de "história cultural do urbano e que se propõe a estudar a cidade através de suas representações". É na cidade que as pessoas vivem e convivem sendo, portanto, um lugar permeado por imaginários, representações e memórias, sejam estes ou estas individuais ou coletivas. Nesse sentido, Chartier (2002) propõe que as representações coletivas são como as matrizes de práticas que constroem o próprio mundo social. Portanto, foram adotados tais pressupostos para o desenvolvimento deste estudo.

A metodologia da História Cultural é pautada no estudo das representações por meio de um olhar investigativo. Pesavento (2012, p. 65) enfatiza que o historiador deve "montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo". Deve também se valer de vestígios diversos, isto é, fontes variadas para fazer o cruzamento e compor uma representação do passado. Na exposição da metodologia, a autora aponta também a descrição densa apropriada da Antropologia que vem a complementar o que já foi proposto. Esta descrição pressupõe a exploração intensa das fontes na busca de significados.

Deste modo, investiu-se no cruzamento de diversas fontes para se obterem representações e imaginários da cidade. Buscou-se registrar representações sobre a cidade, sobre seus moradores, sua história, sua cultura e sobre os engendramentos emergidos a partir da relação da cidade com o rio Caí.

Além dos estudos de Masson (1940) e Reinheimer (2010), foram utilizados os artigos de Martiny (2008; 2009), respectivamente: "Das presenças e ausências: as Atas da Câmara Municipal de São Sebastião do Caí (1875 a 1892) como fonte de pesquisa" e "A elite política local de uma região marcada pela imigração (final do século XIX)".

Como se pode perceber, esses são alguns dos estudos que versam sobre a cidade ou o rio e que contribuem para o desenvolvimento deste trabalho. Porém, não foi encontrado nenhum estudo relacionado ao rio Caí que tenha se utilizado do viés histórico e cultural como o proposto pela presente pesquisa. Neste trabalho, a partir de representações da mídia impressa, de memórias, de imagens e de poemas, propõe-se um estudo que permita entender os imaginários da cidade. Acredita-se que, a partir da análise destas fontes diversas, com um olhar interdisciplinar², se possa atingir uma comunidade imaginada, ou também uma comunidade de sentidos gerada por sentimentos de pertencimento a tal espaço, que é a cidade de São Sebastião do Caí.

A partir dessas considerações, esta dissertação foi estruturada em três capítulos. No primeiro, são discutidos conceitos basilares do estudo. Sob o título "A cidade como tema de estudo", são abordados aspectos comuns às cidades e sua origem. Também abordam-se concepções de memória e de identidade relacionadas ao espaço urbano e a definições de imaginários e de representações coletivas, que consistem no cerne do estudo em questão.

Na sequência, o capítulo "Navegando nas memórias do rio Caí" trata de representações de aspectos referentes à história e ao lazer relacionado ao rio Caí, por meio das fontes já destacadas.

Por fim, no capítulo intitulado "Na fluidez das águas se constitui a cidade", são abordados aspectos referentes à economia e ao desenvolvimento da cidade a partir do rio Caí.

² Para se alcançar esse olhar interdisciplinar, se faz uso de diversas fontes de pesquisa e de autores ligados à História, à Sociologia, à Antropologia e à Literatura.

2 A CIDADE COMO TEMA DE ESTUDO

A sedentarização do homem se deu em torno dos rios. De acordo com Rolnik (1995, p. 8), a cidade "nasce com o processo de sedentarização, e seu aparecimento delimita uma nova relação homem/natureza: para fixar-se em um ponto para plantar é preciso garantir o domínio permanente de um território". Com essa nova configuração do espaço, houve a necessidade da organização da vida social e da gestão da produção coletiva. Portanto, "indissociável à existência material da cidade está sua existência política" (ROLNIK, 1995, p. 8). A autora enfatiza:

[...] desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante de cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos (ROLNIK, 1995, p. 22).

Rolnik (1995) destaca dois pontos importantes da cidade: a organização do território e a relação política estabelecida entre os habitantes. Nos próximos capítulos, será relacionado esse processo à realidade de São Sebastião do Caí.

Mumford (1998, p. 68), historiador estadunidense, destaca que "a marca da cidade [...] é o produto de uma enorme mobilização de vitalidade, poder e riqueza, que a princípio esteve necessariamente confinada a uns poucos grandes rios, em regiões especialmente favorecidas". Com o passar do tempo, os espaços em torno dos rios foram sendo desenvolvidos e surgiram as primeiras cidades. Nesse sentido, Anderson (2000) destaca que a Antiguidade greco-romana era essencialmente mediterrânea. Ainda em relação à cidade, o autor propõe que "o comércio interlocal que a reunia só podia se fazer por água: o transporte marítimo era o único meio viável para a troca de mercadorias a médias ou longas distâncias" (ANDERSON, 2000, p. 20). Logo, considera-se que, em torno dos rios, desenvolveram-se as primeiras cidades. Complementando a ideia inicial, Anderson (2000) enfatiza:

Não é acidental, portanto, que a zona do Egeu - um labirinto de ilhas, baías e promontórios - tenha sido o primeiro berço da cidade-Estado; que Atenas, seu maior exemplo, tenha tido no transporte marítimo os fundamentos de suas fortunas comerciais; que, quando a colonização grega se espalhou pelo Oriente Próximo no período helênico, o porto de Alexandria se tenha tornado a maior cidade do Egito, a primeira capital marítima em sua história;

e que Roma, por sua vez, situada às margens do Tibre, se tenha tornado uma metrópole costeira. A água era o meio insubstituível da comunicação e do comércio que tornava possível o crescimento urbano de uma sofisticação e uma concentração bem distantes do interior rural que havia por trás (ANDERSON, 2000, pp. 20-21).

O autor enfatiza a importância da água para as cidades na antiguidade destacando-a como meio insubstituível de comunicação e comércio, o que reforça a ideia da dimensão essencial que os cursos d'água tinham para a concentração populacional na época. Nesse sentido, se referindo às primeiras civilizações, Mumford (1998, p. 68) destaca "que os próprios rios foram as primeiras autoestradas, tão logo se inventaram os barcos" e que foi ao longo destes que a população se tornou mais densa. Ainda em relação ao rio, Mumford (1998) ressalta:

[...] o componente dinâmico da cidade, sem o qual ela não podia ter continuado a aumentar em tamanho, alcance e produtividade: trata-se do primeiro meio eficiente de transporte em massa, as vias aquáticas. Não foi por acaso que o primeiro crescimento das cidades teve lugar em vales de rios; e o aparecimento da cidade é contemporâneo ao aparecimento dos aperfeiçoamentos da navegação, desde o feixe flutuante de juncos ou de troncos até o barco impelido por remos ou velas (MUMFORD, 1998, p. 84).

O autor observa a importância das vias aquáticas para o desenvolvimento das cidades e vincula o aparecimento das cidades ao advento dos aperfeiçoamentos da navegação. Ele reforça: "O transporte tornou possível equilibrar os excedentes e dar acesso a especialidades distantes: tais eram as funções de uma nova instituição urbana, o mercado, em si mesmo um produto das seguranças e realidades da vida urbana" (MUMFORD, 1998, p. 84). Portanto, o uso do rio como via de transporte, aliado ao desenvolvimento das técnicas relativas à navegação, gerou a possibilidade de venda de excedentes e o consequente desenvolvimento do comércio e das cidades sem precedentes.

Em São Sebastião do Caí, esse processo se deu de maneira semelhante, salvo as peculiaridades resultantes do seu contexto. Enquanto no início do processo de fixação do homem à terra este buscava proximidade dos rios com o objetivo de ter água para saciar a sede, cultivar a terra e criar animais, na cidade em questão, a proximidade ao rio garantia, além de água para satisfazer suas necessidades, as condições naturais apropriadas para a construção de um porto. Em função da criação do porto, a sede da vila foi transferida para o que passou a se chamar Porto do Guimarães que possibilitava o escoamento de mercadorias e o acesso a outros

bens não produzidos na região. Consistia, na época, na região central da futura cidade de São Sebastião do Caí. Portanto, o rio é o eixo estruturador do espaço urbano em questão.

Sendo o eixo estruturador do desenvolvimento da cidade, as moradias e o comércio se concentraram em torno do rio. Dessa forma, falar de representações da cidade, conseqüentemente leva a considerar as representações em torno do rio Caí. Este, conforme já referido, além de servir para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência dos moradores e como via de escoamento da produção local e de acesso a produtos de outras regiões, serviu ainda como lugar de lazer e também como "problema", em determinados momentos, por ocasião das cheias.

Portanto, as percepções e as representações da cidade estão diretamente ligadas ao imaginário urbano que opera de acordo com as construções simbólicas da cidade relacionada ao rio. Assim, de acordo com Duarte (2006), se constrói nesse espaço uma rede infinita de relações e representações. Dessa forma, neste trabalho, buscou-se dar voz às fontes fazendo o que Duarte (2006, p. 106) chama de "buscar indícios na concretude da cidade de usos e vivências anteriores de uma região e que ainda hoje alimentam a vivência, percepção e representação da cidade". A partir desses indícios, tem-se a intenção de atingir representações da história e da relação da cidade com o rio desde o surgimento desse espaço como vila e, posteriormente como cidade, a partir de 1939.

Goitia (2008) destaca a dificuldade de definição do conceito de cidade, pois há grande diversidade de cidades consideravelmente distintas umas das outras. Entretanto, adotou-se conceito de Rolnik (1995), que destaca:

Sobre montanhas, rios e pedras da natureza primeira se implanta uma segunda natureza, manufaturada, feita de milhares de plantas geométricas. Fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza (ROLNIK, 1995, pp. 7-8).

O conceito acima traz dois aspectos essenciais para este estudo. Um deles é a afirmação de que a cidade é uma obra coletiva, portanto, permeada por imaginários e representações sociais. O outro é que a cidade desafia a natureza, aspecto relevante, haja vista que a cidade em questão sofre com as cheias constantes.

A cidade tem sido um espaço amplamente estudado. Nesta pesquisa, há a preocupação de pensar as representações dentro de um determinado espaço urbano específico, a cidade de São Sebastião do Caí, que teve o rio como eixo estruturador do espaço urbano. Sendo assim, interessa compreender a história e as particularidades culturais da cidade na sua relação com o rio.

Nesse sentido, convém definir cultura sob uma perspectiva antropológica, que não hierarquiza as culturas e que engloba as ações e as produções comuns e cotidianas dos cidadãos, diferentemente das definições tradicionais de cultura que denotam refinamento ou superioridade em relação às demais. Dessa forma, adotou-se o conceito de Geertz (1989), que entende a cultura como um "discurso" que existe como comunicação dentro de um determinado contexto espaço-temporal. O mesmo autor propõe que:

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 15).

Geertz (1989) concebe o conceito de cultura por meio da comparação de um homem a um animal amarrado a teias de significados. As teias orientam as manifestações individuais e coletivas, instauram sentido e ordem social. Essas teias interligadas consistem em fonte fecunda para o estudo das culturas. Geertz (1989) destaca também que a cultura é uma ciência interpretativa em busca do significado. O autor aponta que a cultura é composta por múltiplos significados e, nesse sentido, propõe-se investigar as diferentes significações produzidas sobre o rio e a cidade de São Sebastião do Caí.

O homem é produto da cultura, mas também é produtor, à medida que interfere dialogicamente no contexto historicamente herdado. Conforme Geertz (1989), é por meio da cultura que se perpetuam e se desenvolvem os conhecimentos dos indivíduos acerca da vida, da morte, da economia, etc. A cultura é também expressão da memória coletiva que ressignifica os vestígios históricos de uma comunidade.

Relacionando cultura, memória e identidade, Bosi (1992) destaca:

A possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz pelas mediações simbólicas. É o gesto, o canto, a dança, o rito, a

oração, a fala que evoca, a fala que invoca. No mundo arcaico tudo isto é fundamentalmente religião, vínculo do presente com o outrora-tornado-agora, laço da comunidade com as forças que a criaram em outro tempo e que sustentam a sua identidade (BOSI, 1992, p. 15).

Na citação acima, Bosi (1992) enfatiza aspectos culturais, os símbolos, as raízes de comunidades que sustentam a sua identidade. Então, parte-se do pressuposto de que não existe uma cultura homogênea. Mas “ao contrário: a admissão de seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um ‘efeito de sentido’, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço” (BOSI, 2008, p. 7), o que não desqualifica investigações no território da cultura. Pelo contrário, traz a consciência da diversidade e da riqueza que tal campo propicia.

Este estudo segue a linha da História Cultural. Conforme Chartier (2002), a História Cultural pode ser entendida como a história das representações. O autor considera as representações como as diversas formas pelas quais os grupos percebem e compreendem a sociedade e sua história. Ele destaca que "a História cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (2002, pp. 16-17). Ou seja, remete ao modo como, em diferentes momentos históricos, uma determinada realidade é apresentada, construída, pensada.

Em concordância, Pesavento (2012) destaca que a proposta da História Cultural seria a decifração da realidade do passado a partir das representações. A autora afirma que se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o fazem alguns autores, é porque se tem uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Trata-se de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Esse modo de ver vem ao encontro da explicação antropológica de cultura proposta por Geertz (1989), quando ele compara a cultura a teias de significado, pois essas teias funcionam como um conjunto de significados partilhados, como discursos que servem para explicar a sociedade.

Portanto, parte-se do princípio de que este estudo se insere no que Pesavento (2002) chama de "história cultural do urbano", que se propõe a estudar a cidade por meio de suas representações. A cidade é um espaço privilegiado para o

encontro de pessoas, é local de intenso movimento e é, portanto, um espaço permeado por representações e imaginários coletivos. A mesma autora propõe ainda: "A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas" (PESAVENTO, 2002, p. 8). Sendo assim, o estudo das representações da cidade leva a considerações relativas à história e à cultura dos moradores de São Sebastião do Caí, que são acessados a partir de registros e sinais do passado, de um tempo distante, não vivido por nós.

Pesavento (2002, p. 9) enfatiza que "[...] a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que outros". Dessa forma, desenvolveu-se esta pesquisa buscando-se, mediante diferentes fontes, registrar múltiplas representações sobre o rio e a cidade, atribuídas por diferentes sujeitos.

De acordo com Pesavento (2002), a complexidade da vida contemporânea deve ser analisada como uma cidade plural. Cidade esta que deve ser analisada por uma "visão poliocular" (MORIN, 1989), ou seja, não restrita à visão a partir de um ângulo ou uma disciplina, mas que seja transdisciplinar. Morin propõe ainda:

O que me interessa não é uma síntese, mas um pensamento transdisciplinar, um pensamento que não se quebre nas fronteiras entre as disciplinas. O que me interessa é o fenômeno multidimensional, e não a disciplina que recorta uma dimensão deste fenômeno. Tudo que é humano é, ao mesmo tempo, psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico. É importante que estes aspectos não sejam separados, mas sim que concorram para uma visão poliocular. O que me estimula é a preocupação de ocultar o menos possível a complexidade do real (MORIN, 1989, p. 35).

O autor salienta pontos cruciais da pesquisa, dentre eles o olhar multidimensional, que leva a uma compreensão mais precisa e consistente dos engendramentos culturais. Esse é o olhar que se busca lançar sobre a cidade para poder detectar e compreender a complexidade, a diversidade cultural que ela abarca. As relações interpessoais possibilitam uma multiplicidade de olhares, que devem ser explorados de forma interdisciplinar na busca de cadeias de significados (PESAVENTO, 2002). Nesse sentido, Burke (2005) destaca que os historiadores estão se tornando cada vez "mais conscientes de que pessoas diferentes podem ver

o mesmo 'evento' ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas" (BURKE, 2005, p. 101). A afirmação do autor, que salienta a ideia de que um mesmo "evento" é visto com perspectivas diferentes pelos sujeitos, vem ao encontro do que se pretende neste trabalho: lançar um olhar sobre diferentes fontes de pesquisa para investigar as representações sobre a história e a cultura da cidade. Pesavento (2002) propõe:

As imagens urbanas têm o seu lado simbólico consensual, imposto e/ou atribuído, mas, paralelamente às assimetrias sociais, a desigual apropriação do solo e os distintos posicionamentos políticos podem, por sua vez, colocar outras questões e levar a outros entendimentos (PESAVENTO, 2002, p. 17).

A autora enfatiza que, para além dos consensos, existem as assimetrias. Eis a necessidade de olhar atentamente para registrar, através de variados meios, os diversos olhares, as diversas representações oriundas dos habitantes da cidade. As narrativas da cidade se tornam representação do real por meio de discursos e imagens que trazem imaginários sociais construídos sobre a cidade ao longo da história. Ela enfatiza que "o espaço urbano, na sua materialidade imagética, torna-se assim, um dos suportes da memória social da cidade" (PESAVENTO, 2002, p. 16). O espaço urbano é rico em diversidade e oferece para os habitantes suportes da memória social, que são acessados de forma consciente ou não. A análise desses suportes requer o auxílio de outras disciplinas. É nessa perspectiva, respaldado por Morin (2009), que propõe a articulação das disciplinas para dar-lhes mais vitalidade e fecundidade, que se trabalha com autores de diferentes áreas do conhecimento como Antropologia, Sociologia e Literatura, para desenvolver este estudo.

Nesse sentido, Pesavento (2002) afirma ainda, que o historiador precisa se valer de representações do passado que "documentem o real", de áreas distintas do conhecimento. Além desse esforço na ampliação de fontes, foi preciso "[...] recolher, cruzar, comparar e relacionar todas as variáveis e registros a fim de construir uma narrativa que tenha efeito de real, que dê uma versão do passado" (PESAVENTO, 2002, p. 11) e que, portanto, constitua representações deste. Essa postura frente à pesquisa possibilitará a construção de representações mais completas nesse emaranhado de complexidades que envolvem o estudo do espaço urbano. Nesse contexto de documentações do real, está a memória, que é extremamente interessante por fornecer informações peculiares que outras fontes não são capazes

de prover e que pode contribuir trazendo à tona elementos da história e da cultura de determinados grupos ou comunidades.

2.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE NO ESPAÇO URBANO

Considerando a memória como fonte de estudo e como aspecto imprescindível na constituição das identidades, sejam individuais ou coletivas, ela é, conseqüentemente, essencial na construção de representações sobre o passado da cidade. A memória pode ser um profícuo instrumento quando, aliado a outras fontes, busca reconstituir algo que já passou. Conforme Le Goff (1996, p. 423), a memória é a “[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. De acordo com o autor, é graças à memória que podemos atualizar impressões ou informações passadas, que pode nos fazer refletir sobre nossa constituição enquanto sujeitos inseridos em determinados grupos e espaços. Se não tivéssemos memória, não seria possível nos situarmos dentro dos grupos e espaços nos quais estamos inseridos. Seria como se acordássemos a cada manhã sem sabermos quem somos. A memória gera o pertencimento a grupos sociais nas diversas instâncias. Para Catroga (2001), a memória é social. O autor enfatiza que:

Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do *outro*; e muitas vezes a *anamnesis pessoal* é recepção de recordações contadas por outros e só a sua inserção em narrações coletivas – comumente reavivadas por liturgias de recordação – lhes dá sentido (CATROGA, 2001, p. 45, grifos do autor).

Catroga (2001) traz um aspecto essencial para os estudos da memória que é a importância do "testemunho do outro", ou seja, enfatiza o caráter coletivo da memória. Nessa mesma linha, Pollak (1989) destaca o sentimento de pertencimento gerado pelas memórias coletivas que garantem a coesão dos grupos e o pertencimento a determinados espaços. O autor destaca:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como

vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc... A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade [...] (POLLAK, 1989, p. 7).

A partir dos autores citados, julga-se importante investigar as memórias relativas à cidade na sua relação com o rio, haja vista que a cidade se constitui a partir deste e que tais memórias garantem a coesão dos caienses. Acredita-se existirem determinados aspectos na cidade de São Sebastião do Caí que são comuns aos habitantes gerando determinadas representações e alimentando imaginários coletivos que fortalecem a identidade dos caienses, garantindo determinadas lembranças comuns aos habitantes da cidade. Nesse sentido, Silva (2005) destaca que a memória coletiva é composta pelas lembranças que foram vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que estas são entendidas como propriedade de uma comunidade. Portanto, pode-se falar em uma multiplicidade de memórias que constituem identidades de grupos. Halbwachs (2006, p. 69) propõe:

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior frequência a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.

O autor destaca a existência da memória individual e que esta é um ponto de vista sobre a memória coletiva, bem como a importância da análise do contexto, à medida que a memória individual constitui sua lembrança a partir do lugar que ocupa e das relações que mantém. Outro aspecto que vale salientar é a seletividade da memória. Os indivíduos não se recordam de tudo, a recordação ocorre a partir do presente e o sujeito faz seleções do que lembrar e do que esquecer. De acordo com Pollak (1992, p. 4), “A *memória é seletiva*. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (grifos do autor). Portanto, a memória não reconstituirá o evento, não será um resgate do passado tal qual ele ocorreu, mas a memória trará lembranças que possibilitarão a construção de representações do passado.

Assim, o que se busca com o estudo das memórias é recuperar aspectos do passado, neste emaranhado de peculiaridades, multiplicidades e mesmices, para auxiliar na compreensão da história e de aspectos culturais da cidade, de tal forma que os sujeitos possam se entender na relação com o presente. Nesse sentido, pretende-se instigar as lembranças dos entrevistados para, posteriormente, sistematizá-las transformando-as em História. A memória passa a ser recolocada no tempo e no espaço com o olhar a partir do presente, gerando representações.

Em consonância com Catroga (2001), acredita-se que memória e identidade andam juntas. São as memórias, os poemas, os jornais e as imagens que possibilitam a criação de um sentimento de pertencimento ao espaço urbano em questão. Os ritos de comemoração (ou seja, de “recordar com”) instituem sociabilidades que desenvolvem um papel pragmático e normativo no grupo social. A história e o patrimônio comum, material ou espiritual, inserem os indivíduos “em cadeias de filiação identitárias, distinguindo-os em relação a outros” e exigem dos membros de um determinado grupo “deveres e lealdades endógenas” (CATROGA, 2001, p. 50). Um passado comum e os ritos de recordação fornecem as condições para a criação de “sentimentos de pertença, em que cada subjetividade se autorreconhece filiada em totalidades genealógicas que, vindas do passado, se projetam no futuro” (CATROGA, 2001, p. 51). Trata-se, portanto, de um “imaginário da memória”, que liga a comunidade a um tempo/espaço específico que filia e distingue seus membros, identificando-os.

Conforme Candau (2012), memória e identidade estão indissolivelmente ligadas. O autor destaca que:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAU, 2012, p. 16).

Portanto, parte-se do pressuposto de que memória e identidade são indissociáveis: a memória é o fundamento da identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo (CANDAU, 2012). A memória dos caienses na relação da cidade com o rio cria uma identidade coletiva característica deste espaço urbano. Essas memórias constituem-se mediante as fontes históricas e serão analisadas nos

capítulos posteriores. Candau (2012) salienta ainda que memória e identidade se entrecruzam indissociáveis e se reforçam mutuamente.

As identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de "traços culturais" - vinculações primordiais - mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socio-situacionais - situações, contextos, circunstâncias -, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de "visões de mundo" identitárias ou étnicas (CANDAU, 2012, p. 27).

Nesse sentido, tanto as identidades quanto as memórias são construídas a partir das relações do indivíduo consigo, com suas lembranças, e na relação com os outros. Portanto, as memórias são plurais, móveis e mutantes (CANDAU, 2012) da mesma forma que as identidades.

Em relação às lembranças, Halbwachs (2006) assevera que, embora possamos localizar determinado fato no tempo e no espaço, e familiares ou amigos nos façam uma descrição desse fato, às vezes, nos vimos diante de um dado abstrato ao qual nem sempre correlacionamos qualquer lembrança viva. O mesmo autor propõe:

A consciência jamais está encerrada em si mesma, não é vazia nem solitária. Somos arrastados em inúmeras direções, como se a lembrança fosse uma baliza que permitisse nos situarmos em meio da variação constante dos contextos sociais e da experiência coletiva histórica. [...] De todas as "interferências coletivas" que correspondem à vida dos grupos, a lembrança é como a fronteira e o limite: ela está na intersecção de muitas correntes do "pensamento coletivo". É por isso que sentimos tanta dificuldade para lembrar acontecimentos que só dizem respeito a nós mesmos. Vemos então que não se trata mais de esclarecer uma essência ou uma realidade fenomenal, mas de compreender uma relação diferencial... (HALBWACHS, 2006, p. 13).

O autor destaca que a lembrança é como uma intersecção de correntes de "pensamento coletivo", ou seja, enfatiza que a lembrança geralmente é coletiva e que temos dificuldade em lembrar-nos de fatos relacionados a nós mesmos quando estamos sozinhos. Conforme Halbwachs (2006), a memória individual não é isolada e fechada. Para se lembrar de acontecimentos passados, a pessoa recorre à lembrança de outras e, assim, se desloca e vai ao encontro de pontos de referência determinados pela sociedade. "Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente"

(HALBWACHS, 2006, p. 72). Nesse sentido, buscam-se aspectos da memória coletiva que constituam representações da cidade.

Portanto, como já foi destacado, a memória não é apenas individual, é também coletiva. “[...] a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, de um grupo” (SILVA, 2005, p. 276). Nesse sentido, Halbwachs (2006, p. 39) enfatiza que “para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos [...]”. Para que uma memória coletiva seja mantida viva, é necessário que a pessoa concorde com as memórias do grupo e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que as lembranças que nos fazem recordar venham a ser reconstruídas sobre uma base comum.

Pode-se, deste modo, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, à medida que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 5). Parte-se, então, do pressuposto de que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1996, p. 476).

A partir do diálogo posto entre os autores, através do texto, estabelece-se estreita relação entre memória e a constituição de identidades. A identidade não se constitui sem a memória. A memória é o suporte de nossa constituição enquanto sujeitos. De acordo com Ballart (apud FUNARI; FUNARI, 2008, p. 13) “não há identidade sem memória, como diz uma canção catalã: aqueles que perdem suas origens perdem sua identidade também”. Destaca-se que, além da identidade individual, construímos a identidade coletiva, a partir do pertencimento à cidade, por exemplo.

Sendo assim, a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Nesse sentido, o rio Caí desperta muitas memórias e essas memórias fazem parte das identidades, individuais e coletivas, que são construídas nesse espaço urbano. Para conceituar identidade, Silva (2000, pp. 96-7) propõe que:

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação.

O autor destaca que a identidade é uma construção e, como tal, é flexível e permeada de posições políticas, interesses e relações de poder. As identidades se transformam com o passar do tempo. Um aspecto que fazia parte da identidade coletiva de uma comunidade em determinada geração pode não fazer mais parte das identidades das próximas gerações, pois as identidades estão em constante ressignificação. As identidades coletivas são construídas a partir da memória social, que sofre alterações com o passar do tempo.

Nesse sentido, Hall (2002) propõe que a identidade se transforma constantemente de acordo com os “sistemas culturais que nos rodeiam”. Ela é, portanto, “definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2002, p. 13). Assim sendo, a memória é essencial para a constituição da identidade do indivíduo, ela “[...] é formada na interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2002, p. 11). O sujeito se constitui enquanto sujeito inserido num determinado grupo à medida que vai apreendendo com o grupo. Isso não desqualifica as peculiaridades do sujeito, no entanto, evidencia que muito do que somos, nossos pensamentos, valores, modos de ser e agir são resultado da cultura na qual estamos inseridos.

A memória e a identidade estão profundamente relacionadas à representação e ao imaginário. De acordo com Hall (2003), as identidades são representadas. O autor afirma que “os sistemas de representação são também sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros” (HALL, 2003, p. 169). As representações não são desprovidas de posições políticas, pelo contrário, um indivíduo que representa algo traz consigo pensamentos construídos ao longo da vida.

Nesse sentido, Silva (2000) aponta a necessidade de discussão sobre a produção da identidade e também da diferença, tendo em vista que estes dois conceitos são construídos nos âmbitos social e cultural e se complementam. A identidade é relacional, sendo que depende de outra identidade para existir

(WOODWARD, 2000). Logo, pode-se afirmar que as identidades são marcadas pelas diferenças. Identidade e diferença, ambas são construídas nos âmbitos social e cultural e, segundo a ótica de Silva (2000), são interdependentes. É por meio da diferença que se constrói a identidade. Em outras palavras, sou caiense, o que me diferencia de um sujeito nascido em outra cidade, como um felizense³, por exemplo, que vive em outro espaço, com particularidades sociais, econômicas, geográficas e históricas distintas das da cidade de São Sebastião do Caí. Logo, ser caiense é minha identidade, conclusão obtida mediante a percepção da existência de um sujeito que habita um espaço diferente do meu e que, no caso, é um felizense.

A identidade é resultado de variados e complexos atos linguísticos, pois se trata de uma afirmação que simplifica inúmeras negações. Silva (2000) enfatiza essa questão dando o exemplo: “sou brasileiro”. Ser brasileiro é uma identidade construída culturalmente e que faz com que sejam desnecessárias várias negações como “não sou argentino”, “não sou coreano”, “não sou japonês”, enfim, a afirmação ser brasileiro simplifica a questão. Os elementos que constituem uma língua não têm valor, ou seja, não fazem sentido se considerados isoladamente. A língua, da mesma forma que a cultura, deve ser analisada dentro de seu contexto.

As nações também constroem as suas identidades através da língua e de símbolos, como hinos, bandeiras, brasões. Esse conjunto de fatores serve, segundo Silva (2000), para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante certa estabilidade e fixação. Trata-se de criar um passado glorioso, não necessariamente “verdadeiro”, mas que ofereça certa segurança e estabilidade para as pessoas. Isso se reflete também na constituição de identidades locais no microuniverso da cidade. Geralmente esse processo se dá de maneira mais sutil, no entanto, ele ocorre no sentido de proporcionar o sentimento de identificação com o lugar.

A sociedade constrói determinados estereótipos identitários em que os sujeitos vão se encaixando. De certa maneira, determinados usos e costumes proporcionam um sentimento de “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais (HALL, 2002, p. 8). Todo pressuposto que é característico de alguma identidade pré-estabelecida é permeado por posições políticas. A constituição das identidades, com sentimento de

³ Sujeito nascido na cidade de Feliz.

"pertencimento" não ocorre exclusivamente em nível nacional, mas também local. São criadas estratégias que proporcionem um sentimento de pertencimento à cidade, permeados por posições políticas.

Por se estar refletindo sobre identidade e diferença, é necessário pensar sobre suas representações, porque ambas são representadas. O conceito de representação tem estreita relação com a memória, pois a ideia de representação está ligada à busca de formas apropriadas de tornar o "real" presente – de apreendê-lo o mais fielmente possível por meio de sistemas de significação. A representação é, portanto, uma maneira de exteriorizar uma lembrança, uma memória. Enfim, não se pode reconstruir o passado, mas se podem reconstituir memórias do passado por meio das representações dos indivíduos.

Nesse sentido, quando se buscam lembranças no passado recoloca-se essas lembranças no tempo a partir do presente. Sendo assim, as lembranças se tornam memórias que podem ajudar a reconstruir representações do passado de comunidades, como é o caso das memórias sobre o rio Caí na sua relação com a cidade. Hall (2003, p. 169) enfatiza que "os sistemas de representação são também sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros". Candau (2012) enfatiza ainda que, mesmo que as capacidades memoriais estritamente humanas sejam consideráveis, o homem desde cedo recorre a extensões da memória, ou seja, o homem produz representações.

2.2 REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIOS COLETIVOS

Representação é um conceito crucial para este estudo, contudo, antes de defini-lo, é importante discutir o conceito de imaginário, uma vez que este permeia as representações operando na constituição da realidade. Durand (1996), expoente nos estudos sobre imaginário, enfatiza a importância do imaginário na construção da realidade. Ele propõe que o inconsciente coletivo está presente nas criações artísticas e literárias, pois interpretamos os símbolos e as imagens através de determinadas projeções inconscientes, mas carregadas de imaginários coletivos.

Em concordância, Pesavento (2002) também destaca o imaginário como sistema de ideias e imagens de representação coletiva, que teria a capacidade de criar o real. Essa afirmação suscita uma reflexão sobre a relação dialética entre o

sujeito e a história, a cultura e o espaço. Nesse sentido, interessam as representações dos cidadãos caienses na sua relação com o rio nos aspectos históricos e culturais, pois é por meio dos imaginários que somos inseridos em grupos e estabelecemos nossas crenças e modos de agir. Numa cidade, isso envolve as especificidades do espaço como a presença do rio em São Sebastião do Caí, que influencia a relação entre os imaginários e a cidade, refletida nas representações.

Maffesoli (2001, p. 80), aluno de Durand, destaca a definição de imaginário do mestre, como sendo:

[...] a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade. As intimações objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser. Relação, portanto, entre as coerções sociais e a subjetividade. Nisso entra, ao mesmo tempo, algo sólido, a vida com suas diversas modulações, e alguma coisa que ultrapassa essa solidez. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra.

Durand coloca o imaginário como uma relação entre as intimações objetivas – que são os limites impostos pela sociedade a cada ser – e as intimações subjetivas de cada sujeito. Essa relação, resultado de uma negociação entre o individual e o coletivo gera os imaginários sociais. A cidade encontra-se entre o objetivo e o subjetivo, no imaginário, e reflete nas representações sobre o espaço urbano.

Maffesoli (2001, p. 75) conceitua imaginário como “[...] um estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração”. O mesmo autor prossegue destacando Walter Benjamin, que propõe que o imaginário é uma aura que envolve as manifestações culturais. É esta aura que alimenta e faz com que os valores e as manifestações culturais se perpetuem dentro dos grupos. Maffesoli (2001) destaca que há algo que envolve a cultura e enfatiza que esta é uma ideia fundamental de Durand, a existência de algo que envolve, que ultrapassa a cultura. Este “algo a mais”, esta aura, está presente em algumas representações.

Nas palavras de Maffesoli (2001, p. 76), “o imaginário é um estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”. O autor destaca a coletividade do

imaginário, haja vista que este imaginário é criado e sustentado a partir das interações sociais e fornece a liga, o cimento, nas palavras do autor, que são a base, que estabelecem o vínculo entre os integrantes de um determinado grupo.

O imaginário, certamente, funciona pela interação. Por isso, a palavra interatividade faz tanto sentido na ordem imaginária. Há processos interacionais que criam aura. No caso, meu discurso é ultrapassado por uma vibração que supera o argumento e instaura uma sensibilidade comum (MAFFESOLI, 2001, p. 77).

Afirmar que o imaginário é coletivo não significa descartar a importância do indivíduo no processo de criação e legitimação de imaginários, pois o imaginário repercute de maneira peculiar em cada sujeito. No entanto, quando se analisa com atenção, percebe-se que o imaginário traz impressões, carrega a aura coletiva de determinado grupo ou comunidade. De acordo com Maffesoli (2001), o imaginário é uma vibração comum, uma sensação partilhada. É aquilo que garante a unidade e a continuidade do grupo. Os imaginários, materializados nas representações da cidade de São Sebastião do Caí, têm o rio como eixo estruturador, e estes garantem a liga, o sentimento de pertencimento à cidade.

O termo imaginário remete a outra palavra: imagem. Maffesoli (2001, p. 76) propõe que “não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado”. Então, pode-se considerar uma representação como resultado dos imaginários e também como instituidor ou propagador de imaginários. E estes podem ser entendidos como construções coletivas, resultantes da interação entre sujeitos de um mesmo grupo.

Assim, conforme Silva (2006), o imaginário é reservatório e motor. Reservatório porque agrega sentimentos, lembranças, experiências, que sedimentam um modo de ver, agir e estar no mundo. E motor porque o imaginário é:

[...] um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (SILVA, 2006, p. 12).

Dessa forma, o imaginário permeia o convívio social. Ao mesmo tempo em que ele é reservatório, é também motor, impulsionando os integrantes do grupo na direção da atmosfera, ou do imaginário que os orienta. Portanto, “[...] o ser humano é movido pelos imaginários que engendra. O homem só existe no imaginário” (SILVA, 2006, p. 7). Numa acepção mais antropológica, o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois – no qual se pode interferir em maior ou menor grau (SILVA, 2006, p. 9). O autor aponta uma questão relevante: o imaginário coletivo, construído a partir da concordância dos sujeitos envolvidos no processo, no entanto, ressalta que este coletivo, estes “acordos comuns” têm, na prática, maior ou menor interferência das individualidades.

De acordo com Silva (2006), “todo indivíduo submete-se a um imaginário preexistente. Todo sujeito é um inseminador de imaginários” (SILVA, 2006, p. 9). Desde a mais tenra idade, é impresso, no sujeito, uma carga de conceitos, valores e padrões culturais oriundos do primeiro grupo ao qual está inserido, que é a família. Com o tempo, o crescimento e a inserção em outros grupos sociais, os indivíduos são submetidos a imaginários de outros grupos e, por conseguinte, serão também difusores dos imaginários construídos por esses grupos. A construção do imaginário se dá

[...] essencialmente por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). O imaginário social estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte) (SILVA, 2006, p. 14).

Pensando no imaginário como algo coletivo, também surge uma questão relevante, que é a diversidade do meio “[...] que exige uma multiplicidade de caminhos para a entrada nos labirintos da teia social” (SILVA, 2006, p. 76). Eis a importância da diversificação das fontes para que se possa ter acesso à “teia social”. Um deles é a análise de narrativas, sobre estas, Silva (2006) destaca que apresentam um panorama de interação e partilha simbólica. São temas que configuram um imaginário, aqueles que cimentam as sociedades. O mesmo autor propõe:

O narrador do vivido é um descobridor de sombras, um revelador de imagens latentes, um caçador de fantasmas, o contador de histórias da sociedade para a sociedade, a voz que atualiza o enredo de uma história social enredada em si mesma, um decifrador de enigmas do cotidiano expressos sob a forma de uma produção simbólica [...] (SILVA, 2006, p. 85).

Nesse sentido, as narrativas são representações portadoras e disseminadoras de imaginários. Sendo assim, influenciam a constituição das identidades dos sujeitos. Baczko (1985), filósofo polonês, afirma que as representações são perpetuadas pelos grupos. Ele destaca:

[...] ao produzir um sistema de representações que simultaneamente traduz e legitima a sua ordem, qualquer sociedade instala também "guardiões" do sistema que dispõem de uma certa técnica de manejo das representações e símbolos (BACZKO, 1985, p. 299).

É através desses "guardiões" que podem exercer especificamente este papel, mas também, através daqueles que podem ser qualquer sujeito que, desde pequeno tenha crescido em determinado contexto, com determinadas regras, que o sistema de representações se perpetua, constituindo imaginários. Consciente ou inconscientemente, tal sujeito se torna um "guardião" de determinado costume ou rito, ou seja, de um imaginário.

A margem de liberdade em relação às representações coletivas e aos imaginários é restrita. "O simbolismo da ordem social, da dominação e submissão, das hierarquias e privilégios, etc., é quantitativamente limitado, ao mesmo tempo em que se caracteriza por uma fixidez notável" (BACZKO, 1985, p. 300). Portanto, sobre os sujeitos, a "sociedade" impõe determinadas formas prontas, determinadas representações, previamente pensadas para que estes internalizem tais comportamentos, atitudes, hábitos e ritos. Pode-se, portanto, retomar as ideias de Silva (2000), que destaca que esse processo se dá de maneira sutil, no entanto, ele ocorre no sentido de proporcionar o sentimento de pertencimento ao lugar.

Postas as considerações relevantes em relação ao imaginário, adentra-se no campo teórico das representações, aporte teórico essencial ao presente estudo. O conceito de representação coletiva é oriundo de Durkheim. De acordo com Alexandre (2004, p. 123), "o sociólogo argumentou que os fenômenos coletivos não podem ser explicados em termos de indivíduo, pois ele não pode inventar uma língua ou uma religião. Esses fenômenos são produto de uma comunidade, ou de

um povo”. Já Pesavento (2012) destaca que Durkheim e Mauss estudaram as formas integradoras da vida social nos povos primitivos, que garantem a coesão do grupo, sendo assim, essas formas integradoras, que se podem chamar de representações, garantem a coesão dos grupos. Portanto, quando se estuda uma cidade, por exemplo, pode-se partir das representações sociais, pois estas, além de garantirem a coesão dos grupos, são construtoras da realidade.

Nesse sentido, Chartier (2002), historiador que trabalha nesta linha, propõe que as representações coletivas são como matrizes de discursos e práticas construtoras do mundo social. E é na construção das identidades, no convívio social, que se dão as negociações referentes a costumes, hábitos, ou em que se constitui o oposto, o “anormal”, o que não é aceito pela comunidade. De certa forma, a cidade elege a forma “que se dá a ler” aos outros, de acordo com suas escolhas e seus princípios. O autor enfatiza:

As representações do mundo social são assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2002, p. 17).

Em relação à construção das representações, o autor sugere a necessidade de se considerar a posição do sujeito na construção de seu discurso, pois as representações são determinadas pelos interesses que as tecem. Como a construção de representações não é neutra, também as percepções do social não o são. Chartier (2002) complementa que as lutas de representações são tão importantes como as lutas econômicas, pois aquelas possibilitam a compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor suas concepções e seus valores. Dessa forma, o autor sugere ser possível acabar com a disputa entre a objetividade das estruturas (que seria a história das sociedades como eram na “verdade”) e a subjetividade das representações (que estaria associada a outra história vinculada a discursos distanciados do real). No sentido de ultrapassar tal disputa, Chartier (2002) propõe que devemos:

considerar os esquemas geradores das classificações e das percepções, próprios de cada grupo ou meio, como verdadeiras instituições sociais, incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria vida social [...] (CHARTIER, 2002, p. 18).

As representações sociais são, portanto, instituidoras da vida social. Dessa forma, pode-se compreender como se deu a relação da cidade com o rio por meio das representações. Nesse sentido, Pesavento (2008, p. 13) destaca:

[...] as representações deram a chave para a análise desse fenômeno presente em todas as culturas, ao longo do tempo: os homens elaboram ideias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade.

Neste estudo, em que se faz uso de fontes de pesquisa diversas, investigam-se as representações dos caienses acerca da cidade na sua relação histórica e cultural com o rio Caí. Nas palavras de Pesavento (2008, p. 12), “as representações são a presentificação de uma ausência em que representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento”. Essa afirmação corrobora com a ideia de que as representações da cidade, em sua relação com o rio, agem vinculando os indivíduos ao espaço urbano mediante discursos sobre a origem da cidade. Tais discursos geram o pertencimento a este espaço, tendo como traço diferencial, em relação aos outros, o modo como a cidade estabeleceu relações com o rio Caí, especialmente no que tange ao uso deste como via de transporte que, conseqüentemente, gerou importante desenvolvimento à cidade.

Nesse sentido, Woodward (2000, p. 17) afirma que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Conforme a autora, são as representações que dão sentido ao que somos, então, elas estão atreladas às identidades e aos imaginários, uma vez que ambos são representados. A identidade está em constante construção e reconstrução e ela depende dos imaginários e da representação social para que se constitua. Logo, tais conceitos estão interligados e são essenciais no estudo em questão, à medida que o imaginário permeia as representações operando na constituição da realidade.

A intenção é escrever uma história possível da cidade. Trilhando o caminho da História Cultural, busca-se nas representações da cidade em sua relação com o

rio uma forma de dizer a cidade. Essas representações trazem uma carga coletiva e são propriedade de um grupo ou expressam as ideias de um determinado grupo, no caso, dos caienses. Não será considerada a existência de verdades absolutas, portanto, trabalha-se com a ideia de registrar representações pautadas na verossimilhança. Sendo assim, serão lançados olhares sobre o passado objetivando registrar representações relativas ao tema em questão. No próximo capítulo, serão desenvolvidos aspectos relativos à história da cidade em sua relação com o rio, juntamente com representações sobre o lazer e as sociabilidades também relacionadas ao curso d'água.

3 NAVEGANDO NAS MEMÓRIAS DO RIO CAÍ

Pode-se considerar as águas do rio Caí como as águas sobre as quais flui o desenvolvimento das cidades e, inclusive, do Estado. Em artigo sobre a companhia de navegação fluvial de Jacob Arnt no Vale do Taquari-RS, Marques (2006) enfatizou a importância da navegação fluvial no Rio Grande do Sul. Ela destaca:

A história da navegação fluvial no Rio Grande do Sul começou por volta de 1846, quando Valentin Diehl, com o Vapor Creoula, iniciou a navegação no Rio dos Sinos, transportando, inclusive, imigrantes recém-chegados de Porto Alegre para São Leopoldo. [...] Pouco a pouco, o novo meio de transporte dominava as águas navegáveis do Rio Grande do Sul (MARQUES, 2006, pp. 31-32).

A navegação está vinculada, portanto, à imigração alemã. A autora complementa que “a criação das primeiras empresas de navegação fluvial e, também, do primeiro estaleiro para vapores na província do Rio Grande do Sul foram instrumentos fundamentais para a melhoria da vida na sociedade” (MARQUES, 2006, p. 31). Isso porque a navegação possibilitou um fluxo contínuo e duradouro entre o interior e a capital favorecendo a integração regional.

Martiny (2009), em artigo em que analisa a elite política local da vila em questão no final do século XIX, aponta que um pouco mais da metade dos vereadores eram negociantes. Conforme a autora, isso mostra que a dedicação às atividades comerciais podia facilitar o acesso a cargos públicos, possivelmente pelo status gerado pelas relações que a atividade proporcionava. Isso se deu devido à situação de desenvolvimento econômico da vila a partir do Porto do Guimarães. A autora destaca ainda:

A crescente produção de excedentes que passaram a ser destinados à exportação, via rio Caí, para a capital do província, propiciou um crescimento nas atividades comerciais locais. Homens como Cristiano Jacob Trein e João Weissheimer compravam o excedente produzido nas pequenas propriedades da região e se encarregavam de exporta-lo até Porto Alegre (MARTINY, 2009, p. 7).

Em relação à família Trein, Witt *et al.*, (2013) destacaram que o imigrante alemão Francisco Trein chegou ao Rio Grande do Sul em 1825, casou-se com Catarina Kessler e fixou residência em Linha São José do Hortêncio, onde instalou

uma casa de negócios. Inicialmente pertencendo à Vila de São Leopoldo, Linha Hortêncio, como também era chamada, em 1875, passou a pertencer ao recém-criado município de São Sebastião do Caí, que era antiga localidade de Porto do Guimarães, subordinada à Linha Hortêncio.

A partir do sucesso do negócio criado por Trein, ele abriu uma filial em Porto do Guimarães, sendo administrado por seu filho Christiano Jacob Trein. Como tal porto tornou-se uma importante rota comercial, o recém-criado município de São Sebastião do Caí tornou-se sede, retirando da Linha Hortêncio a predominância político-econômica (Witt *et al.*, 2013).

Assim, pode-se constatar que São Sebastião do Caí surgiu em função do porto e se desenvolveu a partir do comércio realizado a partir deste. Reinheimer (2010, p. 35) aponta que “o estabelecimento de uma rede de navegação entre Jacuí e seus afluentes e Porto Alegre, baseado em estudos das décadas de 1850 a 1870, era considerado de grande importância. Serviu de incremento à economia do Rio Grande do Sul”. Conforme a autora, isso se deu em função da colonização alemã, que iniciou em 1824 em São Leopoldo e se estendeu por grandes áreas nos vales do rios. Ela enfatiza: “nessa ocupação, houve, desde o início, uma preocupação em aproveitar os rios para o transporte fluvial, o que ocorreu ligado diretamente ao fator imigração e colonização alemã” (REINHEIMER, 2010, p. 35). Poder-se-ia acrescentar também a influência da imigração italiana, que veio posteriormente, mas contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento da região.

A autora destaca que “o ressurgimento das atividades agrícolas no Rio Grande do Sul deu-se a partir da instalação dos imigrantes alemães em São Leopoldo e sua expansão pelas áreas adjacentes da Encosta da Serra” (REINHEIMER, 2010, p. 49). Houve incentivo do governo às culturas de exportação, porém, na primeira fase, até 1840, se praticava agricultura de subsistência. Contudo, com o passar do tempo, as colônias foram se desenvolvendo e comercializando seus produtos.

Convém destacar que a navegação para a comercialização de produtos não se dava exclusivamente com Porto Alegre. Porém, a capital era intermediária entre uma colônia e outra. Reinheimer (2010) dá o exemplo de alguns produtos importados pela área do Caí e que eram que eram exportados por São Leopoldo como sabão, fósforos e louças.

Outra questão destacada pela autora é que durante o transporte hidroviário, eram feitas paradas em diversos pontos ou trapiches de vilas e povoados. Geralmente as companhias de navegação tinham depósitos. Nestes ficava alojada boa parte da mercadoria que seria posteriormente levada ao porto, pois os agricultores costumavam entregar seus produtos na “venda” local, e estes iam para os depósitos, para depois serem transportados. Na volta, eram trazidas as mercadorias que não eram produzidas na região (REINHEIMER, 2010).

Dessa forma, como já foi destacado, a navegação pelo rio Caí foi extremamente importante para o desenvolvimento das regiões do Vale do Caí, da Serra e inclusive do Estado como um todo por colaborar no desenvolvimento do comércio. Consequentemente, refletiu na construção de representações e imaginários de desenvolvimento da cidade a partir do rio Caí.

Portanto, retomando a ideia inicial do presente capítulo, a cidade em questão foi criada em função do rio e se desenvolveu a partir deste. O curso d'água teve tamanha importância que a sede do povoado, inicialmente em São José do Hortêncio, foi transferida em 1873 para São Sebastião do Caí em função do comércio realizado por meio do rio entre Caxias do Sul, Porto Alegre e arredores, valendo-se do Porto de Guimarães.

Conforme Martiny (2009), parte da região que, em 1875, viria a se tornar o município de São Sebastião do Caí foi ocupada por famílias luso-brasileiras, no final do século XVIII. Ao longo do século XIX, deu-se o processo de imigrações, primeiramente de origem alemã, iniciando por São Leopoldo e depois ocupando regiões próximas ao rio Caí. Um pouco mais tarde, junto à criação do município, chegaram os italianos. A autora destaca:

Já no último quartel do século XIX, concomitantemente à criação do município, estavam a chegar as primeiras levas de imigrantes italianos, muitos dos quais, depois de chegar a Porto Alegre, seguiam viagem via rio Caí, desembarcavam no porto que havia na vila de São Sebastião do Caí e então seguiam até as terras que lhes haviam sido destinadas na Encosta Superior do Planalto. Muitos deles estabeleceram-se, então, na colônia de Santa Tereza de Caxias, que até 1890 foi distrito do município de São Sebastião do Caí (MARTINY, 2009, p. 5).

Assim, além dos alemães e dos italianos que se estabeleceram na serra, outras etnias também vieram a constituir a população da região, como os indígenas

que residiam na região mesmo antes da chegada dos demais e os negros, que aqui já estavam no período da escravidão, junto aos habitantes luso-brasileiros.

Portanto, São Sebastião do Caí se desenvolveu em função da possibilidade de navegação no rio. O Relatório Temático do Departamento de recursos hídricos (RIO GRANDE DO SUL, 2007, p. 20) destaca: “É enorme a importância das vias navegáveis para a região durante o século dezanove, tendo servido de referencial para a implantação dos núcleos urbanos açorianos e grande parte dos centros da colonização alemã”. Posteriormente, o foi também para os imigrantes italianos. Assim, o povoado, que pertencia a São Leopoldo até então, foi elevado à categoria de vila e sede desta. De acordo com Martiny (2008), a partir da lei n. 995 de 1º de maio de 1875 a freguesia de São Sebastião foi elevada à categoria de vila, que, então, juntamente às freguesias de São José do Hortêncio e Sant’Anna do Rio dos Sinos, passou a formar o município de São Sebastião do Caí. No ano seguinte, tomou posse a primeira edilidade em São Sebastião do Caí. A emancipação de São Leopoldo ocorreu, portanto, devido à importância do Porto do Guimarães como escoadouro de mercadorias e via de acesso a bens não produzidos na região.

A navegação possibilitou o desenvolvimento do comércio de tal forma que São Sebastião do Caí passou a ser o grande centro de negócios da região. A produção da zona de colonização alemã, do Vale do Caí e da italiana, na Serra, era levada em carretas ou lombo de burro até o porto da cidade e dali era conduzida de barco a Porto Alegre e arredores. Sendo assim, o Caí se tornou “mãe” de vários municípios vizinhos que depois emanciparam-se. Com o desenvolvimento da vila, especialmente a partir do comércio pelo porto do Guimarães, Caí se tornou cidade em 1939.

Posto o contexto em questão, antes de prosseguir analisando as representações por meio das fontes históricas selecionadas convém especificar alguns preceitos metodológicos fundamentais.

3.1 REFLETINDO SOBRE MEMÓRIAS E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO

Seguindo a viagem, salientam-se alguns pressupostos metodológicos ainda não esclarecidos. Para que se possa utilizar as memórias como fonte histórica, é preciso apropriar-se da metodologia da História oral. De acordo com Alberti (2008),

na década de 1970, houve uma sistematização desta metodologia, o que fez com que, aos poucos, esse instrumento de pesquisa fosse cada vez mais difundido e utilizado em pesquisas históricas. Na década de 1980, novos temas foram incorporados aos estudos de História. Temas como a vida cotidiana, rituais, festas, costumes e esses estudos passaram a ser conhecidos como parte da História do tempo presente. Essa História passou a:

[...] valorizar também a análise qualitativa, e o relato pessoal deixou de ser visto como exclusivo de seu autor, tornando-se capaz de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em determinada configuração histórica e social. Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico (ALBERTI, 2008, p. 163).

Inicialmente, a credibilidade da História oral foi questionada sob alegação de estar permeada de subjetividade. No entanto, com o decorrer do tempo, percebeu-se que a subjetividade está presente em todas as fontes históricas. Dessa forma, respaldados por tal premissa, utiliza-se essa metodologia para este estudo. Entretanto, os relatos orais, tanto quanto qualquer outra fonte, devem ser questionados, analisados, comparados com outras fontes para não se correr o risco de encararem-se os relatos como verdades absolutas.

Portanto, atualmente as fontes orais são caminhos amplamente reconhecidos pela historiografia como forma de acesso à memória e à história. Segundo Prins (1992), esse tipo de fonte torna possível reconstruir histórias locais de grupos, aldeias, ou até mesmo de ruas, oportunizando aos historiadores uma “descrição densa”, ou seja, “relatos ricamente tecidos que têm a profundidade e os contornos que permitem uma análise antropológica substancial”. No estudo em questão, há uma carência de fontes escritas, o que torna essencial a busca por fontes orais.

Além disso, concorda-se com Thompson (1992, p. 261), quando propõe que, em se tratando de fontes orais “conseguir ir além das generalizações estereotipadas ou evasivas e chegar a lembranças detalhadas é uma das habilidades, e das oportunidades, básicas do trabalho de história oral”. O desenvolvimento dessa habilidade pode proporcionar a exteriorização de lembranças muito valiosas, que de outra forma, com outra fonte de pesquisa, não seria atingida. Nesse sentido, Prins (1992, pp. 192-3) enfatiza: “o que a reminiscência pessoal pode proporcionar é uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser

encontradas”. Essa possibilidade instiga na busca de representações sobre a cidade.

A partir desses relatos orais, busca-se uma possibilidade de acesso à memória coletiva, bem como objetiva-se resguardar do risco de desaparecimento as transcrições das representações da cidade, neste caso, os registros da história de São Sebastião do Caí. Trata-se também de identificar as tensões políticas, as negociações e os projetos da comunidade, na constante reconstrução da memória e da identidade.

As memórias são fontes históricas que podem fornecer dados privilegiados em relação às demais fontes por serem vivas e emotivas. Entretanto, deve-se ter cautela quanto a seu uso e limitações, pois a memória reelabora a realidade vivida pela imaginação. Ao contar as experiências, o entrevistado constitui o evento, ele transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido partindo do presente.

A História oral pode se tornar, portanto, um profícuo instrumento para a pesquisa histórica, pois, a partir dela, encontram-se vestígios de eventos não registrados oficialmente, além de compreender processos do cotidiano como costumes e hábitos de grupos sociais distintos. A partir dela, procura-se apropriar-se de aspectos sensíveis dos relatos e dos traços subjetivos lembrados pelos depoentes, para compor, no cruzamento com outras fontes, um quadro histórico plausível. Assim sendo, os relatos sobre a cidade, o rio, a história compõem um quadro de elementos singulares, que frequentemente não são registrados pela escrita, salvo exceção dos poemas de Fortes (1975) que, em alguns momentos, parecem se transformar em relatos coletivos transformados em poesia.

Em relação à constituição da memória, Alberti (2008) enfatiza:

[...] O trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2008, p. 167).

Portanto, para a autora, a memória é essencial a um grupo, porque está atrelada à construção de sua identidade e, conseqüentemente, é relevante para a compreensão da sociedade como um todo. No caso da cidade de São Sebastião do Caí, a forma como a população se relacionou historicamente com o rio constitui importante traço distintivo em relação às demais cidades da região, em relação aos “outros”. Como ensina a antropologia, é na diferença ou na alteridade que se constrói a identidade.

Pretende-se, portanto, navegar nas memórias do rio e da cidade, e aliar outras fontes históricas com o intuito de verificar as representações e os imaginários que permeiam a vida dos caienses e que constituem suas identidades.

Então, conforme exposto no Capítulo 2, buscam-se várias fontes históricas para verificar as representações e os imaginários na relação da cidade com o rio e se faz uma espécie de intersecção das representações para atingir tal objetivo. Assim sendo, convém delimitar determinados pressupostos basilares do trabalho em relação à maneira como serão tratados os variados tipos de fontes. Levando-se em consideração a utilização de poemas, imagens e relatos orais, parte-se da premissa de que tais fontes exigem contextualização. É escassa a bibliografia que possa servir para contextualizar o presente estudo, portanto, o jornal é um aliado nesta função. Não porque essa fonte seja encarada como verdade absoluta, mas devido ao contexto da produção das reportagens, que foi o centenário de aniversário do município, e, verificando que foi realizada uma minuciosa pesquisa, consideram-se válidas as contribuições do jornal nesse sentido.

O estudo em questão tem como base a História Cultural, como já foi destacado. De acordo com Pesavento (2012), esta se propõe a decifrar a realidade do passado por meio de suas representações objetivando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo. Nesse sentido, Espig (1998) afirma que a utilização de material jornalístico, sobretudo em trabalhos que privilegiem aspectos culturais, é cada vez mais frequente. A autora sugere também uma comunhão entre as representações enunciadas pelo jornal e aquelas presentes no imaginário social da época, pois, caso isso não ocorresse, haveria rejeição dos leitores. Entretanto, o contrário também ocorre, o jornal pode atuar na criação de sentidos. “Ao mesmo tempo em que se esforça para adequar-se ao imaginário social da sociedade à qual se dirige, a

imprensa também contribui para criar ou modificar este imaginário” (ESPIG, 1998, p. 277). Portanto, o jornal traz representações que expressam imaginários coletivos ao mesmo tempo em que os reforça.

Elmir (1995), em artigo que delinea algumas armadilhas do trabalho com jornais, destaca que o jornal pode servir como fonte histórica, porém, é imprescindível uma atitude de suspeição em relação àquilo que é lido (ELMIR, 1995), além do uso de mais de uma fonte, o que enriquece consideravelmente um estudo. De acordo com Espig (1998, p. 282), esses cruzamentos com outras fontes irão ajudar a evitar “o perigo de tomar preconceitos profundamente arraigados como informações de ordem cultural”. Outro fator importante que deve ser considerado é o contexto em que o documento, no caso, o jornal, foi produzido, pois o contexto é de extrema importância para o entendimento do documento. Ainda, segundo Emir (1995), deve-se ter humildade para aprender a ler o jornal fazendo outras indagações e socorrer-se em outras disciplinas do conhecimento para a análise da fonte.

Levando em consideração os pressupostos destacados, em relação ao uso do jornal, utilizam-se reportagens do *Jornal Correio do Povo*, visto que na época do Centenário do município, em 1975, não existia jornal local. Em 1975, foi realizada, pelo jornal *Correio do Povo*, uma pesquisa em arquivos para lançar uma reportagem sobre as origens de São Sebastião do Caí. Portanto, estas, juntamente à monografia de Masson (1940), servirá de base para a contextualização de outras representações da história da cidade em sua ligação com o rio.

3.1.1 Considerações sobre os primeiros moradores da cidade

Em virtude do centenário de São Sebastião do Caí, o jornal *Correio do Povo* publicou reportagens referentes à história da cidade, duas das quais serão utilizadas para este estudo. Uma delas intitulada “O Porto do Mateus” (NUNES, 1975) destaca que o primeiro nome do embarcadouro foi “Porto do Mateus”⁴, que não era muito conhecido pelas poucas pessoas que moravam na região. Depois, quando o povoamento na região se intensificou, por volta de 1850-1870, o mesmo embarcadouro passou a ser denominado “Porto do Guimarães”. De acordo com

⁴ Além de Porto do Mateus, esse espaço também ficou conhecido como praia.

Nunes (1975), o primeiro nome não era muito conhecido e ainda mais desconhecida era a vida de Mateus. “A história impressa apenas registra que lá (onde hoje se localiza São Sebastião do Caí) havia um homem chamado Bernardo Mateus, proprietário de uma sesmaria às margens do Caí” (NUNES, 1975).

O autor afirma que pela habilitação de casamento de Bernardo Mateus, existente na Cúria Metropolitana, descobriram que este nasceu em 13 de agosto de 1761 e que foi batizado sete dias depois na freguesia de Nossa Senhora de Assunção da vila do Touro, bispado de Guarda, em Portugal e que é filho legítimo de Francisco Mateus e de Francisca Gonçalves, ambos naturais e moradores da vila do Touro.

Bernardo Mateus teria se casado com a viúva Joana Francisca de Jesus. Joana era viúva e, de acordo com o que consta na primeira habilitação matrimonial, de 1789, ela era escrava. “E casou como escrava” (NUNES, 1975). Natural do Rio de Janeiro, veio para a vila de Porto Alegre sob poder de seu senhor Antônio José Martins Bastos. Seu primeiro marido não era escravo, mas era um homem pardo e, para casar com Joana, ele teve que assinar o “termo de seguimento”, em que assinava que seguiria Joana em seu serviço, para onde fosse, com seu senhor ou com outro para o qual porventura fosse vendida (NUNES, 1975).

Em 1810, Joana teria ficado viúva. Conforme Nunes (1975), não se sabe em que momento, durante o primeiro casamento ou no período de viuvez, ela havia comprado sua libertação da escravatura. Após seis anos do falecimento do primeiro marido, Joaquim Fernandes, Joana casou-se com Bernardo Mateus e foi residir na casa do esposo, no atual município de São Sebastião do Caí. Nesse período, ela já não era mais escrava, mas “parda liberta” e, depois de dois anos, faleceu.

Após a morte da esposa, Mateus viveu por dezoito anos ainda e teve um filho com uma de suas escravas, a Joaquina. O herdeiro era Francisco Mateus. Nunes (1975) afirmou que há anos se dedicava ao estudo da genealogia do homem sul-rio-grandense, principalmente das famílias luso-brasileiras dos “inícios do Rio Grande”. Cita, inclusive, Gilberto Freyre para embasar algumas de suas ideias. Nunes (1975) destaca: “foi muito comum o fato de portugueses e seus descendentes terem filhos de escravas ou de mulheres pardas. É espantoso o número de mulatos e pardos nascidos na época da escravatura”. O autor se referia a Mateus, descendente de

portugueses, e assim também a outros desta mesma etnia terem tido relacionamentos com escravas gerando considerável número de mulatos e pardos.

Retomando as ideias de Elmir (1995), é necessário considerar o contexto no qual o documento foi produzido. No período de comemorações em virtude do centenário do município, foi realizada uma pesquisa e publicado o texto “Porto do Mateus”, no jornal *Correio do Povo*. O texto faz referência ao sesmeiro Bernardo Mateus e sua família, sobre a qual os registros na cidade são poucos. É importante lembrar que “ao mesmo tempo em que se esforça para adequar-se ao imaginário social da sociedade à qual se dirige, a imprensa também contribui para criar ou modificar este imaginário” (ESPIG, 1998, p. 277). Acredita-se que este texto se encaixa na perspectiva de Espig (1998) por constituir-se em um dos únicos documentos que a comunidade em geral teve acesso, no que tange às primeiras famílias da vila.

Porém, antes da vinda das primeiras famílias de origem portuguesa, o território em questão foi habitado por indígenas. Uma das heranças destes se materializou no nome da cidade. De acordo com Masson (1940, pp. 12-3):

Caí, nome do rio que banha o município, é palavra de origem indígena, provindo do tupi-guarani. Seus elementos etimológicos, na língua de origem, são *caá-y*. O primeiro elemento, *caá*, significa *mato*; o segundo, *y* (ou *ig* como querem alguns estudiosos do assunto) significa *água*. O sentido de *caáy* é, pois, *água do mato*, ou seja, *rio do mato*.

Junto à herança indígena (*caá-y*, rio do mato, que depois se transformou em Caí), a cidade carrega o nome de seu padroeiro, São Sebastião. Rabuske (1985, p. 20) enfatizou que “houve forte divergência na escolha do orago da nova igreja”⁵. De acordo com Masson (1940), teve uma disputa entre os irmãos Antônio Guimarães e Quintino (descendentes de portugueses) acerca da escolha do padroeiro da cidade. Antônio queria que o padroeiro fosse Santo Antônio, enquanto Quintino queria que fosse São Bernardo em homenagem a Bernardo Mateus, sesmeiro na localidade.

O assunto foi submetido ao bispo D. Sebastião Dias Laranjeira, que prometeu uma visita ao Porto do Guimarães, para resolver a questão. De acordo com Masson (1940, p. 11), “para não desgostar nem os partidários de Santo Antônio nem os de

⁵ A sede do município foi transferida de São José do Hortêncio para o Porto do Guimarães, e foi construída também uma sede para a paróquia, conforme Rabuske (1985) graças a uma generosa subvenção do governo da Província. O autor destacou ainda: “A provisão da Cúria Episcopal erigindo canonicamente a paróquia leva a data de 1º de julho de 1879” (RABUSKE, 1985, p. 20).

São Bernardo, o distinto prelado, valendo-se do recurso conciliatório de um terceiro alvitre, decidiu que fosse São Sebastião o patrono da igreja”. Todos concordaram com a resolução. Primeiramente porque não dava ganho de causa nem a um, nem a outro e também, porque o bispo tinha o mesmo nome do padroeiro escolhido, e seria “uma falta de delicadeza mostrar-se descontente com a escolha” (MASSON, 1940, p. 11).

Exposta a querela e o desfecho em torno do nome do município, convém salientar que, no decorrer da história da cidade, houve alteração no nome do município. Inicialmente, como já destacado, “Porto do Mateus⁶” ou “Praia⁷”. Depois, quando grande parte das terras que hoje correspondem à cidade pertenceu à família Guimarães, o lugar passou a ter o nome da família. Após isso, houve a disputa em torno da escolha do padroeiro, que já foi apresentada, o que deu origem, então, ao nome São Sebastião do Caí. Conforme Masson (1940), em 1º de janeiro de 1939 a vila se tornou cidade e, por resolução do Conselho Regional de Geografia, para evitar confusões, a partir desta data, a cidade passou a se chamar Caí. Rabuske (1985) destaca que a lei n. 3.613, de 10 de dezembro de 1958, deu à cidade a anterior denominação de São Sebastião do Caí, que assim permanece atualmente.

Outra fonte histórica com a qual será trabalhado a partir de agora, são as imagens, por isso, será feita uma breve explicação sobre seu uso. Considera-se que as imagens são textos e, como tal, são passíveis de análise. Além disso, compartilha-se das ideias do jornalista Inagaki (2013), quando destaca:

Fotografias são momentos que capturamos de um tempo presente, cristalizando-o em uma imagem que sempre guardará a emoção daquele instante. E, embora aquele momento esteja aparentemente recortado no tempo e espaço, dentro de uma moldura limitada, retendo apenas a breve fração de um cenário ou paisagem, o fato é que um retrato é capaz de transcender tais fronteiras dentro de nós, expandindo lembranças, sons, cheiros, sentimentos no baú das memórias que é aberto cada vez que revemos determinada imagem (INAGAKI, 2013).

As fotografias são, portanto, a cristalização de um momento, racionalmente recortado, focado em determinado espaço, porém, como Inagaki (2013) enfatiza, a

⁶ Rabuske (1985) destaca que a questão do nome da cidade é mais complexa. Enfatiza que, no tempo em que eram concedidas sesmarias, chamava-se de “Terras à margem do Rio Caí” em 1791 e, em 1814, de “Terras no Distrito de Caí”.

⁷ Não foram encontrados registros que evidenciassem em que momento exatamente o povoado era chamado de Praia. Pelas informações obtidas a partir dos relatos orais, parece ter sido concomitante à fase do Porto do Mateus e do Porto do Guimarães por certo período.

imagem possibilita o surgimento de lembranças, sons, cheiros, enfim, sentimentos no baú das memórias. Isto é, as fotografias capturam imagens que se tornam registros de momentos, espaços, pessoas, situações, e posteriormente servem como suporte para as lembranças.

Dessa forma, "as imagens registram atos de testemunho ocular" (BURKE, 2004, p.17). Sendo registros, funcionam como textos que devem ser interpretados. Evidentemente, as imagens não falam, são testemunhas mudas, assim sendo, é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Porém, para além das dificuldades, reside a possibilidade de analisar o tema em questão através de registros fotográficos que carregam o status de testemunha ocular, título de uma das famosas obras do historiador Peter Burke (2004).

Conforme Burke (2004, p. 17), acredita-se que "as imagens nos permitem 'imaginar' o passado de uma forma mais vívida". Defende-se também que as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica.

Assim, é trazida, na sequência, uma imagem que é um ícone da história da cidade. A opção por esta fotografia como a primeira que traz representações e imaginários da história da cidade tem fundamento a partir da percepção de que tal imagem funciona como testemunha ocular de um período histórico peculiar e de um espaço que foi palco de desenvolvimento do início da história de um povoado que se tornou vila.

Figura 1 – Cais do Porto.



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Vale do Caí.

A fotografia, de autoria desconhecida⁸, é aproximadamente da década de 1890 e apresenta as imediações do Porto do Guimarães, que inicialmente foi conhecido como Porto do Mateus. Como já foi destacado, é um marco na história da cidade, pois simboliza a prosperidade, às margens do rio Caí. Da mesma forma que as águas fluem em direção à jusante, assim também fluem as lembranças a partir das imagens da cidade.

À direita e abaixo da imagem se situa o rio. Nesse espaço foi construído o cais do Porto do Guimarães. A imagem nos transporta no tempo e revela a configuração da vila na época. O transporte era, basicamente, realizado por bois, cavalos e mulas que puxavam as carretas.

⁸ Infelizmente não se descobriu a autoria das fotografias utilizadas neste estudo. Contudo, por meio de relatos orais, surgiram os nomes de quatro fotógrafos que atuavam na cidade: Eduard Kusminky, Leopoldo Ludwig, Onório Dalmonte e Marcolino Ody.

Conforme o Sr. Renato Klein, inicialmente não havia estradas para as carretas nem de São José do Hortêncio para a nova sede. Assim, as pessoas utilizavam os cargueiros, isto é, a utilização dos animais para levar as cargas era mais viável, pois estes podiam passar nas picadas, o que em alguns lugares não era possível com carroças.

Pelo expressivo movimento em torno do porto, uma vez que era escoadouro de mercadorias e possibilitava o acesso a outros bens, bem como o meio de transporte para a capital e arredores, pode-se constatar que era um ponto de encontro na região. Isso se deu, de acordo com o Sr. Renato Klein, devido ao projeto de colonização incentivado por D. Pedro II e o primeiro ministro Visconde de Rio Branco. “Eles consideravam que a coisa mais importante para o Brasil na época era trazer mais gente para morar aqui”. Portanto, a escolha da sede se deu devido à região apropriada para o porto, já com objetivo de colonização da região, o que contribui para o aumento do movimento em torno do porto.

Percebem-se algumas etnias presentes na imagem, apesar de não se poder identificar algumas delas, estão evidentes a presença de luso-brasileiros e negros. A partir de informações obtidas com colaboradores, descobriu-se que também se encontravam descendentes de alemães na fotografia.

Como já destacado, além de indígenas e portugueses, outras etnias como os negros, os alemães, dentre outros grupos menores, também faziam parte, em diferentes momentos, da composição da população caiense. Italianos e poloneses também desembarcaram no Porto do Guimarães e subiram a serra para lá se estabelecer.

Muitos negros eram escravos. O Sr. Jacob Selbach destacou que muitos deles continuaram trabalhando para as famílias, mesmo após a abolição. Explicando sobre a navegação em direção ao Porto do Guimarães, eles desciam com caravanas lá de Harmonia, por exemplo, e embarcavam cerca de seis toneladas nos lanchões. Chegando às cachoeiras, ele explicou que tinham de parar, descarregar e logo adiante carregar e seguir. Sr. Jacob Selbach enfatizou que já tinham escravos, mas que não eram escravizados, isto é, mesmo após a abolição, muitos deles continuavam com as famílias. Ele destaca: “Eles só foram embora quando eu já era guri, eles não queriam ir embora e nós também não queríamos que eles fossem embora. Eles não tinham outra ocupação”.

Um detalhe importante na fala do Sr. Jacob Selbach é a presença de cachoeiras no trecho de São Sebastião do Caí em direção a montante. Isso dificultava consideravelmente a navegação nesse trecho. Por essa razão, possivelmente, houve maior uso de animais e carroças, em detrimento de barcos, para fazer o transporte até a cidade em questão. A fala do Sr. Jacob Selbach salienta que nesse período os negros não eram mais escravizados, isto é, eles trabalhavam, segundo ele, mas porque não tinham para onde ir, não tinham outra ocupação. A Sra. Elisabeth Oderich relatou uma história envolvendo o escravo de uma das primeiras famílias de São Sebastião do Caí, os Guimarães, responsáveis pelo nome do porto. Ela relata:

Eles eram portugueses, moravam no Rio de Janeiro, quando vieram aqui pro Caí, eles trouxeram um mordomo, um negro escravo junto.[...] Ali foi a casa mais bonita! O escravo tinha uma moradia separado, no jardim, mais lá pra baixo. [...] Ele morava em frente a cancha de bocha. No jardim tinha um pomar lindo de frutas e esse escravo ficou sempre como jardineiro, mas não falava nada, nada. A língua dele ninguém conhecia, ele ficava sempre quieto. Depois quando os Guimarães foram embora aqui do Caí, meus tios compraram toda aquela terra, toda aquela casa e foram morar lá. E os Guimarães disseram: "Nós só vendemos essa casa se vocês cuidarem do escravo até o fim da vida dele". Então fizeram essa promessa e cuidaram dele até ele ficar velhinho. E eu me lembro... minha prima e eu, nós éramos as únicas pessoas que ele gostava porque na hora do almoço a gente levava comida pra ele e depois a gente ia lá buscar... ele não sabia falar Português, então era tudo por sinais, mas eu sei dizer que a minha prima e eu nós tínhamos uma grande amizade com ele. Então tudo que era pra lidar com aquele escravo era com nós duas. Ele ria pra gente, com os outros ele era meio emburrado. Coitado, que vida que levou. Tirados da África como animais, eram jogados dentro dos navios, amontoados, como se fossem animais. Eles sofreram muito... E aí então ele também era um homem bem triste. Essa família foi de mudança para o Rio de Janeiro. De vez em quando um da família vinha para o Caí, acho que eles queriam ver se o tal de mordomo estava sendo cuidado ainda. Eu sei dizer que depois eu fui morar naquela casa e aí seguido batiam na porta, eu ia atender e diziam: nós somos sobrinhos do Sr. Guimarães, nós temos saudades da casa, queremos olhar a casa. E era muito linda a casa! Eles olhavam a casa e também sempre queriam ver o tal escravo. Se meu tio não cumprisse a promessa eles iriam protestar.

O objetivo do presente estudo não é explorar a escravidão, no entanto, julga-se importante inserir tais relatos, pois eles foram silenciados por várias fontes e seu destaque possibilita um entendimento da constituição da população caiense, que inicialmente, era composta por indígenas, posteriormente povoada por portugueses, por negros, depois por alemães e diversas outras etnias em menor número. Em muitas leituras, os negros são totalmente esquecidos, por isso, considera-se

importante inserir tais considerações para demonstrar que eles foram também constituidores da população local.

Em entrevista o Sr. José Alceu de Paula enfatizou a existência de lideranças negras que realizavam bailes, como o Sr. Oliveira e o Sr. Caetano. Na região onde hoje fica o bairro Navegantes, havia outro salão, que era dos Ramos. Essas lideranças faziam também as festas da abolição. Havia vários outros salões de baile também. O entrevistado também lembrou que o Quilombo é o bairro mais antigo do Caí, sendo efetivamente o local de negros fugitivos das fazendas de escravos da Capela e do outro lado do rio, criou-se assim este núcleo residencial só de negros. O Sr. José Alceu de Paula enfatizou ainda, que atualmente não é mais assim, que o bairro Quilombo apresenta diversidade étnica como os demais.

No trecho da entrevista da Sra. Elisabeth Oderich, citado acima, pode-se constatar que efetivamente houve escravidão na cidade. Além disso, há de se destacar que a entrevistada enfatizou veementemente a beleza da arquitetura da casa da família Guimarães, que depois se tornou propriedade de sua família. Certamente era uma casa típica de uma família de posses e que refletia o poder aquisitivo de quem ali residia. Atualmente, a casa não existe mais e a entrevistada destacou que “é uma pena”. Infelizmente também não foram encontradas fotografias da residência. Na fala da Sra. Elisabeth Oderich, como na dos demais entrevistados, percebe-se o sentimento de pertencimento destacado por Pollak (1989), que garante o sentimento de pertença a determinado grupo e espaço, no caso, em seus círculos de convívio na cidade de São Sebastião do Caí.

Ainda em relação à Figura 1, observando-se as construções, é possível notar que ali era o lugar mais nobre da cidade, composto por belas construções que revelam o poder econômico de quem ali residia. A rua principal que desemboca no porto é a Tiradentes. A seguir, temos um cartão postal que evidencia a rua que desemboca no porto.

Figura 2 – Cartão Postal de São Sebastião do Caí (data aproximada: 1905).



Fonte: Acervo de Mário Glaeser.

A partir da imagem, percebe-se que a rua é larga e tem calçamento, isto é, reflete a importância desse trajeto. Dentre as construções, destaca-se o prédio à esquerda na esquina, onde funcionava o Banco Pelotense. De acordo com o Sr. Cristiano Oderich, quem construiu aquele prédio foi um alemão de nome “Engel”. Neste prédio, funcionava sua casa comercial e, aos sábados, tinha os bailes. O entrevistado enfatizou que, naquele tempo, a população era muito menor. As pessoas vinham a cavalo, e os bailes não começavam à meia noite; começavam ao entardecer, porque depois todos tinham que voltar para casa. Ele destacou ainda que depois aquele prédio foi do Banco Pelotense, que faliu por volta de 1928. Por fim, ressaltou que o prédio se tornou presídio municipal e atualmente está em ruínas.

Em relação a esta rua, o Sr. Mário Glaeser destacou que havia cerca de quatro hotéis, pois a movimentação em torno do porto era muito grande. Portanto, a imagem sugere o imaginário de desenvolvimento a partir do Porto do Guimarães.

Levando-se em consideração a diversidade de representações numa cidade, elenca-se Goitia (2008), que enfatiza que o estudo da cidade é um tema tão sugestivo como amplo e difuso. O autor destaca que a cidade pode ser estudada por

vários ângulos. “Tudo que afeta o homem afeta a cidade, e é por isso que, muitas vezes, o que há de mais recôndito e significativo numa cidade, ser-nos-á dito pelos poetas [...]” (GOITIA, 2008, p. 9). Nesse sentido, com o intuito de buscar representações da cidade na sua relação com o rio, foi realizada a análise de poemas de uma poetisa caiense, Helena Cornelius Fortes. No entanto, antes de partir para os poemas, a vida de Helena foi pesquisada para compreender melhor a origem e o contexto de produção dos poemas.

3.1.2 Helena Cornelius Fortes

Investigar a origem e o contexto da produção dos poemas leva à indagações sobre a biografia de Helena. Inicialmente, para conhecer a poetisa, ou melhor, visualizar sua fisionomia, traz-se uma imagem, datada de setembro de 1975. A fotografia foi tirada por ocasião do “Ano Internacional da Mulher”, quando Helena, representando o Clube de Mães Maria Auxiliadora, fazia a saudação oficial na recepção ao fogo simbólico.

Figura 3 – Imagem de Helena Cornelius Fortes.



Fonte: Acervo fotográfico da família.

Salienta-se que os dados obtidos são oriundos de um registro do Clube de Mães, dos familiares e de informações de um pesquisador local e que consistem em representações da vida e da obra da poetisa. Ressalta-se que tanto os registros do Clube de Mães quanto os dados coletados pelo pesquisador tinham a função de homenagear a poetisa e, portanto, destacam os feitos da caiense em prol da comunidade.

De acordo com registro do Clube de Mães, de 12 de maio de 1977, Helena nasceu em 20 de março de 1908, em São Sebastião do Caí. Era filha de Carlos Cornelius Filho, de descendência alemã e grega, e de Adelina Michaelsen Cornelius, de descendência alemã. Helena era a penúltima dos oito filhos do casal.

Quando terminou o curso primário, aos doze anos, foi trabalhar com as irmãs embalando balas, porém, como pagavam pouco, a futura poetisa pediu autorização para ir morar com a irmã mais velha em Porto Alegre. Lá, com uma vizinha que lecionava bordados à máquina, aprendeu rapidamente o ofício e pagou o curso com trabalhos bordados. Logo, voltou para sua cidade natal e começou a bordar enxovais para noivas, visto que na cidade não havia quem fizesse esse trabalho.

Aos dezenove anos, casou-se com Aluísio Moraes Fortes, com quem teve três filhos. O primeiro, José Carlos, faleceu aos cinco meses, durante uma cirurgia. Os outros dois, Maria Therezinha e Maurício, continuam residindo em São Sebastião do Caí. Helena teve também cinco netos, dos quais ajudou a cuidar.

Segundo o Sr. Carlos Antônio Campani⁹, pesquisador caiense que elaborou uma biografia coletando dados junto aos familiares da poetisa e também nos registros dos Clubes de Mães,

Helena Cornelius Fortes foi uma cidadã caiense de inegável mérito, por ter se dedicado a fazer uso de sua incansável capacidade de trabalho e de suas múltiplas habilidades, desde o que se refere a trabalhos manuais como costura, crochê, tricô, confecção de acolchoados e almofadas e na culinária, além de sobressair-se por seu dom de liderança, iniciativa na organização de eventos beneficentes, além de cursos didáticos voltados, principalmente, à população carente.

Pelas afirmações do pesquisador, pode-se constatar que a poetisa era extremamente atuante na sociedade. Profissionalmente, Helena se dedicava à

⁹ O pesquisador não publicou a pesquisa, por isso não consta o ano.

atividade de Sub-Oficial do Cartório do Registro de imóveis de São Sebastião do Caí, auxiliando seu marido Aluísio Moraes Fortes. Com o esposo, iniciou sua atuação na comunidade, promovendo festivais de caridade, espetáculos de teatro amador, bailes, quermesses beneficentes na igreja, em clubes sociais, em clubes de futebol, no natal dos pobres, entre outros eventos. O pesquisador ressalta:

Nomeada presidente da Cruz Vermelha, em sua representação no município, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, reuniu contribuintes e organizou uma sede com máquinas de costura emprestadas. Recebia tecido branco da matriz da Cruz Vermelha e, auxiliada por dedicadas companheiras, trabalhou incansavelmente, costurando ataduras, aventais, camisolões, tudo para os feridos de guerra. Promoveu o Baile do Alumínio, no qual o valor o ingresso correspondia à doação de uma certa quantidade de alumínio. O evento foi um sucesso, na medida em que foi angariado material suficiente para lotar a capacidade de carga de um caminhão com o metal das doações, que foi encaminhado para o Exército de São Paulo.

Além de sua atuação frente à entidade, foi presidente do Apostolado da Oração, da Associação de Senhoras Católicas e festeira da tradicional festa de São Sebastião. Helena também encabeçou um evento para crianças carentes na ocasião do Natal; promoveu a campanha da pelúcia por ocasião do Dia das Mães e confeccionou, sozinha, 126 casaquinhos para crianças de um a dez anos de idade; promoveu, também, um baile em que as moças teriam que usar vestidos de pelúcia e doá-los no dia seguinte para que fossem distribuídos às mães carentes no Dia das Mães.

Helena também participou da Comissão Municipal do Mobral, no período de 1973 a 1976, visitando as moradias dos bairros em que residiam as famílias mais carentes, relacionando as pessoas analfabetas e encaminhando-as ao posto municipal a fim de que participassem do programa de alfabetização de iniciativa do Governo Federal.

Outro fato extremamente peculiar ocorreu por ocasião de um de seus veraneios em Torres. Helena se deparou com duas crianças famintas na porta do hotel. Ela e o marido foram com as crianças até o lugar em que moravam, num paupérrimo rancho de um cômodo só, em que todos, a mãe viúva e os seis filhos, dormiam no chão. Sensibilizados, trouxeram, com o consentimento da mãe, três dos seis filhos, sendo que uma menina foi criada por sua cunhada e o casal foi criado por Helena e Aluísio. A menina, que ficou com Helena, apresentava um problema na coluna. Conforme registro, do Clube de Mães, “assim que chegou à cidade,

seguindo conselhos médicos, mandou engessá-la, tentando um estacionamento da curvatura do corpo". Ficou com o colete de gesso durante um ano e Helena a banhava e vestia diariamente. O casal cursou o primário no colégio de freiras e fizeram a comunhão solene junto com sua filha Maria.

Helena e o esposo tiveram vinte e cinco afilhados e, segundo o pesquisador, raro foi aquele que não contou com a ajuda dos padrinhos para se encaminhar na vida estudantil. O Sr. Carlos Antônio Campani destaca:

À cidade natal, Helena dedicou especial amor. Em 1975, por ocasião do Centenário de Instalação do município de São Sebastião do Caí, Helena descreveu as belezas de sua terra, compondo a letra e música do Hino do Centenário e, muito emocionada, assistiu à Banda do Pelotão de Montenegro executá-lo em solenidade na praça Matriz, abrindo os festejos do centenário do município. Neste mesmo ano em que o município completava seu centenário, publicou o livro "Reminiscências", em que descreve em versos entremeados de carinho, admiração e humor, fatos marcantes, as tradições, pessoas ilustres e vultos populares que fizeram parte da história de nossa cidade.

Campani destaca a criação do hino do Centenário¹⁰ que ressalta as belezas da cidade e faz referência ao livro de poemas de Helena. Salienta-se, ainda, que o livro foi publicado em homenagem ao centenário do município. O pesquisador ressalta também a variedade de temas dos poemas bem como caracteriza-os como repletos de carinho, admiração e humor.

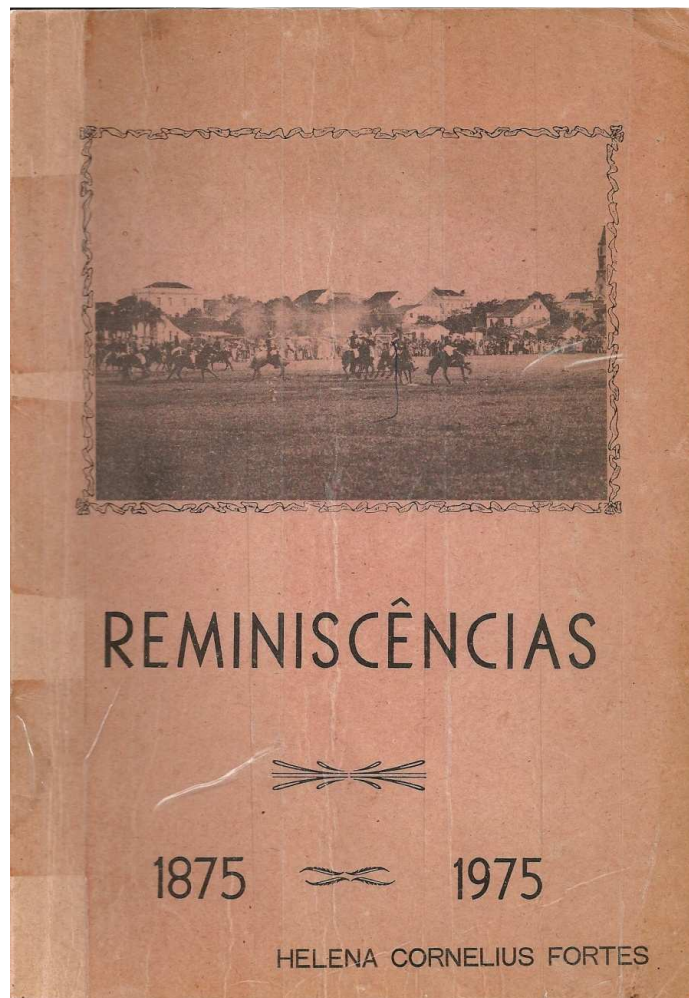
Reminiscências é um livro composto por poemas que abrangem aspectos históricos e culturais da cidade. Portanto, apresenta temas variados, desde históricos a temas do cotidiano e de personagens populares marcantes na história da cidade. O livro possui 138 páginas e um total de 43 poemas. Destes, 34 abordam aspectos históricos e culturais. Depois, há uma divisão intitulada *Figuras Populares* e segue uma sequência de 9 poemas sobre personagens populares da cidade.

O livro inicia com um breve texto nostálgico sobre a escrita de versos a partir de passagens da infância da autora juntamente com informações coletadas dos seguintes cidadãos caienses: Carlos Rodrigues da Silva (91 anos de idade); Garibaldi Moraes (84 anos de idade); Alfredo Michaelsen (79 anos e falecido na ocasião da publicação) e Arthur Henzel (81 anos de idade). Na sequência a autora abre o livro com alguns versos elogiando a cidade Centenária.

¹⁰ Nesta pesquisa, não será trabalhado com o hino, pois muitas das questões abordadas nele estão nos poemas utilizados no presente estudo.

O livro possui algumas imagens da cidade, não necessariamente atreladas aos poemas. São três imagens além da capa. Uma retrata um desfile de carros alegóricos, outra a enchente de 1920 e a última a casa da família Guimarães. Na sequência, a Figura 4 mostra que o livro traz na capa a foto das cavalhadas realizadas em 1920 no potreiro do Sr. Martim Adams.

Figura 4 – Capa do livro *Reminiscências*.



Fonte: Acervo fotográfico da autora.

Reminiscências é uma publicação extremamente importante para a cidade, pois, após a monografia de Masson (1940), este é o único livro que trata da história e do cotidiano da cidade. Em seguida, a Figura 5 mostra mais uma imagem de Helena, em julho de 1975, numa tarde de autógrafos em função de sua publicação.

Figura 5 – Imagem de Helena Cornelius Fortes, autografando seu livro.



Fonte: Acervo fotográfico da família.

Em relação ao livro, é importante destacar que a autora coletou informações junto a caienses idosos que tinham muitas experiências a compartilhar. Bosi (1994, p. 414) enfatiza que “o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado”. Assim, pode-se afirmar que a poetisa sustentou seus versos a partir de memórias coletivas enriquecendo e qualificando sua obra. Tornou-se, portanto, o primeiro livro, de que se tem conhecimento, que narra, através de versos, a história e o cotidiano dos caienses do primeiro centenário de existência do município. Portanto, a partir deste, pode-se buscar representações que auxiliem na compreensão da relação dos caienses com o rio Caí.

O que se pode perceber, pelas representações sobre a poetisa, é uma grande dedicação de Helena para com os outros. Seja em relação à sua família, aos pobres aos quais ajudava ou mesmo às crianças adotadas e criadas por ela junto com o esposo. Nas descrições encontradas, essa atitude de doação de Helena foi unânime. Assim, Helena deixou sua marca na cidade a partir de seus gestos de doação e de seus poemas que retratam a história, a cidade, o cotidiano e algumas figuras populares de São Sebastião do Caí. Sendo assim, o imaginário em torno da

poetisa ressalta suas virtudes de doação aos seus conterrâneos e de amor à sua terra, materializado a partir dos poemas de *Reminiscências*.

3.1.3 Poema "Família Guimarães"

Na sequência, será analisado o primeiro poema selecionado para fazer parte deste estudo, intitulado "Família Guimarães". Entretanto, antes de partir para a análise, convém adentrar em caminhos da literatura e fazer algumas considerações a partir do uso de tal fonte de pesquisa. Na busca por um conceito de literatura, entra-se num campo delicado, porque, segundo Compagnon (1999), não existe um consenso sobre o que é literatura. Elencando vários autores, seria possível uma aproximação do conceito, mas a discussão se tornaria longa em demasia, o que não é o objetivo.

Então, far-se-á uso de textos literários para, a partir destes, verificar quais representações e imaginários estão presentes na cultura dos caienses no período em que tais poemas foram escritos, pois, de acordo com Ferreira (2009, p. 62)¹¹, os textos literários são vistos "[...] como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo". Eis a justificativa para o uso dos poemas de Helena. Os versos da poetisa apresentam essa riqueza de significados para o entendimento da sociedade no período em questão.

Candido (2006, p. 27) propõe que:

Num texto literário há essencialmente um aspecto que é *tradução* de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem por meio da qual o escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem. O estudo do texto importa em considerá-lo da maneira mais íntegra possível, como comunicação, mas ao mesmo tempo, e sobretudo como expressão. O que o artista tem a comunicar, ele faz à medida que se exprime. A expressão é o aspecto fundamental da arte e portanto da literatura (grifo do autor).

¹¹ Ferreira (2009) destaca que a partir do movimento de renovação da historiografia no século XX, iniciado na França, por historiadores ligados à revista *Annales* e, posteriormente, trazido ao Brasil, é que houve uma ampliação do foco de pesquisa, dando ênfase aos processos sociais e econômicos e, mais tarde, a aspectos mentais das civilizações. Essa mudança exigiu uma postura interdisciplinar e utilização de novas fontes de pesquisa. E a partir da História das Mentalidades, com Lucien Febvre, abriu-se espaço para a investigação de textos literários.

A expressão do autor reflete um imaginário coletivo, pois somos inseridos na sociedade, e nossa educação é reflexo de construções mentais coletivas. Ferreira (2009, p. 71) afirma: “devem interessar à pesquisa histórica todos os tipos de textos literários, na medida em que sejam vias de acesso à compreensão dos contextos sociais e culturais [...]”. A partir dessa perspectiva, são utilizados poemas que complementam os relatos orais justamente por serem instrumentos que dão possibilidade de acesso aos contextos sociais e culturais do período em que foram produzidos e aos imaginários da cidade.

Uma questão inquietante, num estudo interdisciplinar, reside no enquadramento do texto no gênero mais apropriado, no entanto, Ferreira (2009, p. 74) tranquiliza tal anseio afirmando: “cabe àqueles que trabalham com a fonte literária, em vez de enquadrá-la em algum gênero pressuposto, interrogar a que público ela se destina e que papel cumpre nas condições sociais e culturais de uma época”. A análise, proposta para o presente trabalho, abordará especialmente o contexto histórico e cultural do período em que foi produzido buscando uma aproximação às representações da cidade na sua relação com o rio. Não existe um método definido para que o historiador trabalhe com literatura, “[...] o método de trabalho do pesquisador depende da problemática que o leva à investigação” (FERREIRA, 2009, p. 80) e deve ser construído pelo pesquisador no contato com seu objeto. Dessa forma, a literatura será uma fonte para análise neste estudo que segue a linha da História Cultural.

Retomando as ideias iniciais, a cidade contava com indígenas, depois com os portugueses, primeiros colonizadores da cidade. Além de Bernardo Mateus, foram encontradas referências de outra importante família, a dos Guimarães. Foram localizadas algumas delas em poemas extraídos do livro *Reminiscências* (1975) de Helena Cornelius Fortes, produzido em virtude do aniversário de 100 anos do município de São Sebastião do Caí, ocorrido em maio de 1975.

De acordo com Candido (2006), um poema pode ser analisado em duas etapas: comentário analítico e análise interpretativa. Neste estudo far-se-á análises interpretativas dos poemas. A seguir, os versos da poetisa Helena Cornelius Fortes (1975), em poema intitulado “Família Guimarães”, sobre as primeiras famílias caienses:

Em mil oitocentos e cinquenta
 todo este chão onde moramos
 pertencia a Bernardo Mateus,
 forte caboclo de muitos anos.

Moradores deste povoado
 eram poucos mas amigos seus,
 foi por isso que denominaram
 o embarcadouro de "Porto do Mateus".

As mesmas terras foram vendidas
 pelo Mateus a Antônio Guimarães
 e o Porto já não era do Mateus,
 passando então pra "Porto Guimarães".

Os versos traduzem um pouco do início da história da cidade. Enaltecem a força de Bernardo Mateus, que, pelas informações obtidas, recebeu uma sesmaria, que incluía as terras que hoje correspondem à parte de São Sebastião do Caí. Conforme Nunes (1979), “devido ao primeiro proprietário, o lugar chamava-se inicialmente ‘Porto do Mateus’”. Depois da venda das terras para a família Guimarães, foi alterado o nome do porto, que passou a ser denominado Porto do Guimarães. De acordo com Masson (1940), por volta de 1850, Antônio José da Silva Guimarães adquiriu grande porção de terras na região, à margem esquerda do rio Caí. Nessas terras, estava localizado o porto que, a partir de então, passou a chamar-se “Porto do Guimarães”. Conforme Nunes (1979), “o lugar em que atualmente se encontra a cidade de São Sebastião do Caí denominou-se, durante algum tempo, mais ou menos de 1850 a 1875, de ‘Porto do Guimarães’”.

Em relação à família Guimarães, grande proprietária de terras na localidade, Fortes (1975) destacou:

Uma casa grande foi feita
 pra família de Antonio morar
 esquina da Marechal Deodoro,
 quem quiser pode vê-la e entrar.

Muito embora, faltando a metade,
 o que resta vai sempre lembrar:
 nesta casa viveu a família
 que ao Caí ajudou a fundar.

O imaginário em torno da fundação restringe-se a poucas famílias, especialmente a Bernardo Mateus e à família Guimarães. A poetisa, por meio dos versos rimados, narra um trecho da história da cidade, quando enfatiza que a família

Guimarães ajudou a fundar o município. O porto até hoje é lembrado como Porto do Guimarães, portanto, o nome assim permaneceu. Nesse mesmo sentido, a Sra. Elisabeth Oderich, que também lembrou dos Guimarães, durante a entrevista enfatizou:

O que eu me lembro é o seguinte, onde hoje fica a casa da filha do Wallace, ali tinha uma casa, era enorme! As janelas e arcos todos grandes, então embaixo tinha um baita de um porão e todo trabalhado pra moradia. Quem construiu aquela casa foi Alencastro de Guimarães, foi um dos primeiros moradores aqui da cidade. Eles eram portugueses, moravam no Rio de Janeiro, quando vieram aqui pro Caí, eles trouxeram um mordomo, um negro escravo junto. Toda a reta da Vila Rica era deles, eles eram quase que os donos do Caí, tanta terra que tinham, e ali pro lado do rio, aquelas retas tudo que vão até lá em cima, era tudo dos Guimarães e eles moraram muitos anos aqui. Aquela esquina onde eles moraram, aquelas quatro esquinas ali, toda esquina tinha um morador da família, tudo casas bonitas.

A família Guimarães comprou terras de Bernardo Mateus e fixou moradia na cidade. Construíram lindas casas, conforme a fala da Sra. Elisabeth Oderich, que refletiam seu poder econômico. Ela acrescentou que vieram do Rio de Janeiro e na vila se estabeleceram. Depois, os Guimarães venderam as terras e voltaram para o Rio de Janeiro. Na sequência, a Sra. Elisabeth Oderich narra que anos depois:

[...] o então o prefeito o Dr. Egídio Michaelsen foi visitar essa família Guimarães no Rio de Janeiro. Aí então, lá ele foi muito bem recebido e o Sr. Alencastro de Guimarães disse assim para o Dr. Egídio: "Toda essa minha biblioteca eu estou oferecendo pra prefeitura do Caí". Aí o prefeito ficou feliz do mundo quando viu aquela biblioteca e aí então ele voltou pro Caí e contou que tem uma fortuna lá no Rio de Janeiro pra buscar e aí então depois quando chegou mais assim no assunto do transporte aí o prefeito se comunicou lá com o Rio de Janeiro: "Infelizmente nós não temos prédio grande o suficiente pra guardar essa biblioteca e a prefeitura não tem condições de fazer o transporte". Então não veio pra cá por esses motivos. Nessa época eu tinha... menos de 15 anos, o prefeito teve que agradecer e ficou lá. Hoje ainda a biblioteca é pequena aqui. Imagina uma coleção completa, de certo livros vindos até de Portugal...

A partir da narrativa da Sra. Elisabeth Oderich, pode-se concluir que a família Guimarães, além de ser uma família de posses, tinha também apreço pela leitura a ponto de ter uma grande biblioteca. De acordo com a entrevistada, foi uma pena não poder aceitar a doação da família Guimarães, que seria uma grande contribuição para os caienses. Aumentaria consideravelmente o número de volumes, conseqüentemente possibilitando o acesso a um acervo composto, possivelmente, de obras com as quais a biblioteca da cidade não conta atualmente.

Considerando que as representações sociais são instituidoras da vida social, e que conforme Pesavento (2008) ao longo do tempo, os homens elaboram ideias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade, pensa-se que a história narrada sobre a família Guimarães reforça a ligação da cidade com o rio, pois uma das primeiras famílias deu inclusive o nome ao porto que foi largamente utilizado na primeira metade do século XX. Portanto, o discurso em torno da família Guimarães e em torno do porto gera um sentimento de passado comum, uma espécie de identidade comum aos caienses, criada a partir da vinda da família Guimarães. Parece haver um esforço da autora em consolidar esse passado comum, essa origem da cidade através dos Guimarães.

Além dos aspectos históricos que geram este sentimento de pertencimento à cidade, em que os habitantes passam a ter um passado comum, outros aspectos em relação ao rio foram encontrados nos poemas, nas imagens e destacados nas entrevistas. Na sequência, serão trazidos aspectos relacionados ao lazer na cidade associado ao curso d'água em questão.

3.2 LAZER E SOCIABILIDADES RELACIONADAS AO RIO CAÍ

Buscaram-se, junto às fontes pesquisadas, aspectos relativos ao lazer e às sociabilidades dos caienses que tenham relação com o rio. Encontraram-se, nas fontes pesquisadas, várias atividades como banhos no rio, natação, pescarias, regatas, almoços nos vapores e piqueniques.

Além de os vapores levarem cargas, tinham estrutura como beliches para acomodar os passageiros e o restaurante, que, pelas considerações de alguns entrevistados, oferecia refeições muito boas. Em entrevista, o Sr. Carlos Antônio Campani destacou que “em domingos, quando os vapores estavam atracados aqui [...] o pessoal ia almoçar nos barcos e os alugavam para fazer piquenique, passeios, [...] quando eles não estavam a serviço em Porto Alegre”. Ele enfatizou ainda: “tanto é que os melhores restaurantes que nós tínhamos na época eram em cima dos barcos”. Portanto, aos domingos, quando os vapores estavam atracados no porto, podiam ser alugados para passeios ou então ser o local para almoços dominicais.

Retomando-se as ideias de Candau (2012), que destaca que as memórias nos modelam e são modeladas por nós, enfatizam-se os aspectos positivos levantados pelos entrevistados. As representações em torno dos vapores eram extremamente positivas, comportando saborosos restaurantes e aconchegantes acomodações para as viagens.

Convém lembrar também da seletividade da memória, apontada no início do estudo, a partir de Pollak (1992). Como a memória é seletiva, nem tudo é lembrado. Só alguns entrevistados lembraram as tragédias¹² ocorridas com vapores no rio Caí.

A seguir, veja-se um poema de Helena intitulado "Pique-niques (sic) de vapor" para se ter ideia da dimensão que tal atividade tinha neste contexto.

De vapor, os pique-niques
que o Clube Tesoura fazia
proporcionavam aos sócios
horas de grande alegria.

Dois vapores carregados
com as famílias inteiras
desde o mais novo ao mais velho
com suas roupas domingueiras.

As moças e as meninas,
de chapéu, cabelos em trança,
sorrindo antegozavam
do mato a grande festança.

A rouca voz do apito
de quando em vez assustava,
chamando algum retardado
que de mole se atrasava.

As sete horas em ponto
os barcos desamarravam;
em cada barco uma Banda
que a tocar se revezavam.

Cada qual mais apinhado
de gente alegre a cantar
em direção ao Pacote¹³
onde tudo iria acampar.

Com muito garbo seguiam
os dois barcos sobre as águas

¹² Conforme Masson (1940), na história da navegação do rio Caí, houve duas catástrofes. No dia 9 de fevereiro de 1890, em Porto Alegre, explodiu a caldeira do vapor Maratá, destruindo completamente a embarcação que pertencia a Carlos Guilherme Schilling. E, em junho de 1923, pouco abaixo de Montenegro, sucedeu o mesmo com o vapor Horizonte, da companhia Kayser & Erig.

¹³ Conforme o Sr. Renato Klein, os veleiros eram chamados de pacotes. E, devido ao naufrágio de um deles, a fazenda ali localizada recebeu a denominação de Pacote.

levando a carga risonha
pra esquecer as suas mágoas.

Encantados na paisagem,
no esplendor da natureza,
ramos verdes, musgo e flores
reunindo toda a beleza.

De cada lado os curiosos
no barranco espreitavam
não podendo tomar parte
só em olhar se deliciavam.

Ora num lado, ora noutro,
o pessoal nunca parava,
o barco pendia tanto
que, aos gritos, quase afundava.

O presidente do Clube
era compadre e amigão
do dono lá da Fazenda
que fazia boa recepção.

Num grande mato copado
as famílias acampavam;
ao som das Bandas tocando,
seus lanches desembulhavam.

A peonada da casa
duas novilhas abatia,
a gorda carne em churrasco
às famílias oferecia.

Jogos, corridas e dança,
e o fim da tarde chegava.
Tristeza pra mocidade
alívio pra mãe cansada.

Apitos e mais apitos
era hora de regressar.
Corriam todos aflitos
e a Banda ainda a tocar.

E, então, mais do que nunca
todo o vapor era pouco;
os barcos iam subindo
e o peso era coisa de louco.

Todos, na mente, traziam
do passeio as maravilhas,
traziam, também, o peso
das duas gordas novilhas.

As Bandas já não tocavam,
o seu repertório esgotara
e as moças ainda cantavam
recordando o que passara.

De tantos jovens alegres
restam hoje velhos tristonhos,

vivendo só das saudades
e revivendo seus sonhos.

O poema dá voz a uma das práticas de lazer e sociabilidade de alguns caienses, os piqueniques. Essa prática, destacada por Fortes (1975), realizada aos domingos, “proporcionava... horas de grande alegria” às pessoas que, desde cedo se preparavam para o passeio. Roupas domingueiras eram vestidas e penteados nas moças eram feitos, junto com belos chapéus para aproveitar o passeio.

A música e o canto embalavam a viagem. Os vapores seguiam levando os passageiros contentes que aproveitavam para esquecer os problemas. Nesse sentido, pode-se dizer que o vapor fluía, levando consigo desejos de um dia repleto de alegria, embalado ao som da banda que contagia.

Além do passeio no vapor e da bela música, os passageiros podiam observar a natureza, encantados com as belezas naturais. Porém, é interessante lembrar os que deste lazer não podiam desfrutar, pois a estes só restava observar. Nos versos do poema em questão, a poetisa não esquece aqueles, que eram muitos, e que não tinham condições de desfrutar de um passeio destes.

No lugar escolhido para o piquenique, geralmente se fazia churrasco, oferecido pelos anfitriões, regado a músicas que a banda continuava a tocar. Comes e bebes não faltavam. E ao final do dia, ao som do apito, os vapores seguiam ao seu local de origem.

Outro aspecto interessante é o final do poema, extremamente nostálgico, que evidencia que ou a autora, ou os idosos entrevistados, tinham saudades do tempo em que realizavam tais passeios. Conforme Bosi (1994, p. 414), “o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado”. Portanto, possivelmente o grupo no qual a poetisa estava inserida tinha esse sentimento de nostalgia em relação ao tempo em que realizavam os piqueniques.

Os piqueniques a vapor representavam momentos de alegria para os que deles tinham condições de desfrutar. Por outro lado, possivelmente causavam tristeza numa considerável parcela dos moradores que não tinha condições de usufruir de tais passeios.

Contudo, as cachoeiras localizadas à montante do rio, a partir do porto do Guimarães, eram amplamente utilizadas para banhos e realização de piqueniques.

Para realizar estes passeios, não se precisava de vapores, podia-se ir até perto do local desejado inclusive a pé.

Os piqueniques são representações de momentos coletivos vividos em torno do rio. Sejam aqueles em que os moradores eram conduzidos a vapor até o local desejado ou aqueles em que as pessoas se deslocavam a pé, com o auxílio de animais, ou posteriormente, com carros, até as cachoeiras para fazer seus piqueniques. Nesse sentido, retoma-se Catroga (2001), que destaca que a memória é social. As memórias dos piqueniques são memórias coletivas que exigem o testemunho do outro, ao mesmo tempo em que geram a coesão destes grupos. Sendo assim, estas memórias são materializadas transformando-se em representações positivas de momentos de lazer e sociabilidades em torno do rio Caí.

3.2.1 Bloco de carnaval dos Marinheiros

A cidade tinha, inclusive, um bloco de carnaval denominado "Os Marinheiros". Na sequência, a Figura 6 mostra uma fotografia deste bloco, datada de 1936.

Figura 6 – Imagem do vapor *Salvador* com o bloco "Os Marinheiros".



Fonte: Acervo fotográfico de Carlos Antônio Campani.

A partir da imagem, pode-se constatar que os participantes do bloco de carnaval “Os Marinheiros” encontravam-se uniformizados, posando para a foto, possivelmente se deslocando para algum baile na região. Todos aparentemente bem alegres. Ao fundo, é erguido um estandarte com uma âncora, símbolo do grupo. Evidencia-se portanto, a partir do nome do bloco e de seu símbolo, a forte ligação do mesmo ao rio Caí.

Partindo da premissa de que a navegação no rio Caí era uma constante, a socialização e a criação de grupos com interesses em comum foi uma consequência. O bloco em questão é um exemplo e serve para reforçar o imaginário de que os vapores eram palco de desenvolvimento, não exclusivamente econômico, mas também cultural. O bloco de carnaval dos marinheiros era um deles e refletia aspectos prazerosos em relação aos vapores e às pessoas relacionadas, de alguma forma, a eles.

O Sr. Carlos Antônio Campani conversou com um casal integrante do bloco, Sr. Mauro Selbach e Sra. Elaine Selbach, que ainda residem na cidade e conseguiu resgatar parte da marchinha de carnaval que era assim:

Remando a vida vai passando
Sorrindo a vida vai caminhando
No balanço das ondas
No teu coração estou boiando
No apito do Salvador
Encontrei o meu amor.

A partir da marchinha de carnaval, pode-se constatar a ligação do grupo com o curso d'água, pois utilizaram termos como remando, ondas, o apito do Salvador, enfim, termos associados ao rio, evidenciando sua ligação a este. A imagem, aliada à marchinha, e a lembrança de um dos entrevistados expressam, de certa forma, representações da cidade relacionada ao rio, pois evidencia essa ligação a partir da criação do próprio bloco. Retomando-se as ideias de Woodward (2000), a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, e é por meio destes que damos sentido ao que somos, portanto, constituímos nossa identidade. Então, a criação do bloco "Os Marinheiros" expressa a ligação de um grupo de caienses com o rio, com os vapores, enfim, traz aspectos que reforçam a identidade do grupo. Legitima-se,

portanto, um imaginário de que para determinado grupo existia muita diversão por sobre as águas. Através das águas fluíam os vapores, carregando as emoções, diversão e as famosas marchas de carnaval.

3.2.2 Banhos no rio Caí, natação e pescarias

Conforme os entrevistados, os banhos no rio Caí eram frequentes. De acordo com a Sra. Marisa Selbach, muitas pessoas banhavam-se no rio, de tardezinha ou nos fins de semana. Um lugar muito usado para banho era a prainha, também conhecida como manteiga. Marisa destacou “a manteiga é logo do lado do cais, onde eu sempre tomei banho. Aí tu não podias ir mais para cá, porque era fundo, então na manteiga todo mundo ia porque ali se podia tomar banho e atravessar o rio”.

Em relação aos banhos, o Sr. Cristiano Oderich afirmou que, na década de 1950, quase metade da população ia tomar banho no rio nos finais de tarde. Ele destaca que, quando visitava sua avó, também tomava banho no rio, num lugar que se chamava manteiga. Em tom de brincadeira, explicou: “manteiga é ali ao lado do porto, eu acho que tinha esse nome, porque o lodo que tinha lá, aquilo ficava tão denso como se estivesse caminhando numa manteiga, daí eu acho que vem o nome manteiga”. O entrevistado enfatizou que, na época em que havia mais barcos, não se podia tomar banho em qualquer lugar por questão de segurança. Porém, convém lembrar que da vila em direção à montante do rio não era frequente a utilização da via para navegação, portanto, era apropriado para banhos, inclusive e, especialmente nas cachoeiras, como já apontado.

A Sra. Marisa Selbach destacou ainda: “ali no porto o pessoal fazia as peripécias, se atiravam, então e agora vamos ver quem vem... mas é porque ali se podia arriscar, e em outros lugares não”. A entrevistada enfatizou também que muitos nadavam com frequência no rio. Já o Sr. José Alceu de Paula afirmou que no verão o divertimento era o rio. Ele destacou:

E no verão era o rio, nosso grande rio! Banho de tarde... nós saíamos daqui e subíamos, às vezes com oito caícos... uma gurizada, alguns mais idosos, mas todo mundo já nadava. Íamos lá para cima no rio, comíamos melancia, milho verde... Depois deixávamos o caíco vir sozinho. A gente ia até perto

onde é o balneário da Harmonia e depois voltávamos de caíco. O nosso divertimento no verão era o rio todos os dias.

Além dos banhos de rio, da natação e dos passeios de caíco, o entrevistado enfatizou outras atividades realizadas no rio como os mergulhos, onde competiam para ver quem conseguia ficar mais tempo embaixo d'água, as brincadeiras no rio com bola, ou sem bola, o sentar-se nas pedras que havia às margens, a brincadeira de bater as pedras para o outro escutar lá do outro lado, enfim, o rio era sinônimo de diversão nos verões.

O Sr. Jacob Selbach lembrou quando vinha com seu pai, Sr. Heitor¹⁴, na época, secretário geral do prefeito, e pescava no rio junto com o amigo, filho do Dr. Orestes. Destacou que além de pescar, observavam os lambaris nadando, comiam frutas silvestres, como pitanga, quaresma... que havia na prainha.

Retomando a questão da seletividade da memória, enfatiza-se que somente a Sra. Marisa Selbach destacou um afogamento no rio. Porém, vários entrevistados salientaram que atualmente não é mais possível tomar banho no rio Caí em função da poluição¹⁵. Entretanto, ainda assim sobressaem-se, portanto, as lembranças positivas em relação ao rio no que tange ao eixo lazer.

Como se pode perceber, os banhos no rio tiveram mais destaque nas colocações dos entrevistados, contudo, a prática da natação e as pescarias também foram destacadas, dentre outras atividades relacionadas ao rio. Contudo, não se pode deixar de destacar o entusiasmo dos entrevistados ao relatar as lembranças de lazer e sociabilidades em relação ao rio. Porém, foi evidente também a tristeza estampada em seus olhares quando se referiam à atual situação do rio, ou seja, à poluição que hoje afeta o rio Caí.

3.2.3 Bandas

¹⁴ Sr. Heitor foi secretário geral do prefeito Dr. Lucas Orestes, depois foi três vezes vereador e duas vezes prefeito da cidade.

¹⁵ Conforme aponta pesquisa do IBGE (2010), o rio Caí é o oitavo rio mais poluído do Brasil. Fonte: <http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2012/marco/dados-do-ids-destacam-os-10-rios-mais-poluidos-do?tag=agua>.

Em se tratando de lazer, não se poderia deixar de trazer o poema de Helena Fortes intitulado “Bandas”. O poema faz referência aos imigrantes alemães e italianos que teriam trazido consigo "o amor à música e ao canto". Eis o poema:

O imigrante alemão e
o italiano tanto quanto,
junto consigo trouxeram
o amor à música e ao canto.

Nas igrejas para o coro
grupos cantores formaram
e também nas sociedades
grupos em coro cantavam.

E logo, dos que vieram
sabendo um instrumento tocar,
uniram suas qualidades
pra uma Bandinha formar.

As Bandas em toda parte
suas músicas executavam,
nos bailes, nos casamentos
e na praça, como encantavam!

De todas as mais antigas:
de Miguelino Silveira,
de seu irmão Adalberto,
do meu pai foi a pioneira

A música é doce enlevo
nos tristes e bons momentos.
Completa toda alegria
e ameniza os sofrimentos.

O poema ressalta o imaginário em torno da musicalidade trazida pelos imigrantes alemães e italianos. Esse apreço à música contagiou os moradores, e foram formados diversos coros e bandas. Nas colocações de alguns entrevistados, tais grupos espalhavam alegria por onde tocavam, seja em bailes, casamentos, na praça, no cinema, na época em que era mudo, e nos piqueniques, quando animavam os passeios dominicais.

Certamente a musicalidade não está exclusivamente relacionada ao rio, pois esta arte perpassa vários espaços. Contudo, pode-se relacioná-la ao curso d'água em questão, porque os imigrantes chegaram na região por meio dele e também espalharam este apreço que contagiou muitas pessoas fazendo parte dos piqueniques a vapor e de outras festividades como expressa a Figura 7, a seguir.

Portanto, na sequência temos uma imagem da Banda Musical de Miguelino Silveira no Cais do Porto por ocasião de uma Festividade. Esta banda é uma das

mais antigas. Não foi obtida a data da fotografia porém, estima-se que tenha sido tirada no início do século XX. Levando-se em consideração que antigamente as fotografias não eram muito comuns, tal imagem pode expressar a relevância da banda e vem a complementar o texto de Fortes (1975), exaltando seu prestígio.

Figura 7 – Banda musical de Miguelino Silveira no Cais do Porto, por ocasião de uma festividade.



Fonte: Acervo fotográfico de Gilberto Kayser.

3.2.4 Clubes de Regatas na cidade

A cidade contava também com um clube de regatas. Conforme informações obtidas a partir de Licht (1986), em oito de agosto de 1923, o *Correio do Povo* noticiou a fundação, em São Sebastião do Cahy¹⁶, do Grêmio Almirante Tamandaré, tendo como organizadores: Otto Gruber, Max Oderich, Edgar Mentz, Oswaldo Seidl e Pery Costa. Uma das iniciativas do clube foi a aquisição de um gig a quatro remos Toropy, do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, de Porto Alegre. Porém, de acordo com o estudioso, o clube funcionou por poucos meses.

¹⁶ Acredita-se que o nome da cidade foi escrito dessa forma em função da grafia empregada na época.

Mais tarde, em dezessete de março de 1936, foi fundado o Praia Club – Grêmio de Natação e Regatas, que teve sua sede na Rua Tiradentes, número 205.

Na presidência, ficou o Dr. Gabriel Obino e, na vice-presidência, o Dr. Herwig Krekel. A partir de então, o clube ganhou várias competições. A seguir, a Figura 8 apresenta uma fotografia do grupo que ganhou várias competições entre clubes na cidade e inclusive em Porto Alegre. Os competidores são: Reinaldo Kayser - timoneiro, Atílio Rübenich, Mauro Selbach, Reno Jacobsen e Remo Rübenich. A foto foi tirada em 1936.

Figura 8 – Competidores: Reinaldo Kaiser - timoneiro, Atílio Rübenich, Mauro Selbach, Reno Jacobsen e Remo Rübenich.



Fonte: Acervo fotográfico de Carlos Antônio Campani obtido com Mauro Selbach.

Vários entrevistados lembraram da existência da prática das regatas no rio Caí. O Sr. Cristiano Oderich destacou: “tinha os clubes de regatas... o meu pai fez parte do clube. Eles tinham dois ou três barcos de remo para as regatas, eu não sei onde eles foram parar, durante muitos anos eles estavam na carpintaria dos Selbach, lá na beira do rio”. Em entrevista, a Sra. Elisabeth Oderich ressaltou:

Antigamente tinha as regatas. Ali onde tem um prédio, (presídio desativado) onde tinha o banco Pelotense, lá eram guardadas as regatas e depois lá no Mauro Selbach, perto do rio. Aquilo era muito bonito! Eles participaram de vários campeonatos em Porto Alegre e ganharam prêmios e tudo. [...] ali tinha muito divertimento e era um esporte muito prestigiado [...].

A partir das lembranças da Sra. Elisabeth Oderich, pode-se enfatizar o prestígio com o qual o clube de regatas contava. Ela destaca: “Aquilo era muito bonito!”. Porém, infelizmente, de acordo com Licht (1986), em maio de 1941, o clube teve prejuízo total devido à catastrófica enchente ocorrida na cidade. A partir de então, não se tem mais informações sobre a continuidade ou não das atividades do clube.

Entretanto, convém salientar que os entrevistados que destacaram a existência do clube de regatas enfatizaram a prática do esporte no rio e o prestígio que o grupo, apresentado na Figura 8, atingiu ganhando competições.

Retomando algumas ideias apresentadas, pode-se perceber que o lazer relacionado ao rio tem aspectos coletivos, porém, diversos, isto é, as mais diversas representações apresentadas ora se relacionam a um grupo, ora a outro. Essa constatação vem ao encontro de um dos pressupostos de Bosi (1992) de que não existe uma cultura homogênea. Da mesma forma, não se pode dizer que uma única prática de lazer represente uma cidade. Portanto, apesar de se trabalhar na busca de representações da cidade na sua relação com o rio buscando representações coletivas, tem-se consciência de seu caráter plural.

Além dos aspectos destacados até então, seguir-se-á desenvolvendo-se alguns aspectos referentes ao comércio via Porto do Guimarães e sobre as condições necessárias para a ampliação dessa atividade.

4 NA FLUIDEZ DAS ÁGUAS SE CONSTITUI A CIDADE

Retomando a ideia de que o rio Caí é o eixo estruturador do espaço urbano em questão, é preciso fazer algumas considerações sobre sua localização. Ele pertence à bacia hidrográfica do rio Caí, situada no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. De acordo com o Comitê de Gerenciamento da Bacia que leva o mesmo nome, abrange uma extensão de 264 Km. Ele nasce em São Francisco de Paula com o nome de rio Santa Cruz, após a transposição da barragem do Salto, junta-se ao arroio Cará e, a partir de então, passa a ser denominado rio Caí. Suas águas deságuam no Delta Jacuí, no local onde se inicia a formação do Guaíba (FILIPPINI, 2012).

Na sequência, a Figura 9 é uma imagem da bacia hidrográfica do rio Caí. A cidade, alvo do presente estudo, está destacada no mapa. Este serve para que se possa compreender o contexto geográfico no qual o rio está inserido.

Figura 9 – Imagem da bacia hidrográfica do rio Caí.



Fonte: Acervo de Gilberto Kayser.

A Bacia hidrográfica, apresentada na Figura 9, totaliza uma área de 4.983 Km², é composta por 42 municípios e integra a região hidrográfica do Guaíba. Limita-se a Oeste e Norte com a Bacia Taquari-Antas, ao Sul com a Bacia Baixo Jacuí, e a Oeste com a Bacia do Sinos. Do ponto de vista hidrográfico, a Bacia do Caí caracteriza-se por apresentar um curso de água principal, que é o rio Caí e alguns afluentes de maior porte, como, por exemplo, das partes altas para as partes baixas: Arroio Piaí, Arroio Forromeco, rio Cadeia e Arroio Maratá (FILIPPINI, 2012).

A Bacia do rio Caí pode ser dividida em três trechos: trechos alto, médio e baixo. O trecho alto, que se estende até a foz do Arroio Caracol, se caracteriza por apresentar cotas elevadas, relevo plano e pela presença das barragens do Santo, Blang e Divisa. No trecho médio, que vai do Arroio Caracol até São Sebastião do Caí, encontra-se a porção mais urbanizada e industrializada da bacia, resultando em fortes pressões sobre o ambiente, o relevo se torna mais acidentado apresentando encostas de grande declividade. O trecho baixo, de São Sebastião do Caí até a foz, que apresenta relevo plano e cotas baixas, é marcado pela ocorrência de inundações nas áreas urbanas de Montenegro e São Sebastião do Caí (FILIPPINI, 2007).

O segmento navegável restringe-se, portanto, ao trecho baixo do rio que se estende de São Sebastião do Caí até a jusante do rio. Outra característica marcante neste trecho são as inundações que são frequentes e afetam consideravelmente a vida dos moradores das regiões afetadas desde a constituição do povoado. Na sequência, se retornará a esta questão quando se tratar sobre as primeiras estradas.

Retomando-se a ideia inicial, na fluidez das águas, a cidade se constitui e começa a crescer. Parte-se das ideias iniciais, lançadas no Capítulo 3, reiterando que mesmo São José do Hortêncio tendo sido colonizado antes e estar mais desenvolvido que o Caí, a sede da vila foi transferida em 1873 para o Porto do Guimarães. Conforme o Sr. Renato Klein, o Caí era o último lugar em que era possível chegar de barco, pois logo adiante tem as cachoeiras. O entrevistado destaca ainda que tornar Caí a sede da vila estava dentro do plano estratégico de atrair colonos para ocupar a região da serra, pois onde fica o porto era o lugar ideal para a sede de uma vila, porque os colonos viriam de barco até o Caí, até o porto e

depois prosseguiriam. O Sr. Renato Klein enfatizou ainda que se criou toda uma infraestrutura para isso. Em pouco tempo, a vila tinha juiz, delegado, câmara de vereadores e investimentos na área médica para dar assistência à colonização da serra.

Portanto, a colonização italiana vinha até a sede da vila e daí partia em direção à serra. Nesse sentido, o Sr. Cristiano Oderich recordou que seu tio Carlos, que era irmão mais velho de seu pai, nascido por volta de 1885 ou 1886, morava em frente ao Porto do Guimarães. O entrevistado relatou que seu tio contava lembranças de sua infância, de quando tinha cerca de dez ou onze anos. Ele contou, baseado nas lembranças de seu tio, que os italianos desembarcavam ali no Porto e já seguiam pela Rua Tiradentes e subiam em direção à Nova Milano. Destacou que eles iam a pé, que geralmente não tinham dinheiro para alugar um burro, mas enfatizou que “os italianos eram muito alegres, saíam caminhando, cantando com muita esperança em relação ao Brasil, coisas de mil oitocentos e noventa e tantos já[...]”.

De acordo com a Sra. Marisa Selbach, São Sebastião do Caí sempre foi importante por causa do rio pelo qual se fazia o transporte de tudo. “Vinha de Caxias, que meu pai sempre falava, nas tais mulas, carroças de mulas, então todo o comércio era aqui, o transporte era feito através do rio, tudo era feito aqui. Então, a cidade era um polo de escoamento dos produtos que se fabricava. Porque Caxias pertencia a Caí, era um distrito de Caí”.

De acordo com Masson (1940), no tempo em que Caxias era conhecida como “Campo dos Bugres”, descia a São Sebastião do Caí um italiano residente naquela colônia trazendo farinha de trigo em cargueiros, pois ainda não havia estradas de rodagem na região. Segundo ele, perdeu-se, infelizmente, o nome desse colono empreendedor, pioneiro do intercâmbio comercial de Caxias com São Sebastião do Caí. Masson (1940, p. 102) destaca:

Um dia os moradores desta localidade, que já estavam habituados a ver o italiano tocando por diante suas mulas de carga, tiveram uma surpresa que seguramente não foi pequena: o homem entrava na vila sentado numa carreta puxada por três juntas de bois. Era o primeiro que conseguia fazer passar um veículo pesado pelos escabrosos e acidentados caminhos da região. Para que os bois aguentassem a penosíssima viagem o colono mandara ferrá-los! [...] E assim foi inaugurado entre Caxias e S. Sebastião do Caí o tráfego de carretas coloniais, que tanto viria contribuir para o desenvolvimento comercial deste município.

Conforme Masson (1940), efetivamente, poucos anos depois São Sebastião do Caí estava transformado num entreposto movimentado, donde os produtos coloniais, chegados por terra, seguiam, por água, para Porto Alegre. Isso ainda na época em que a navegação no rio Caí era muito dificultada, em grande parte do ano, pela falta d'água.

Assim, como os moradores de Caxias e arredores traziam seus produtos até o porto para serem comercializados, assim também, de acordo com a Sra. Elisabeth Oderich, todos os passageiros que iam para Caxias iam de vapor até o Caí, onde eles desembarcavam e subiam para Caxias, ou em cavalos ou em carroças. “E antigamente o rio era o nosso progresso, o progresso todo estava lá no cais. [...] E ali onde fica o cais os navios encostavam e para entrar no navio eles botavam tábuas e aí a gente passava por cima das tábuas para entrar e para sair, mas o navio vinha até bem pertinho”. O Sr. Jacob Selbach enfatizou que:

quando virou paróquia aqui e houve uma verbazinha estadual para melhorar o Porto, a chegada, a navegação, a população começou a crescer, rapidamente passou pra mil famílias, duas mil famílias, quando era paróquia aqui no Caí já tinha umas duas mil e quinhentas pessoas e aí foi crescendo, crescendo, crescendo...

Com o passar do tempo, foram realizadas obras para melhorar o porto do Guimarães. Na sequência, há algumas imagens pelas quais se buscará verificar de que maneira isso ocorreu. A primeira imagem do porto é de aproximadamente 1888 (Figura 10) e expressa o que a Sra. Elisabeth Oderich apontou: a presença de tábuas que serviam para o embarque e desembarque nos vapores. Como se pode observar, tudo era muito incipiente ainda, tinha uma mera rampa por onde as pessoas embarcavam e desembarcavam e realizavam também o carregamento e descarregamento dos produtos. A quantidade de mulas empregadas na condução das carroças chama a atenção. Evidencia que uma considerável quantidade de produtos era carregada.

Figura 10 – Cais do Porto.



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Vale do Caí.

Na Figura 11, veem-se o cais do porto com o vapor Garibaldi e a movimentação devido à atividade comercial no rio Caí.

Figura 11 – Vapor *Garibaldi* ancorado no rio Caí.



Fonte: Acervo fotográfico de Mário Glaeser.

A imagem data do início do século XX, possivelmente em torno do ano 1916. Reinheimer (2010, p. 145) destaca que “a Companhia de Navegação do Caí¹⁷ tinha como seu melhor ‘navio’ o vapor Garibaldi”, que se pode visualizar na Figura 11. A autora enfatizou que os passageiros de primeira classe dispunham de “belíssimas” cadeiras de vime para acomodar-se; que a capacidade era de aproximadamente 50 passageiros, dentre os quais predominavam alemães, seguidos de italianos.

Com o passar do tempo e com o aumento do movimento em torno do porto, foram efetuadas melhorias no cais. De acordo com Masson (1940), em 1922, houve o aumento do cais do porto. Pode-se visualizar isto na Figura 12, a seguir, em que produtos estão sendo carregados a partir de mais de um espaço, possivelmente para agilizar o carregamento.

Figura 12 – Cais do Porto do Guimarães em um movimentado dia de carga e descarga – década de 1920.



Fonte: Acervo fotográfico de Mário Glaeser.

Na sequência, a Figura 13 mostra uma imagem do Porto do Guimarães que difere consideravelmente das duas primeiras. Esta apresenta o cais melhor estruturado e um lanchão carregado com alfafa. No lugar das carroças, vemos um

¹⁷ Existiram várias companhias de navegação no Caí. Masson (1940) cita a União Fluvial do Caí Ltda e a Navegação Sedutora, porém, as imagens no decorrer do estudo apontam a existência de mais companhias.

carro. E este demonstra que o transporte hidroviário e rodoviário coexistiam. Nesse sentido Masson (1940, p. 68) destaca que “o comércio interior, isto é, interdistrital, faz-se pelas estradas de rodagem. O exterior é feito principalmente pelas estradas de rodagem, companhias de navegação e, em muito menor escala, pela viação férrea”. Não se tem a data em que foi tirada a fotografia, entretanto, levando-se em consideração que o primeiro carro chegou à vila em 1915, bem como as condições do porto, supõe-se que esta imagem possivelmente foi tirada na década de 1930.

Figura 13 – Cais do Porto do Guimarães.



Fonte: Acervo fotográfico de Marisa Selbach.

A imagem evidencia grande quantidade de alfafa. De acordo com Masson (1940), a alfafa era a base da exportação municipal. Ele destaca: “um dos melhores índices de sua superior qualidade é a preferência do Jockey-Club do Rio de Janeiro, que só importava alfafa deste município” (MASSON, 1940, p. 55). Em relação à movimentação em torno do porto, o autor destacou:

Detinham-se as carretas em extensa fila nas proximidades do porto, ocupando às vezes mais de uma quadra da rua onde estavam localizados

os armazéns. Toda vez que a carreta da frente se descarregava, movia-se a longa série de veículos, e parava em seguida, para que se descarregasse a carreta imediata. E assim continuava o serviço metódico de descarga até o anoitecer (MASSON, 1940, p. 108).

O autor explicou a rotina de carga e descarga dos vapores até o anoitecer, horário que os vapores costumavam partir. Em relação aos vapores, a Sra. Elisabeth Oderich afirmou: “Eu me lembro que os navios saiam de tardezinha, o meu pai ia muito... meu irmão e eu achávamos o máximo dormir em beliches, isso nós nunca tínhamos, então um dormia em cima e outro embaixo. Tinha camarotes”. Em seguida, ela destaca:

O rio Caí era navegável, no meu tempo tinha vapores, mas não muito grandes, um se chamava São Salvador, esse é que eu mais me lembro porque com ele eu andava. Quando nós íamos a Porto Alegre, saíamos de noitezinha. Então tinha camas beliche que em casa a gente não conhecia. Então tinha a lancha carregada com os produtos como alfafa, feijão, arroz... tudo era colocado nessa lancha aí então quando tudo estava carregado, o motor ligava, apitava e aí era a saída. E depois eu me lembro que tinha uma cozinha, um cozinheiro, tinha janta especial para os passageiros. E aí então de manhã a gente acordava, chegava mais cedo em Porto Alegre, mais quando eu acordava eu me lembro do cais de Porto Alegre, todo cheio de pombas brancas...

A Sra. Elisabeth Oderich destaca, entre outras coisas, os camarotes, os beliches, a comida, que era feita no próprio vapor, o que leva a refletir sobre a qualidade dos serviços prestados naquela época. Também leva a Prins (1992, pp. 192-3), que enfatiza: “o que a reminiscência pessoal pode proporcionar é uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas”. Quando a entrevistada lembra o cais de Porto Alegre, repleto de pombas brancas, sua narração parece ser desenhada em nossa mente.

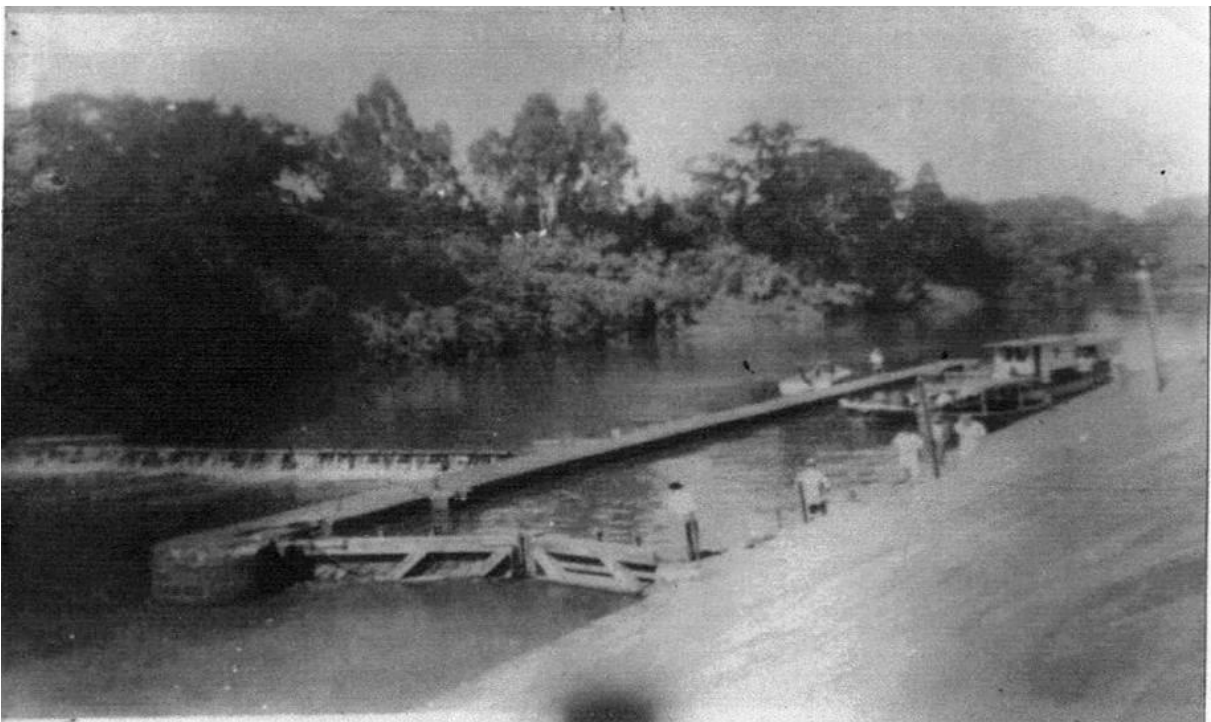
Portanto, a navegação não era exclusivamente de cargas, mas também de passageiros. Contudo, em determinadas épocas do ano, a navegação era dificultada em função do nível de água e soluções tiveram de ser projetadas.

4.1 A BARRAGEM RIO BRANCO

A navegação entre a vila de São Sebastião do Caí e Porto Alegre funcionava, porém, era dificultada devido à variação do nível do rio, que baixava em

determinadas épocas do ano por causa das estiagens¹⁸. Para solucionar o problema, foi projetada, a barragem Rio Branco¹⁹ no final do século XIX. O nome é uma homenagem a José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco. De acordo com Masson (1940), a barragem foi projetada pelo engenheiro José da Costa Gama²⁰ e construída entre São Sebastião do Caí e Montenegro. Consistiu em espigões transversais oblíquos, barragens submersas, diques e uma barragem fixa com eclusa²¹, como se pode visualizar na Figura 14.

Figura 14 – Fotografia de um barco entrando na eclusa.



Fonte: Acervo de Carlos Antônio Campani.

¹⁸ Antes da construção da barragem, em época de estiagem, o ponto terminal da linha de navegação do Caí, para os vapores, era Maratá, porto na barra do arroio de mesmo nome, à margem direita do rio, um pouco acima de Montenegro. A partir daí, os passageiros eram transportados para a vila de São Sebastião do Caí em lanchinhas movidas a vapor (MASSON, 1940).

¹⁹ A barragem Rio Branco foi a primeira construída no Brasil e, provavelmente, na América do Sul (MASSON, 1940).

²⁰ Conforme Masson (1940), deve-se também ao engenheiro José da Costa Gama outra obra importante no rio Caí. Ele desviou o curso do rio, a fim de cortar uma volta de ângulo muito fechado que tornava perigosíssima a passagem das embarcações por aquele trecho. O desvio recebeu o nome de Carrapicho, porém, os embarcadiços costumavam designá-lo com o nome do seu construtor.

²¹ A eclusa media 43 metros de comprimento entre portas, 8,6 metros de largura e 2,6 metros de altura na entrada (MASSON, 1940).

Ciente das dificuldades de navegação no rio em função das estiagens, José Costa e Gama fundou a "Companhia Melhoramentos do Caí". Obteve a concessão para a construção da barragem em 1889, porém, os trabalhos foram iniciados em 1895²². Em 1906, as obras foram concluídas, e a barragem passou a funcionar. Com o tempo, a obra não mantinha o nível das águas em elevação suficiente, por estar avariada em grande parte e não contar com a manutenção devida. Então, em 1911, o governo do estado encampou a barragem (MASSON, 1940).

Em 1928, as companhias de navegação do município enviaram memoriais solicitando providências em relação à barragem. Em 1929, o então presidente do estado, Getúlio Vargas, suspendeu a cobrança de taxas para a utilização da barragem e veio pessoalmente inspecionar a obra. A partir da inspeção, ordenou sua reconstrução, que ficou a cargo do engenheiro Adolfo Laranjeira Mariante. De acordo com Masson (1940), "as obras realizadas deixaram a barragem em excelentes condições, tanto assim que, de 1929 para cá, o rio voltou a ser francamente navegável no longo trecho compreendido entre a sede do município e a capital do estado".

Desde a construção da barragem, o movimento comercial aumentou substancialmente. Masson (1940, p. 108) enfatiza: "S. Sebastião do Caí tornou-se então uma localidade cheia de vida". Alguns entrevistados fizeram a comparação do rio com o que representam hoje as rodovias BR-116 ou RS-122. Em relação ao curso d'água, o Sr. Carlos Antônio Campani enfatizou que era "a hidrovia de desenvolvimento dos municípios do Vale do Caí".

Reinheimer (2010) enfatiza que a barragem Rio Branco pode ser apontada como a principal obra hidrográfica realizada no estado na Primeira República e que a navegabilidade do rio Caí melhorou muito após a realização da obra, apesar de frequentemente apresentar problemas técnicos.

Paralelamente às melhorias efetuadas na via de transporte fluvial, foram sendo melhorados os acessos ao Porto do Guimarães. De acordo com Masson (1940), em março de 1900, foi inaugurada a ponte junto ao passo da Boa Esperança, em Santa Catarina da Feliz, facilitando o transporte dos produtos vindos da serra até a sede da vila. Já em 1906, o município contava com as seguintes rodovias: estrada Rio Branco (que partia da sede se dirigindo para Caxias); estrada

²² Esse atraso teria se dado devido à transformação política pela qual passou o país em função da Proclamação da República (MASSON, 1940).

do arroio Cadeia (que fazia a ligação com São Leopoldo) e as estradas de Santa Rita e Carioca, ramificações da estrada arroio Cadeia; e estrada São José do Hortêncio que, entroncada na Rio Branco, seguia para Nova Petrópolis.

Conforme Masson (1940, p. 112), “o tráfego de ônibus e caminhões aumentou em 1931, depois de construída uma ponte de cimento armado sobre o arroio Cadeia²³”. Antes da construção da ponte, a travessia tinha de ser feita numa barca ou pelo vau, em época de estiagens.

Também houve investimentos em vias férreas na região. Alguns entrevistados levantaram a questão de que a via férrea iria passar por São Sebastião do Caí, mas que, por uma mobilização da união fluvial, tal via não veio até a sede da vila, somente até Capela. Afirmaram que foi feito inclusive um abaixo-assinado para que tal via não viesse até a sede, muito provavelmente por receio da concorrência com a navegação.

Vários entrevistados destacaram que consideraram que o município foi prejudicado pela pressão das companhias de navegação no sentido de evitar que a viação férrea viesse até a sede da vila. Um entrevistado destacou que o trem seria mais barato do que o gasto com gasolina, por exemplo. Outro enfatizou que era de se esperar que, com o tempo, os barcos grandes não conseguiriam chegar mais até a sede.

A Sra. Elisabeth Oderich recordou que por determinado período, os passageiros eram levados até Capela, que era a estação férrea mais próxima da sede do município. Ela destacou que todas as tardes tinha um ônibus que saía às 15 horas da esquina da praça e ia para a estação mais próxima. Muitos passageiros usavam esse ônibus e, de tardezinha, pelas 18 horas, vinha o trem de Caxias. Então, virou costume as pessoas dizerem: "O Caxias está vindo!".

Segundo Fortes (1975) e Masson (1940), o Sr. Maméde Borges trouxe o primeiro carro a São Sebastião do Caí. A poetisa enfatiza que o carro era um automóvel de marca Ford, e que “as pessoas, ao ouvir o seu barulho, espiavam e de medo até fugiam”. Isso se deu no ano de 1915. Já Masson (1940) aponta que iniciou uma nova época, com pequenos automóveis de passageiros e que, aos poucos, ônibus e caminhões começaram a aparecer.

²³ Atualmente a denominação correta é rio Cadeia.

Concomitante ao aumento de veículos, Masson (1940) aponta que os investimentos em estradas aumentaram e representaram as maiores despesas em todos ou quase todos os municípios da região. Ele enfatiza:

Em S. Sebastião do Caí, porém, esses serviços, dispendiosos por natureza, tornavam-se mais onerosos ainda devido à circunstância particular de passar a estrada Rio Branco, uma das principais, pelas zonas sujeitas às grandes e periódicas enchentes do rio Caí (MASSON, 1940, p. 115).

O Sr. Renato Klein recordou da dificuldade encontrada na estrada Rio Branco em função das cheias. Para resolver esse problema de inundação numa das principais vias, foi feito um prolongamento da estrada Júlio de Castilhos, a partir do Km 25 da Rio Branco até a sede do município. De acordo com o Sr. Renato Klein, isso foi um progresso visto que esta via não era interrompida pelas inundações.

Por certo período, coexistiram os transportes fluvial e rodoviário. Alguns produtores ou comerciantes ainda traziam seus produtos até a sede da vila para aproveitar a condução via fluvial, que proporcionava diminuição das despesas de transporte, enquanto outros, que tinham mais urgência, optavam por enviar seus produtos diretamente através das rodovias para a capital.

Com o passar do tempo, houve considerável investimento em rodovias, o que não ocorreu na via fluvial em questão. Aos poucos, os automóveis, os caminhões e os ônibus foram se tornando cada vez mais constantes nas estradas. Portanto, paulatinamente, as rodovias substituíram o transporte fluvial.

Passou-se, portanto, a investir em rodovias. Retomando a questão das frequentes inundações da estrada Rio Branco, que inicialmente foi uma das principais vias, passa-se a refletir, mesmo que brevemente, sobre as inundações em São Sebastião do Caí no período em questão.

4.2 AS ENCHENTES

As cheias fizeram parte da cidade desde que esta se instalou perto do rio. Segundo Masson (1940), quando Alberto Barbosa foi reeleito intendente, utilizou recursos da municipalidade e efetuou empréstimos para, dentre outras coisas, “proceder a geral reconstrução das rodovias do município grandemente danificadas

pela cheia sem precedentes que em 1928²⁴ assolou todo o vale do Caí [...]” (MASSON, 1940, p. 116). Tal consideração do autor evidencia a ocorrência de enchentes e suas consequências nas rodovias.

Assim, as águas não trouxeram exclusivamente benefícios. Frequentemente, a vila sofria com a ocorrência de cheias. Na sequência, a Figura 15 mostra uma imagem, datada de 1928, da Agência Fuchs & Muller e ao lado a sede da Companhia de Navegação Trein, de Roberto Trein, inundadas pela enchente.

Figura 15 – Prédios inundados pela cheia de 1928.



Fonte: Acervo fotográfico de Gilberto Kayser.

Em entrevista, o Sr. Carlos Antônio Campani apontou: “dá para ver esses casarões antigos que tem à beira do rio, chegava enchente, mas o forte era a navegação”. Isto é, as construções nas imediações do porto eram as mais imponentes. Pode-se constatar tal colocação do Sr. Carlos Antônio Campani a partir das imagens, apresentadas no Capítulo 3. Tanto a fotografia do cais do porto (Figura

²⁴ Desde a ocupação, nas imediações do rio Caí, houve enchentes. Portanto, durante a história do município, ocorreram muitas inundações. Esse tema mereceria um aprofundamento maior que não poderá ser realizado neste estudo em função da extensão de materiais a serem analisados e da carência de tempo. Assim, o tema poderá ser alvo de pesquisas futuras. Entretanto, é impossível silenciar tal fenômeno natural quando se trata desse município em sua relação com o rio. Dessa forma, optou-se em apontar, mesmo que brevemente, alguns aspectos referentes a três cheias ocorridas no início do século XX, a saber, as de 1928, 1932 e 1942. O critério de seleção dessas inundações foi sua amplitude.

1), quanto o cartão postal de São Sebastião do Caí de 1905 (Figura 2) revelam que o espaço em torno do porto era o mais desenvolvido em função da navegação. Já nessa época, a região sofria com as inundações.

A Figura 16, de uma das companhias de navegação, reforça a colocação do entrevistado por tornar visível a suntuosidade dos prédios próximos ao corpo d'água em questão e, igualmente, demonstra que tais construções eram atingidas pelas cheias.

Figura 16 – Enchente atingindo prédios nas imediações do Porto do Guimarães.



Fonte: Acervo fotográfico de Marisa Selbach.

Encontrou-se considerável números de fotografias das enchentes. Estas são também portadoras de memórias portanto, em seguida, será apresentada uma sequência de imagens de algumas cheias que afetaram São Sebastião do Caí nas primeiras décadas do século XX. Inicialmente, seguem dois registros fotográficos da enchente de 1928 que assolou o município (Figuras 17 e 18). Na sequência, uma imagem da enchente de 1932 e outra de 1941 (Figuras 19 e 20).

A Figura 17 retrata uma das principais companhias de navegação da época, a Companhia de navegação Michaelsen, que ficava em frente ao rio. Tanto o prédio da companhia quanto as residências vizinhas foram afetadas pela enchente.

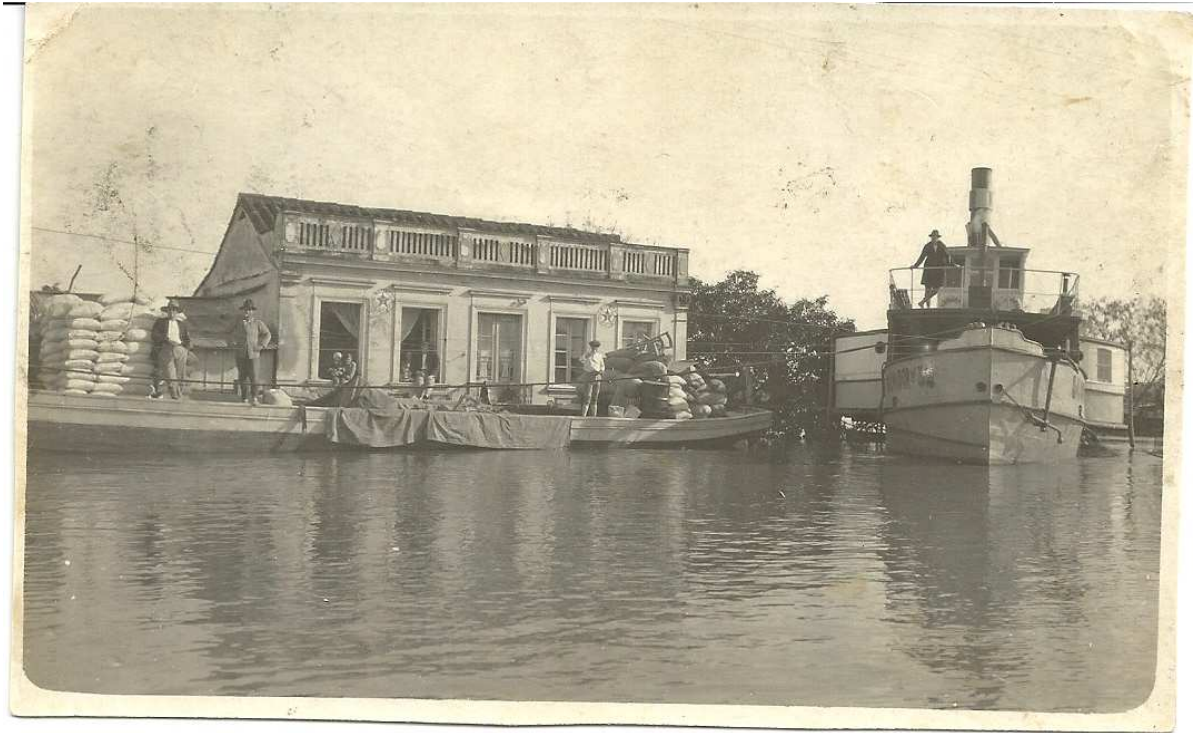
Figura 17 – Enchente de 1928. Companhia de Navegação Michaelсен.



Fonte: Acervo fotográfico de Marisa Selbach.

Na sequência, a Figura 18 mostra outra imagem da enchente de 1928, evidenciando o vapor *Salvador*, ancorado, um lanchão, uma casa comercial e trabalhadores. O vapor está atracado em frente a um prédio de dois pavimentos, cujo primeiro está submerso. O prédio estava localizado onde atualmente é a rua Pinheiro Machado, também conhecida como rua da Barca. No prédio, que pode ser visualizado ao fundo da imagem, funcionava a Casa comercial de Otto Félix.

Figura 18 – Enchente de 1928. Vapor *Salvador*.



Fonte: Acervo Blog Histórias do Vale do Caí.

A Figura 19 retrata uma das ruas do centro da cidade durante a enchente de 1932. Pode-se visualizar a Agência Ford na atual rua 1^o de maio, ao lado a casa onde Alceu Masson residiu a partir de 1939, e o comércio do Sr. Aldino Selbach. Ao fundo, pode-se ver a torre da igreja Evangélica.

Figura 19 – Enchente de 1932. Esquina da Agência Ford.



Fonte: Acervo fotográfico de Marisa Selbach.

Outra enchente que afetou a cidade ocorreu em 1941. Um fato peculiar está representado na imagem a seguir. A fábrica Oderich, pioneira em conserva de alimentos enlatados no Brasil, localizada no centro da cidade, abatia animais. Durante a enchente de 1941, a empresa, por medida de precaução, deslocou os porcos para um local mais alto que, no caso, foi em frente à prefeitura municipal. Na sequência, pode-se ver a imagem na qual os porcos estão em frente à prefeitura, que está localizada ao lado esquerdo da imagem enquanto o rio está localizado à direita.

Figura 20 – Enchente de 1941. Porcos em frente à prefeitura.



Fonte: Acervo de Gilberto Kayser.

Conforme o Sr. Jacob Selbach, “as cheias foram um mal que aconteceu de uma opção boa” e completou que, na época, ninguém se deu conta da repercussão disto porque a população era pequena. Inicialmente, havia poucos moradores, mas aos poucos o povoado foi crescendo. Ele questionou: “onde começou a ocupação do solo? Obviamente, as casas foram construídas o mais perto possível da água, dos contatos com Porto Alegre, São Leopoldo...”. Dessa forma, o entrevistado reforça as ideias de Mumford (1998) e Anderson (2000) quanto ao surgimento das primeiras cidades em torno dos rios.

O Sr. Jacob Selbach destacou que as enchentes sempre existiram e que há registros de enchentes no século XVIII e XIX na literatura e que, desde então, isso não mudou. “Só o que mudou foi a invasão da área da água com pouca precaução por parte dos moradores”. Isto é, o entrevistado enfatiza a falta de precaução e de

planejamento que, conseqüentemente, causa as históricas inundações dos prédios construídos em torno do rio Caí.

As águas fluem no rio, assim como as memórias sobre o corpo d'água. Sendo assim, na sequência, será trazido um poema de Fortes (1975) intitulado "Vapores".

4.3 POEMA "VAPORES"

Fortes (1975) escreveu o poema "Vapores" que traduz uma parte da história e da cultura dos caienses a partir de 1875 até 1975. Considerando o poema a ser analisado como detentor de representações, acredita-se que este aponta "teias de significados" (GEERTZ, 1989, p. 15) que foram tecidos no século XX e que retratam um pouco da vida, da história e da cultura dos caienses.

Em seguida será feita a análise interpretativa do poema "Vapores", que possui 18 estrofes, cada qual com 4 versos. O poema foi dividido em blocos, com conjuntos de estrofes.

Os dois primeiros vapores
 União e Maratá
 Revezavam-se nas viagens
 um pra lá outro pra cá.

Compunha-se a tripulação
 De cinco a seis marinheiros,
 Um homem para a despensa,
 Comandante e cozinheiro.

Carregavam durante o dia
 Pra sair ao anoitecer,
 O Comandante a postos,
 Atento pra nada esquecer.

Os rimados versos de Fortes (1975) chamam a atenção por expressar, poeticamente, a ideia de movimento no último verso, "um pra lá outro pra cá", semelhante ao movimento de uma dança, a valsa, dando a ideia de movimento e revezamento entre os dois primeiros vapores, "um pra lá, outro pra cá". Evidencia também, por meio da composição da tripulação, que eram preparadas refeições dentro dos vapores. Já na terceira estrofe, ressalta a preparação da viagem, destacando que a saída era ao anoitecer, o que também foi assim narrado pela Sra. Elisabeth Oderich.

Preciosa e abundante
a carga que ia chegando
nas carretas com dez burros.
Marinheiros descarregando,

Com seu capuz de estopa,
como formigas num vai e vem,
quando o barco estava cheio,
o resto pro armazém.

O primeiro verso da quarta estrofe é composto pelos adjetivos “preciosa” e “abundante”, dando ideia do grau de importância dos produtos cultivados. As rimas do final do segundo e do quarto versos são verbos no gerúndio, dando a ideia de uma ação que estava sendo realizada. Na sequência, a quinta estrofe enfoca o trabalho. A comparação “[...] como formigas” dá ideia de trabalho árduo e em equipe, “num vai e vem”. Novamente, a ideia de movimento está em evidência no poema. Conforme as demais estrofes, apresenta rima no segundo e no quarto versos.

Alimentos recém colhidos,
feijão, milho e batata.
O colono mais caprichava
com a incomparável alfafa.

Alfafa do nosso Caí
elogiá-la não é favor,
cavalos de todo o mundo
conhecem o seu sabor.

Na sexta estrofe, a autora ressalta a qualidade dos alimentos, frutos da terra e utiliza o adjetivo "incomparável" para descrever a alfafa, produto destaque do município.

Em relação à sétima estrofe, o pronome possessivo “nosso”, do primeiro verso, não indica necessariamente posse, mas um sentimento de pertencimento. Sem esse pronome, o verso perderia o encanto. A rima, da mesma maneira que nas demais estrofes, se concentra no segundo e no quarto versos. Na mesma estrofe, há, no último verso, a palavra “sabor” que traz a ideia de ter gosto, ser prazeroso, referindo-se à alfafa, refletindo o orgulho do produto cultivado em sua terra, reforçado pelo verso “elogiá-la não é favor”.

Na sequência, serão analisadas a oitava, nona, décima e décima primeira estrofes do poema "Vapores".

Mais do que dez passageiros
 Não podiam navegar.
 No camarim das mulheres
 Só quatro achavam lugar.

Viajar a Porto Alegre
 só rico ou remediado,
 comerciantes para comprar
 ou então recém casados.

A partida estava marcada
 pra seis horas da tarde
 mas às cinco já começava
 o apito a fazer alarde.

Bonita mesmo a saída,
 muita gente no barranco,
 gente de toda idade
 acenando seu lenço branco.

A oitava estrofe reflete uma questão de gênero, haja vista que o espaço reservado aos homens era maior do que o reservado às mulheres. O advérbio "só", do último verso é restritivo e parece transmitir uma discordância por parte da autora em relação a essa questão.

Na nona estrofe, aparece novamente o advérbio "só", no segundo verso, e restringe o acesso às viagens nos vapores. A estrofe evidencia, portanto, o caráter elitista do transporte hidroviário da época. Apenas determinados grupos com status e poder aquisitivo podiam usufruir de viagens nos vapores. Além disso, o poema reflete a ideia do casamento como um valor naquela sociedade, tanto que as viagens, como mencionado, eram luxo de recém-casados. É pertinente salientar que possivelmente o fator econômico era extremamente restritivo, pois não eram todos os recém-casados que podiam desfrutar das viagens.

A décima estrofe também apresenta rima no segundo e no quarto versos. Mas o que se destaca é a marcação do tempo, hora antes, pelo apito. No verso "o apito a fazer alarde", a palavra "alarde" traz a ideia de chamar a atenção, mas, ao mesmo tempo, transmite, no contexto, a ideia de orgulho, ostentação que trazia o imaginário gerado em torno dos vapores.

Na décima primeira estrofe, existe rima também, de acordo com a sequência das outras estrofes. A estrofe inicia com o adjetivo "bonita" se referindo ao momento de partida de cada vapor. Esses versos demonstram o grau de importância atribuído à saída de cada vapor. "Muita gente no barranco [...] Acenando seu lenço branco".

Essa é a legítima poetização, parece que a autora mistura cenas de filme ao acontecimento, que toma aqui status de evento pela magnitude da descrição.

A próxima sequência abrange a décima segunda e décima terceira estrofes.

O barco bem carregado,
a máquina a todo o vapor
pra puxar muitos lanchões,
cada carga a sua cor.

Dois lanchões bem amarelos,
com as laranjas do nosso Vale,
saborosas, cheirosas e saudáveis,
não tem no mundo que iguale.

Todas as estrofes deste bloco têm as rimas bem definidas no segundo e no quarto versos. Na décima segunda estrofe, a palavra “bem” parece ter sido empregada não em seu sentido literal, mas como sinônimo de repleto, para evidenciar que o barco estava com sua carga máxima. O advérbio de intensidade “muitos”, salienta a quantidade de lanchões, mas remete à quantidade e à variedade das cargas, cada lanchão representando sua cor. De acordo com Masson (1940, p. 68), além de alfafa, “Caí ainda exportava farinha de mandioca em grande escala e outros produtos, sendo os principais, pela quantidade de produção, conservas de carne e legumes, banha, escova, arroz, milho, batata, feijão, trigo, laranjas e madeiras”. Já Reinheimer (2010, p. 50) destacou que “a área de Caí se constituía em ‘celeiro do feijão’ para todo o país”. O transporte era feito via Porto de Guimarães e de Porto Alegre era exportado para outras regiões. A autora destacou também a produção de banha na área em questão e que também era exportada.

Na décima terceira estrofe, repete-se a palavra “bem”, com o mesmo sentido da estrofe anterior, salientando, desta vez, o tom amarelo das laranjas. Na sequência, ressurgem o pronome possessivo “nosso” que, da mesma maneira que na sétima estrofe, transmite não necessariamente um sentimento de posse, mas, mais especificamente, um sentimento de pertencimento ao “Vale”. Em seguida, há uma sequência de adjetivos “saborosas, cheirosas e saudáveis”, fazendo referência às laranjas, demonstrando admiração e respeito pelo produto do vale e, concluindo, reforça “não tem no mundo que iguale”. Segundo Masson (1940, p. 56), “a citricultura, que a princípio se podia considerar incipiente, desenvolveu-se bastante

de alguns anos a esta parte. Hoje o município exporta laranjas em grande escala, e perfeitamente acondicionadas”. E ele destacou que:

Em 1933, o dr. Atos de Moraes Fortes conseguiu do governo do estado a instalação de uma “packing-house” na sede do município. Instalou-se a “packing-house” em junho daquele ano. As máquinas de beneficiar as laranjas eram, porém, de madeira, do tipo comum usado nos Estados Unidos em 1900, sem lavador e sem aparelho para revestir as frutas com parafina (MASSON, 1940, p. 56).

Pode-se constatar que houve investimentos para possibilitar o desenvolvimento e a venda das laranjas. Além das laranjas, investiu-se, posteriormente também no plantio de bergamotas, tanto que atualmente a cidade é conhecida pelo cultivo de frutas cítricas, sendo, inclusive, anfitriã da festa nacional da bergamota.

O porto servia como escoadouro de mercadorias, mas também significava a possibilidade de acesso a mercadorias que não eram produzidas na região, “tais como tecidos, roupas feitas, máquinas e ferramentas, farinha de trigo, bebidas, cimento, produtos químicos, etc.” (MASSON, 1940, p. 68). O mesmo autor enfatiza ainda, que quatro vapores movidos à roda, rebocando lanchas e lanchões, faziam regularmente o transporte de carga e passageiros para a capital do estado, e de Porto Alegre para a sede do município. Ressalta: “S. Sebastião do Caí tornou-se então uma localidade cheia de vida” (MASSON, 1940, p. 108). Pelo que se percebe, o imaginário em torno do desenvolvimento da cidade a partir do rio Caí está presente tanto nos poemas de Fortes (1975), quanto na monografia de Masson (1940).

A próxima sequência abrange da décima quarta à décima sexta estrofes.

O verde com as verduras,
legumes e tudo mais,
no fundo de tudo isso
iam os gostosos frescais.

Mais um lanchão, com alfafa
de todas cargas a mais cara,
destinava-se pra bem longe,
pros cavalos da Guanabara.

Bem atrás mais uma lancha
Com as aves nas capoeiras,
Desde o frango de primo canto
Às mais gordas poedeiras.

A décima quarta estrofe reflete a variedade de verduras e legumes frescos produzidos e transportados pelos vapores. Já a décima quinta estrofe se refere novamente à alfafa salientando, desta vez, o valor econômico do produto. Reaparece a palavra “bem”, empregada novamente como sinônimo de intensidade, no entanto, referindo-se agora à intensidade da distância, até “Guanabara”, lugar este carregado de valor simbólico devido à sua importância histórica na época.

A décima sexta estrofe sinaliza a criação de animais, exemplificada através de galinhas, com suas variadas utilidades. Desde aquelas que serviam de alimento, às poedeiras e às de “primo canto”. A expressão “de primo canto” expressa um juízo de valor, um elogio ao canto das aves.

Em seguida, a análise das últimas estrofes, décima sétima e décima oitava.

E lá ia-se o vapor,
com força as rodas movia,
agitando as águas mansas
sob o sol que já morria.

Rodeado de espuma branca
quando a água não era turva,
o barco se despedia
apitando lá na curva.

Percebe-se, nessas últimas estrofes, a presença das rimas, predominante, desta maneira, neste tipo de poema. O primeiro verso da décima sétima estrofe “E lá ia-se o vapor” retoma a ideia de movimento, elencada na primeira estrofe. Com um adjetivo, caracteriza as águas do rio “mansas”, mas que são agitadas com o movimento do vapor. O último verso retoma, também, a ideia de tempo, o horário da partida que coincidia com o pôr-do-sol.

A última estrofe faz uso do adjetivo “branca”, caracterizando a espuma, no entanto, esta palavra vem acompanhada de uma condição: quando, ou seja, condicionando o adjetivo, ao estado da água, no caso, não estar turva. Os dois últimos versos retomam a décima estrofe, salientando o som do apito que ressoa na memória de quem acompanhava a saída de um vapor, evidenciando que a saída de um vapor era considerada um evento, devido à significância atribuída ao fato, pelo poema.

O ritmo do poema é de quadrinhas do folclore, que é de fácil memorização. Apesar de haver preocupação com a estética da linguagem, devido à presença de rimas e escolha de determinadas palavras e expressões, o poema evidencia que a preocupação da autora não se voltou para uma criteriosa composição poética. Parece que o foco da autora reside numa narrativa histórica e cultural, que foi escrita em forma de poema.

Partindo do pressuposto de que “todo indivíduo submete-se a um imaginário preexistente. Todo sujeito é um inseminador de imaginários” (SILVA, 2006, p. 9), acredita-se que o imaginário que conduz o poema é de prosperidade da cidade esboçada por meio do porto, ilustrada, no poema, pelas figuras do porto e dos vapores. O poema expressa a ideia de que os vapores habitam o imaginário dos caienses, representando sinal de prosperidade e de desenvolvimento.

A constante adjetivação dos produtos cultivados na terra demonstra uma valorização de tais produtos e, inclusive, reforça o imaginário em torno da alfafa, produto destaque do município na época, afirmando ser conhecida por “todo o mundo”.

A sétima e a décima terceira estrofe apresentam um sentimento de pertencimento ao Caí e ao Vale. Esse sentimento é construído socialmente. Constitui-se num imaginário, numa representação que reforça a identidade dos moradores.

Permeiam o poema, ainda, outros imaginários, como a questão de gênero, levantada na oitava estrofe, o caráter elitista de acesso às viagens e o casamento como valor presente na sociedade.

A décima e a décima oitava estrofes evidenciam o som do apito, “o apito a fazer alarde”, tem-se a impressão de que o eco do apito (que fazia alarde) era representação de orgulho a cada partida de algum vapor. Portanto, os vapores carregavam o imaginário de desenvolvimento da cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História Cultural, que também pode ser considerada a história das representações, direcionou o estudo em questão. Nesse sentido, Chartier (2002) aponta as representações coletivas como matrizes de práticas que constroem o próprio mundo social. Assim, acredita-se que as representações selecionadas, em torno do rio, são construtoras do mundo social, além de estarem permeadas por imaginários que operam na constituição da realidade. Retomando as palavras de Maffesoli (2001) o imaginário é um estado de espírito de um grupo, é ele que estabelece vínculo entre os grupos. Ele é o cimento social que é criado e sustentado pelas interações sociais. Assim, pensa-se sobre a relação dialética entre o sujeito e a história, a cultura e o espaço.

Ressalta-se que o rio Caí é o eixo estruturador do espaço urbano em questão. Foi imprescindível para os primeiros colonizadores, bem como tornou-se essencial para a comunicação e o comércio com outras cidades sendo responsável pela concentração populacional em suas imediações. Dessa forma, em torno dele se constituiu uma cidade cheia de vida. Um povoado que foi elevado à categoria de vila, devido ao espaço apropriado para a construção de um porto. Essa situação se deu em função de um projeto estratégico de ocupação do espaço, efetivado por meio da imigração e da colonização. Portanto, o rio foi a base de constituição da cidade e essa questão está presente em inúmeras representações, como vimos, especialmente nos relatos orais e nos poemas.

As reportagens de Nunes (1975) foram importantes na contextualização de aspectos referentes ao porto. Estas, junto com a monografia de Masson (1940) e o livro de Reinheimer (2010), foram imprescindíveis para o cruzamento de informações com as demais fontes utilizadas, isto é, as memórias, as imagens e os poemas. Assim, pode-se cruzar, comparar e ter acesso a representações que não estão contempladas em fontes tidas "oficiais" e que, portanto, vem ao encontro do objetivo geral do estudo que é identificar e analisar, mediante diferentes fontes, as representações e os imaginários em torno da cidade e do rio, ou seja, investigar a história e os engendramentos resultantes desse convívio.

As memórias, oriundas dos relatos orais, dos poemas e das imagens, perpassam os eixos estudados enriquecendo consideravelmente o estudo.

Relembrando Pollak (1989), elas geram o pertencimento e a coesão dos grupos enquanto Catroga (2001) e Halbwachs (2006) enfatizam a coletividade da memória. Assim, considera-se que muitas memórias são coletivas e, sejam históricas ou culturais, geram um sentimento de pertencimento a um grupo, o dos caienses, que tem um passado em comum.

Nesse sentido, Candau (2012) aponta a indissolubilidade entre memória e identidade, portanto, a memória é essencial também para a coletividade, pois as identidades coletivas são construídas a partir da memória social que sofre alterações com o passar do tempo, que não é fixa, que é construída, porém, que é calcada em determinados pressupostos previamente estabelecidos. Na cidade em questão, as memórias, atreladas às representações analisadas, expressam a ideia de pertencimento à cidade a partir da concepção de um passado comum construído às margens do rio Caí.

As imagens refletem a vida em torno do porto. O cais do porto era o centro da região, e pelas fotografias podemos extrair vários dados sobre como eram as amplas construções à beira do rio, evidenciando o poder econômico de quem ali residia, a composição da população da cidade e arredores, os meios de transporte e os produtos cultivados. Enfim, as imagens cristalizam momentos e funcionam como testemunhas oculares apresentando dados que propiciam a possibilidade de se perceber a evolução da vila a partir do porto do Guimarães.

As fotografias apresentam também as consequências do que Rolnik (1995) chamou de implantação de uma segunda natureza, sobre a natureza primeira. A ocupação do espaço urbano fez-se a partir do rio, portanto, a ocupação do solo se deu inicialmente muito próxima ao curso d'água desafiando a natureza. Dessa forma, a cidade passou a conviver com as enchentes, que, devido à forma de ocupação, afetaram e continuam afetando a cidade.

Contudo, as imagens ratificam o desenvolvimento da vila, pois, além da ampliação do porto, pode-se acompanhar a evolução das construções da rua principal de acesso ao porto e o aumento populacional. Pode-se também visualizar que a cidade desafia a natureza a partir de sua ocupação, como já destacado, dada a partir do rio e daí para os arredores, e sofre as consequências das cheias, que assolam não só os moradores ribeirinhos, mas também considerável parte do centro da cidade.

Além dos relatos orais e das imagens, os poemas de Fortes (1975) foram fonte fecunda para o estudo das representações. Os poemas “Família Guimarães”, “Pique-niques (*sic*) de vapor”, “Bandas” e “Vapores” são representações da cidade permeadas por imaginários. Os poemas são polissêmicos por terem sido construídos a partir do olhar da autora e dos idosos entrevistados por ela, cujas representações e imaginários estão refletidos nos poemas.

A construção de representações e imaginários, percebida nos poemas, como o imaginário em torno das primeiras famílias, a valorização dos produtos cultivados, através da constante adjetivação, o poder do status social, definindo acesso e o prazer de usufruir das viagens nos vapores, a valorização de uma instituição social que é o casamento, questões de gênero salientando restrição à quantidade de mulheres a bordo, e em número inferior ao de homens, o sentimento de pertencimento ao Caí e ao Vale, expressos em dois momentos no poema “Vapores”, e, especialmente, a construção da ideia da prosperidade da cidade e que parece se concretizar a partir dos vapores, são essenciais para a compreensão da história e da cultura da cidade. Os vapores eram, portanto, uma referência para os caienses. Representavam a garantia do escoamento dos produtos, mas também eram símbolo de movimento. A cidade era considerada o centro da região devido ao porto por meio do qual também tinham acesso aos bens não produzidos na região, e era também, além de via de transporte, via comunicação.

Assim, acredita-se que o imaginário que conduz os poemas “Pique-niques (*sic*) de vapor” e “Vapores” é de prosperidade da cidade relacionada ao rio Caí, ilustrada, nos poemas, por meio da figura do porto e dos vapores. O porto era o centro das atenções, gerava movimento. Como foi expresso nos poemas, caienses e habitantes de municípios vizinhos se deslocavam até o porto para viajar, para transportar os produtos cultivados ou para adquirir bens não produzidos na região. Ambos os poemas expressam a ideia de que os vapores habitam o imaginário dos caienses, representando sinal de prosperidade e de desenvolvimento.

A partir dessas discussões, acredita-se que é possível analisar representações da cidade, permeadas por imaginários e que, neste caso, possibilitaram a criação de representações da história da cidade na sua relação com o rio no final do século XIX e início do XX. É evidente que se lançou um olhar, uma possibilidade de análise que fosse capaz de trazer alguns aspectos históricos e

culturais da cidade de São Sebastião do Caí. Tem-se consciência das limitações que tal estudo tem, no entanto, tem-se também noção da necessidade de pesquisar e produzir registros que valorizem as raras obras que tratam da história e da cultura de São Sebastião do Caí.

Dessa forma, a partir das representações da história da cidade, pode-se concluir que há um imaginário glorioso em torno do porto que foi responsável pela criação da vila. Esta se desenvolveu, foi “mãe” de vários municípios vizinhos que, aos poucos, emanciparam-se e se tornou cidade. Isso se deu devido ao desenvolvimento do transporte fluvial, possível graças ao rio Caí e às condições naturais que eram favoráveis à construção de um porto.

Em relação ao lazer na vila, pode-se enfatizar que era diverso, porém, salientam-se exclusivamente os aspectos do lazer relacionados ao rio. Nesse sentido, as representações revelaram, como era de se esperar, aspectos positivos. Os banhos no rio, a natação, as pescarias, a criação de grupos como o bloco "Os Marinheiros", os clubes de regata refletem algumas das atividades desenvolvidas no rio e a criação de grupos que tinham algum divertimento ligado ao curso d'água. Havia também os piqueniques, os passeios a vapor e a música que perpassava os passeios. Especialmente os passeios a vapor parecem carregar um imaginário de ostentação a partir do imaginário de desenvolvimento produzido pelos vapores.

Como consequência do intenso comércio realizado no porto, a vila se desenvolveu consideravelmente. Oportunidades de emprego e espaço para a criação de empreendimentos também. Vários hotéis surgiram, a rua principal que levava ao porto foi calçada, aumentou o número de casas comerciais, as melhores e mais imponentes residências foram construídas próximo ao curso d'água, enfim, como afirma uma das entrevistadas: “o rio era nosso progresso” e, de certa forma, encheu de vida a vila.

Convém salientar ainda que as colônias alemãs e italianas produziram muitos excedentes que, inclusive, eram exportados para outros estados. Portanto, tiveram relação direta na criação e na configuração de cidades como São Sebastião do Caí e outras em seu entorno. Dessa forma, retoma-se a proposição de Reinheimer (2010) de que os colonos contribuíram para o desenvolvimento do estado a partir da produção de excedentes, resultado do sucesso do empreendimento colonial.

A pesquisa proporciona uma imersão no tema de tal maneira que, por vezes, receia-se em colocar um ponto final, o que é impreterível. Contudo, esta pesquisa possuiu várias finalidades, sejam acadêmicas, profissionais, pessoais. De um lado, houve a satisfação de se ter desenvolvido uma pesquisa que buscou respostas para anseios pessoais. De outro, também contemplou uma necessidade de pesquisar e registrar representações da cidade na sua relação com o rio, para que as atuais e futuras gerações conheçam um pouco mais sobre a história e a cultura da cidade de São Sebastião do Caí. Portanto, pensa-se que a função social proposta a partir deste estudo foi cumprida.

Estudar a cidade a partir de representações foi uma viagem no tempo que nos fez navegar nas memórias do rio Caí e da cidade. Da mesma forma que as águas do corpo d'água fluem em direção à jusante, assim fluem as memórias trazendo à tona especificidades que seriam inatingíveis a partir de fontes tidas como "oficiais". As exaustivas buscas por fontes e o cruzamento destas enriqueceu o estudo por meio de reminiscências pessoais que contribuíram para o entendimento da coletividade. Portanto, na fluidez das águas, se constitui a cidade, se constitui esse espaço onde o homem agiu sobre a natureza modificando-a, transformando-a numa sociedade em que os homens e a natureza passaram a conviver num intenso processo de adaptação e contínua reconstrução e, sobre o qual pairam as representações e os imaginários da cidade.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.
- ALEXANDRE, Marcos. **Representação social**: uma genealogia do conceito. Rio de Janeiro: vol. 10, n. 23. jul./dez. 2004. p. 122-138.
- ANDERSON, Perry. **Passagens da antiguidade ao feudalismo**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BOSI, Alfredo. Colônia, culto e cultura. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 11-63.
- BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**. Temas e situações. São Paulo: Ática, 2008, p. 7-14.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.
- BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 363 p.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 191p.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 6. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 164 p.
- CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 2001, p. 43-69.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.
- COMPAGNON, A. A literatura. In: COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria**. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1999.

D ECO. **Poluição dos rios**. Disponível em:

<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2012/marco/dados-do-ids-destacam-os-10-rios-mais-poluidos-do?tag=agua>. Acesso em: 18 nov. 2013.

DUARTE, Fábio. Rastros de um rio urbano – cidade comunicada, cidade percebida. In: **Ambiente e sociedade**. vol. 9, n. 2. jul./dez. Campinas, 2006.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa, Portugal: Piaget, 1996.

ELMIR, Cláudio P. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, dez. 1995, p. 19-29.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 2, dez. 1998. p. 1-362.

FERREIRA, Antonio Celso. A Fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi.; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 61-92.

FILIPPINI, Roberto. **Melhorando as águas do rio Caí**. COMITÊ CAÍ-RS. Órgão de Gerenciamento dos Recursos Hídricos na Bacia Hidrográfica do Rio Caí. Julho de 2012. 26 p.

FORTES, Helena Cornelius. **Reminiscências: 1875-1975**. São Sebastião do Caí. 1975. 139 p.

FUNARI, Pedro Paulo A.; FUNARI, Raquel dos Santos. Educação patrimonial: teoria e prática. In: SOARES, André Luis R.; KLAMT, Sergio Célio. (Org.). **Educação patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008, p. 11-21.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1989.

GOITIA, Fernando Chueca. **Breve história do urbanismo**. 7. ed. Tradução de Emílio Campos Lima. Editorial Presença, Lisboa, 2008. 209 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 7-22.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. In: SOVIK, Liv. (Org.). Tradução de Adelaine La Guardiã Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, 410 p.

INAGAKI, Alexandre. “**Querida foto**”: como transformar uma velha fotografia em uma máquina do tempo. Disponível em: <http://pensarenlouquece.com/querida-foto-como-transformar-velha-fotografia-maquina-tempo/>. Acesso em: 25 nov. 2013.

KLEIN, Renato (Org.). **Enchente de 1928**. Disponível em: <http://historiasvalecai.blogspot.com.br/search?q=vapores>; Acesso em: 16 nov. 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1996.

LICHT, Henrique. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: Corag, 1986. 238 p.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre: n. 15, ago. 2001. p. 74-81.

MARQUES, Teresinha Maria Furlanetto. A companhia de navegação fluvial de Jacob Arnt no Vale do Taquari-RS. In: **Navigator**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, jun. 2006, p. 31-41.

MARTINY, Carina. Das presenças e ausências: as Atas da Câmara Municipal de São Sebastião do Caí (1875 a 1892) como fonte de pesquisa. In: **Vestígios do passado: a história e suas fontes – Porto Alegre, 2008**.

MARTINY, Carina. A elite política local de uma região marcada pela imigração (final do século XIX) In: **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009**.

MASSON, Alceu. **Caí (Monografia)**. São Sebastião do Caí: Tipografia Kusminsky e Ely, 1940. (Edição da Prefeitura Municipal de Caí).

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Cidade e cultura urbana na primeira república**. Coordenação Mara Ligia Prado, Maria Helena Capelato. São Paulo: Atual, 1994.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. (Orgs.). 5. ed., São Paulo: Cortez, 2009.

MORIN, Edgar. Entrevistas do Le Monde. In: **Ideias contemporâneas**. Tradução de Maria Lúcia Blumer. São Paulo: Ática, 1989.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Tradução de Neil R. da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 741 p.

NUNES, Ruben. O Porto do Guimarães. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre. 1979.

NUNES, Ruben. O Porto do Mateus. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre. 07/06/1975.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 130 p.

PESAVENTO, Sandra J. Introdução. In: PESAVENTO, S, J.; ROSSINI, M. S.; SANTOS, N. W. (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em História Cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008. 254 p.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 400 p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: [s.n.], vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p. 163-198.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2009, 288 p.

RABUSKE, Arthur. **São Sebastião do Caí**: fase jesuítica da Paróquia. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1985.

REINHEIMER, Dalva N. **A navegação fluvial na República Velha gaúcha**. São Leopoldo: Oikos, 2010, 284 p.

RIO GRANDE DO SUL. **Relatório temático A1**: diagnóstico da dinâmica social. 2007. Disponível em:
<http://www.mediafire.com/download/f0qsrc5rg9ztz7p/PLANOCA%C3%8D-RTA1-DIN%C3%82MICA+SOCIAL.pdf#!>. Acesso em: 19 mai. 2012.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Editora Globo, Porto Alegre, 1969. 401 p.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. 111 p.

SILVA, Karina V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-192.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WITT, Marcos A.; RIBEIRO, Belisa C.; RAYMUNDO, Icaro E.; SANTOS, Rodrigo L. dos. Os arranjos matrimoniais como instrumento de inserção e participação social de

imigrantes alemães – Rio Grande do Sul – século XIX. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. vol. 5, n. 9, jul. 2013

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Trad. e org.: Thomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

Entrevistas

CAMPANI, Carlos Antônio. Entrevistado em janeiro de 2013.

GLAESER, Mario. Entrevistado em outubro de 2013.

KLEIN, Renato. Entrevistado em novembro de 2013.

ODERICH, Cristiano Eraldo. Entrevistado em junho de 2013.

ODERICH, Elisabeth Augusta Müller. Entrevistada em fevereiro de 2013.

PAULA, José Alceu de. Entrevistado em fevereiro de 2013.

SELBACH, Jacob Christiano. Entrevistado em junho de 2013.

SELBACH, Marisa. Entrevistada em fevereiro de 2013.

ANEXO A - Autorizações para uso de entrevistas**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, Carlos Antônio Campani, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Cai a partir do rio Cai, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em seminários e em outras publicações escritas.

Assinatura

Data: 05/02/2013



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Elisabeth Augusta Müller Oderich, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Caí a partir do rio Caí, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em seminários e em outras publicações escritas.

Elisabeth A. M. Oderich

Assinatura

Data: 06/02/2013

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, José Alceu de Paula, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Caí a partir do rio Caí, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em seminários e em outras publicações escritas.

Assinatura

Data: 21/02/2013

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, Marisa Selbach, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Caí a partir do rio Caí, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em salões de iniciação científica e em outras publicações.

Marisa Selbach

Assinatura

Data: 25/02/2013

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, Cristiano Fausto Oederich, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Caí a partir do rio Caí, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em seminários e em outras publicações escritas.

Assinatura

Data: 21/06/2013

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, Jacob Christiano Selbach, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Caí a partir do rio Caí, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em seminários e em outras publicações escritas.

Jacob Christiano Selbach

Assinatura

Data: 26/06/2013

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, MARIO GLAESER, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Caí a partir do rio Caí, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em seminários e em outras publicações escritas.

Assinatura

Data: 10/10/2013

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, Renato Klein, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Caí a partir do rio Caí, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em seminários e em outras publicações escritas.


Assinatura

Data: 05/11/2013

ANEXO B - Autorização de publicação de biografia e imagens de Helena Cornelius Fortes



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Maurício Fortes, concordo em participar do projeto de pesquisa envolvendo a história da cidade de São Sebastião do Caí a partir do rio Caí, realizado pela pesquisadora Janice Roberta Schröder junto ao curso de Pós-graduação em nível de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Autorizo a publicação dos dados da biografia de Dona Helena Cornelius Fortes feita em sua homenagem e publicação de fotos de Dona Helena, com a intenção de valorizar seu livro: Reminiscências. Tenho conhecimento do caráter científico da pesquisa, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações poderão ser divulgadas em seminários e em outras publicações escritas.

Assinatura

Data: 05 de novembro de 2013.